



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**AS PECULIARIDADES DA VIOLÊNCIA NO CEARÁ: AVENTURAS E  
MANEIRAS DE FAZER O CRIME**

**MANOEL JOHNSON SALES SOUSA**

**FORTALEZA**

**2019**

**MANOEL JOHNSON SALES SOUSA**

**AS PECULIARIDADES DA VIOLÊNCIA NO CEARÁ: AVENTURAS E  
MANEIRAS DE FAZER O CRIME**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Cultura, política e conflitos sociais.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fábio Silva Paiva.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S697p Sousa, Manoel Johnson Sales.  
AS PECULIARIDADES DA VIOLÊNCIA NO CEARÁ: AVENTURAS E MANEIRAS DE FAZER O CRIME / Manoel Johnson Sales Sousa. – 2019.  
159 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019.  
Orientação: Prof. Dr. Luiz Fábio Silva Paiva..
1. Crime. 2. Estilo de Vida. 3. Violência. 4. Cultura do Crime. 5. Maneiras de Fazer. I. Título.  
CDD 301
-

**MANOEL JOHNSON SALES SOUSA**

**AS PECULIARIDADES DA VIOLÊNCIA NO CEARÁ: AVENTURAS E  
MANEIRAS DE FAZER O CRIME**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Cultura, política e conflitos sociais.

Aprovada em: 25/06/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luiz Fábio Silva Paiva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Cesar Barreira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Teresa Cristina Esmeraldo Bezerra  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Ao multiverso. À minha família. A todas as pessoas que caminham ao meu lado no decurso dos muitos tempos de lutas, desafios e vitórias.

## AGRADECIMENTOS

Grato ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Fábio Silva Paiva, sábio, zeloso, técnico, profissional, e acima de tudo, amigo. Sem as suas orientações eu não teria alcançado esses resultados, que são frutos das nossas conversas, dentro e fora da Universidade, das suas dicas e dos seus comentários carinhosos como, “isso é muita viagem”. Das muitas coisas boas que tenho colhido nas minhas “aventuras acadêmicas”, a sua amizade é certamente uma das mais memoráveis.

Grato também sou ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa durante o curso. A bolsa, num contexto de universidade pública e gratuita, em se tratando de estudantes não abastados, é puro “oxigênio”, sem o qual se torna quase impossível a dedicação adequada à vida acadêmica. Que os poderes públicos se convençam da sua importância e tenham a sabedoria e a generosidade de preservá-la e fortalecê-la, para o bem da Ciência e da inclusão social das juventudes trabalhadoras e das periferias.

Agradeço aos professores que colaboraram com o meu aprendizado e crescimento intelectual e pessoal desde a graduação. Seus ensinamentos me acompanharão por toda a vida e me são úteis tanto no mundo acadêmico como no cotidiano. Agradecimentos especiais à querida professora Simone Simões, uma das mais belas almas que já tive a sorte de ver cruzando o meu destino. Com você, aprendi o valor do campo, da etnografia, da observação participante, da sensibilidade perante a vida que acontece ao nosso redor, da vida dos outros, e da nossa própria que deve ser vivida com a profundidade, a alegria, a magia e a originalidade com que você conduz a sua. Grato!

Toda gratidão à minha família, à matriarca Raimunda de Sales, sempre presente, protetora e orientadora por toda a minha vida; ao meu pai, Manoel Rodrigues, vivendo em outra dimensão; ao meu irmão Márcio Sales, morador de outra linha temporal; a minha irmã Soni Sales, sempre atenta e pronta a ajudar ante qualquer dificuldade; aos meus irmãos Jones e Inácio e às suas famílias; a Du Rodrigues e família; à família da maravilhosa Maria Flor, alegria e ternura maior da casa de minha mãe. E ao Thomas, membro adotivo da família Sales.

E aos amigos e companheiros de luta e vitórias, Ana Cristina, Marcos Rodrigues, Jocélia Alves, Suiany Silva, Anderson e família Barros, Ozinete Santana, Joatan Junior, Renan de Maria, Dedé Pacheco, Egídio Guerra e Jocyianne Alves.

“O criminoso traz uma diversão à monotonia da vida burguesa; defende-a do marasmo e faz nascer essa tensão inquieta, essa mobilidade do espírito sem a qual o estímulo da concorrência acabaria por embotar. O criminoso dá, pois, novo impulso às forças produtivas”.  
(Karl Marx).

## RESUMO

Este trabalho é produto de um esforço para compreender as peculiaridades e maneiras de fazer crime no Ceará. Por meio da leitura crítica de produções anteriores que abordam o mesmo tema, consultando materiais diversos, como matérias de jornais e na internet, fazendo uso de ferramentas analíticas como músicas, séries televisivas, HQs e outras expressões da cultura *pop*, e principalmente por uma imersão profunda no campo empírico, tendo a “observação participante”, as conversas nas “bocas”, festas e locais de atuação de faccionários, e entrevistas semiestruturadas, como técnicas principais, chegando, assim, a um percurso teórico-metodológico que visa a alcançar os elementos sócio-histórico-culturais e os fatores envolvidos na produção das subjetividades de jovens integrantes do movimento criminal, identificando características psicossociais e comportamentos recorrentes e comuns nas maneiras de praticar crime no Ceará; distinguindo, junto aos pesquisados, um “jeito cearense de fazer”. Foram observadas as opções e renúncias feitas por jovens moradores das periferias e engajados no crime e o que eles entendem como consequências éticas, morais, culturais, econômicas e sociais advindas das suas escolhas, considerando detalhes de comportamento, como as novas expressões de intimidades que se dão mediante relações assimétricas, em que dinheiro e poder, de origem ilícita, fomentam relacionamentos que tanto desafiam como reforçam e ressignificam padrões morais vigentes. A fragmentação, o acirramento das disputas territoriais e a espetacularização violenta por meio de suplícios, chacinas e demonstrações públicas de crueldade são entendidos como características de um cenário em consolidação, onde o monopólio da violência está sendo disputado com o Estado e as demonstrações de força funcionam como elemento para dissuasão e afirmação de coletivos criminais. O estudo, realizado em comunidades localizadas nos Municípios de Itapajé, Paraipaba, Caucaia e Fortaleza, buscou ir além dos aspectos objetivos e materiais e avançar nas variáveis culturais do fenômeno, concluindo que, entre os entrevistados, os conflitos, arranjos e rearranjos éticos, que possibilitam o desenvolvimento de sociabilidades que ora desafiam, ora reafirmam e ressignificam a moral dominante, acomodando modalidades contraditórias e conflitantes de perceber e agir na sociedade, fundam um estilo de vida, baseado no crime, que oferece para jovens das periferias, identidades, opções de inclusão socioeconômica e a sensação de resistência contra a ordem instaurada.

Palavras-chave: Crime. Estilo de Vida. Violência. Cultura do Crime. Maneiras de Fazer.

## ABSTRACT

This work is the product of an effort to understand the peculiarities and ways of making crime in Ceará. Through critical reading of previous productions that approach the same theme, consulting various materials such as newspaper articles and internet sites, making use of analytical tools such as music, TV series, comics and other expressions of pop culture, and mainly through deep immersion in the empirical field, having "participant observation", the conversations in the "mouths", parties and places of action of factionalists, and semi-structured interviews as main techniques, thus reaching a theoretical-methodological path that aims to reach the socio-historical-cultural elements and the factors involved in the production of the subjectivities of young people who are part of the criminal movement, identifying psychosocial characteristics and recurrent and common behaviors in the ways of practicing crime in Ceará, distinguishing, together with the individuals surveyed, a "Cearense way of doing". The options and renunciations made by young residents of the peripheries and engaged in crime were observed and what they understood as ethical, moral, cultural, economic and social consequences of their choices, considering details of behavior as, the new expressions of intimacies that occur through asymmetric relations, in which money and power, of illicit origin, foment relationships that both challenge and reinforce and resignify existing moral standards. The fragmentation, intensification of territorial disputes and violent spectacularisation through torture, slaughter and public demonstrations of cruelty are understood as characteristics of a scenario in which the monopoly of violence is being fought with the State and the demonstrations of force function as element of deterrence and affirmation of criminal collectives. The study carried out in communities located in the municipalities of Itapajé, Paraipaba, Caucaia and Fortaleza, sought to go beyond the objective and material questions and to advance to the cultural aspects of the phenomenon, concluding that among the interviewees, the conflicts, ethical arrangements and rearrangements, that allow the development of sociabilities that now defy, and reaffirm and to resignify the dominant morality, accommodating contradictory and conflicting ways of perceiving and acting in society, founded a lifestyle based on crime, offering for young people from the peripheries, identities, options of socioeconomic inclusion and the sense of resistance against the established order.

Keywords: Crime. Lifestyle. Violence. Culture of Crime. Ways to do.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Parede na Sapiranga, proibição de roubos na comunidade.....	39
Figura 2 - Ordem de facção para moradores deixarem as suas casas.....	42
Gráfico 1 - Tamanho das facções no sistema prisional do Ceará.....	52
Tabela 1 - Quadro grupos, violências e crimes ao longo da história do Ceará.....	75

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADA - Amigos dos Amigos  
ALCE - Assembleia Legislativa do Ceará  
BPRAIO - Batalhão de Policiamento de Rondas e Ações Intensivas e Ostensivas  
BPMA - Batalhão Policial Militar Ambiental  
CPPL - Casas de Privação Provisória de Liberdade  
CV - Comando Vermelho  
CCPHA - Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência  
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
COPEN - Conselho Penitenciário  
FDN - Família do Norte  
FCH<sub>2</sub> - Fórum Cearense de Hip Hop  
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância  
GDE - Guardiões do Estado  
HBO - Home Box Office  
IHA - Índice de Homicídios na Adolescência  
LAV-UERJ - Laboratório de Análise da Violência  
LEV - Laboratório de Estudos da Violência  
LSN - Lei de Segurança Nacional  
MVI - Mortes Violentas Intencionais  
NUHAM - Núcleo de Habitação e Moradia  
ONU - Organização das Nações Unidas  
PM - Polícia Militar  
PIB - Produto Interno Bruto  
PCC - Primeiro Comando da Capital  
SEJUS - Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado do Ceará  
SSPDS - Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social  
AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida  
TCP - Terceiro Comando Puro  
UFC - Universidade Federal do Ceará  
HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
Alguns aspectos conceituais e metodológicos.....	18
Negociações e acordos no campo.....	28
<b>2 CEARÁ DE SANGUE</b> .....	36
2.1 No Ceará tem disso sim.....	36
2.2 “Veredas próprias” .....	43
2.3 “Cabras da peste” – 745 GDE.....	47
<b>3 AVENTURA, TRABALHO E CRIME</b> .....	60
3.1 Rapsódia ética .....	60
3.2 No Siará era assim.....	70
3.3 Das condições objetivas às dimensões culturais: razões do crime.....	82
<b>4 BANDITISMO CABOCLO, ÉTICAS MESTIÇAS</b> .....	87
4.1 Festa na fronteira.....	87
4.2 Intensidade como paradoxo na classificação qualitativa de modalidades de viver.....	92
4.3 Damas e vagabundos ou o caso das <i>Sugar Baby</i> da Periferia .....	100
<b>5 FRAGMENTAÇÕES NO CRIME CEARENSE</b> .....	115
5.1 Crueldade como “Representação-espetáculo”, disputas entre facções e delas com o Estado .....	115
5.2 A faccionalização do crime e a integração dos jovens em coletivos criminais. ....	120
<b>6 CRIME COMO ESTILO DE VIDA</b> .....	124
6.1 Estratificação, poder e crime .....	124
6.2 Viver do crime, viver o crime .....	129
6.3 Coisa nossa .....	134
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	140
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	146

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de um exaustivo e compensador desafio acadêmico, bem como da curiosidade sociológica que me guiou por comunidades e ruas, por visitas e revisitas a fragmentos da história do Ceará atual e de outrora, em meio a representações, falas e ações de jovens que aderiram a sociabilidades desviantes que terminam por influenciar a constituição das suas múltiplas identidades, percepções do mundo e a sua agência na sociedade, desafiando-a, munindo-se de um ethos insurgente que vai de encontro à “práticas reproduzidas e inseridas no tempo e no espaço” (GIDDENS, 2003. p. 200) e que se transfiguram na moral hegemônica atual.

São objetivos da pesquisa: compreender os vínculos e causalidades da violência e do crime, nas suas dimensões culturais e simbólicas; analisar nos seus aspectos histórico-sociológicos reincidências e recriações de tipos e maneiras de violência e crime, para ajudar no entendimento dos modos como se manifestam atualmente; identificar gostos e escolhas valorativas, explorando as ambiguidades contidas nas representações e práticas de agentes criminais para melhor entender a influência dos valores nas suas agências; conhecer as razões por trás da adesão dessas pessoas ao crime; examinar o fenômeno que envolve as manifestações de crueldade e a espetacularização da violência entre agentes criminosos; compreender como pessoas envolvidas com o crime analisam o seu modo de viver; conhecer as particularidades da violência e do crime no Ceará.

O estudo prioriza a apreensão das representações que pessoas envolvidas e afetadas pelo banditismo, violência e crime, expressam com base nas suas convicções, morais e éticas, e se apoia na cultura para buscar uma visão original para um tema já tão larga e competentemente esquadrihado pelas Ciências Humanas e, em especial, pela Sociologia.

O estudo expõe e discute o que compreende como peculiaridades da violência no Ceará e as maneiras locais de fazer o crime, ressaltando a importância da dimensão histórica e cultural e da análise sociológica dos acontecimentos e contingências que levaram ao estado atual desses fenômenos e às suas implicações sociais. Por tudo isto, o trabalho é também um convite a se aventurar no desbravamento de novas, e antigas, dimensões de uma realidade que cada vez mais impacta as vidas de milhões de cearenses, resultando em inusitadas modalidades de viver, aqui analisadas com suporte em fatos, dados, falas, e situações como a que se segue.

São três e vinte da manhã de uma sexta-feira. No som do *Cobalt*<sup>1</sup> preto, “*In Da Club*” do rapper americano *50 Cent*, faz a trilha para um “rolê” pelas ruas escuras do bairro “Tanques”<sup>2</sup>, na periferia da cidade de Paraipaba, distante 98 km de Fortaleza. O motivo da visita? A oportunidade de, em meio a uma festa *privê*<sup>3</sup>, *open bar*<sup>4</sup>, coletar mais informações para minha pesquisa de Mestrado em Sociologia. Estudo as peculiaridades da violência no Ceará: aventuras e maneiras de fazer o crime. E a festa com “supostos membros de facção”<sup>5</sup> parece um bom lugar para observar e memorizar<sup>6</sup>. Nos últimos dois anos, esse tipo de “evento” se tornou corriqueiro nas minhas incursões ao campo empírico desta pesquisa, em bairros de Fortaleza (Conjunto Ceará, Genibaú, Bom Jardim, Granja Portugal, Praia de Iracema), Caucaia (Nova Metrópole), Paraipaba (Cacimbão, Centro e Praia de Lagoinha) e Itapajé (Bela Vista, Santa Rita, Barateiro, São Francisco II e Centro). A escolha desses locais não foi arbitrária, pois são comunidades com as quais convivo há pelo menos 20 anos. Estou, razoavelmente, ciente dos seus fluxos, dinâmicas, e da sua “fauna”<sup>7</sup>. Em alguns desses lugares, passei períodos da minha adolescência e juventude, compondo parte do cenário que terminou por “evoluir” para o que hoje estudo.

Em sua larga maioria, os dados e informações deste trabalho foram colhidos em situações muito parecidas com essa, sem gravadores nas mãos, sem câmeras, sem caderno ou caneta, em meio a garrafas, vapores, e prazeres, nem sempre convencionais, na presença de armas, e pessoas desconfiadas, numa frequência intermitente que pudesse ser tolerada pelos interlocutores que nem sempre sabiam que estavam sendo estudados<sup>8</sup>. Em

---

<sup>1</sup> Carro do tipo sedan, da Chevrolet.

<sup>2</sup> Nome fictício para ocultar a comunidade onde se deu o evento. Também a cidade pode ter sido outra. Várias referências foram modificadas e comutadas entre os vários locais pertencentes ao campo empírico da pesquisa como parte dos acordos feitos com os interlocutores.

<sup>3</sup> Festa para convidados selecionados com nome na lista.

<sup>4</sup> Expressão inglesa que significa “bar aberto”, tipo de festa onde se pode consumir livremente todo o conteúdo do bar, sem limites e sem pagar.

<sup>5</sup> Segundo Dicionário Aurélio de Português Online – Fem. Plu. De Facção: 1. Grupo de indivíduos partidários de uma causa comum; 2. Bando político que maquina a ruína dos seus adversários; 3. Grupo dissidente de um partido; 4. Feito de armas. Também opto por usar os termos “coletivos criminais” e “grupos”, principalmente em relação a agrupamentos do passado (políticos, nativos, criminais), no entanto, o termo “facção” caberia em todos esses casos.

<sup>6</sup> Neste tipo de pesquisa, não é recomendável gravar, filmar, anotar ou fazer qualquer registro, para evitar suspeitas e até mesmo riscos à integridade moral e física, e de morte; pois, chegando a ambientes possivelmente frequentados por integrantes do crime organizado, todo cuidado é necessário. Assim, a memorização para posterior registro é o mais recomendado e foi assim que procedi na maioria das vezes.

<sup>7</sup> Alusão à música “Artigo 157”, do grupo de RAP Racionais MCs: “São Paulo é selva e eu conheço a fauna”.

<sup>8</sup> Opto por citar diretamente nessa dissertação os materiais obtidos junto aos interlocutores que tinham pelo menos a mínima noção de que estavam sendo submetidos a uma pesquisa; em relação aos demais, colaboram num contexto de “nexo causal” para a minha compreensão e cooperam de modo indireto com a elaboração.

alerta permanente, já que grande parte dos lugares e situações flertava com a clandestinidade, transgressão moral e social, senão, com o próprio crime. É que lastreio as minhas pesquisas, na visão de Friedrich Nietzsche em relação ao estudo do homem comum. Para ele, tal estudo, se prolongado e sério, carece de muito tato, repugnância dominada, familiaridade e más companhias; lembrando que toda companhia, exceto a de nossos iguais, “é má” (NIETZSCHE, 2001. pp. 38-39). Considero que isso é, para o sociólogo, igual ao que o Pensador alemão acreditava ser para todo filósofo: um capítulo necessário na vida.

Esta é uma pesquisa sobre violência e crime. É também um estudo sobre “desvio”, conceito entendido e trabalhado ao longo do texto como, consequência das reações dos outros aos atos de uma dada pessoa (BECKER, 2008). O que é tipificado pelo Estado e pela sociedade como crime e o que é por eles considerado violência (por mais fragmentado que este entendimento se apresente) delineiam os contornos desta pesquisa. Procuo não perder de vista o peso e as consequências advindas dos rótulos aplicados a amplos setores sociais por outros setores instituidores e defensores de certas regras, marcadas por seletividades e interesses, declarados ou não, visando a compreender problemas relacionados com a violência, abstraindo valores morais que constituem a sociedade e considerando o que os agentes envolvidos em desvios têm a dizer sobre as suas ações.

Esta foi uma pesquisa que possibilitou estratégias não convencionais e distintas maneiras de representar o social (BECKER, 2009). Por isso o *RAP*<sup>9</sup> - proeminente em fazer esse tipo de representação - foi fundamental durante toda a pesquisa, ajudando a decifrar códigos, a entender falas e condutas, e mesmo a fazer a aproximação, gerar identificação com os interlocutores que ainda o veem como “porta-voz do gueto”, e (principalmente o *gangsta RAP*<sup>10</sup>) como trilha sonora para o crime. Outros recursos da “cultura *pop*” foram utilizados como ferramentas analíticas, a exemplo de filmes, séries e músicas.

---

<sup>9</sup> Palavra formada pelas iniciais de *Rhythm And Poetry* (ritmo e poesia) é um estilo musical que cria a sua sonoridade, principalmente, por meio da mixagem de vários estilos. O *RAP* articula a tradição africana ancestral com a moderna tecnologia, produzindo, prioritariamente, um discurso de denúncia da injustiça e da opressão. Junto com o grafite e com o *breakdance*, compõe a cultura *Hip Hop* (DAYRELL, 2005. p.p. 46-47).

<sup>10</sup> Variação do *RAP*, originário dos *EUA*, marcada por permear o universo da criminalidade e das gangues, em que o *gangsta* torna-se figura principal [...] em escala mundial, devido à indústria fonográfica e à mídia, o *gangsta rap* norte-americano possui significativo público (MACEDO, 2011. p.273). No Brasil, esse tipo de música já passou por diversas transformações e adquiriu inclusive conteúdos mais sociais, mantendo-se, no entanto, fortemente identificado com o crime.

Este – como diria Becker – “[...] nunca foi um projeto de pesquisa convencional”, apesar de fazer parte de uma formalidade acadêmica convencional: uma dissertação de mestrado. Eu vim das ruas, e ainda permaneço nelas. Já fui “de rua” e atualmente estou “na rua”<sup>11</sup>. Minha relação com a cultura popular (HALL, 2006) da periferia, em especial com o *RAP* e com o *Funk*<sup>12</sup> e a militância no movimento cultural e social, me dão a possibilidade de, mesmo na condição própria de todo sociólogo, não ter na cabeça, de forma exclusiva, as maneiras de falar que os sociólogos usam rotineiramente (BECKER, 2009), e acredito que isso ficará evidente ao longo do texto; ao mesmo tempo em que peço a compreensão e espero que tal peculiaridade não prejudique a estética e a objetividade científica do trabalho. Afinal, técnico não significa necessariamente difícil, “e certamente não significa jargão” (MILLS, 2009, p. 51); além do que, “[...] jamais poderá ser tarefa de uma ciência empírica proporcionar normas e ideais obrigatórios, dos quais se possa derivar ‘receitas’ para a prática”. (WEBER, 2016. p.212).

Muito da minha vida pessoal, como minhas experiências na militância cultural e social, as atividades profissionais relacionadas com o fomento ao desenvolvimento de comunidades e principalmente o estilo de vida, predominantemente notívago, ligado à musicalidade marginal do *funk* e do *RAP* e vivido, em grande parte, nos espaços estigmatizados e marginalizados das periferias urbanas do Ceará, contribuiu para me trazer até aqui. O estudioso das Ciências Sociais, deve - ensina Mills (2009) - lançar mão da sua experiência de vida em seu trabalho intelectual, usando as influências de seu passado em trabalhos futuros, elevando cada experiência em nível de reflexão, moldando a si mesmo como um artesão faz com as suas obras. Considero o desenvolvimento desse “artesanato”, uma das conquistas desta pesquisa.

Parece-me importante assinalar, acredito, que o conjunto de relações estabelecidas no percurso da pesquisa, com todas as especificidades, constituem relações

---

<sup>11</sup> Utilizo as expressões “de rua” e “na rua” para diferenciar os atores protagonistas de atividades urbanas do tipo artístico-cultural e ou social, considerando os primeiros como aqueles que efetivamente vivem o dia a dia das ruas, enfrentando e sofrendo as suas contingências próprias e que têm essas condições referenciadas na sua condição social objetiva. E os “na rua” como aqueles que interagem com as realidades da rua, decodificam os seus símbolos, inferem as suas visões e obras dessa realidade, compartilham em algum nível dos resultados e efeitos das contingências da rua, mas que gozam de condições sociais que os tornam, quando não imunes, mais resistentes e mais bem protegidos em relação às consequências e efeitos da rua.

<sup>12</sup> O *Funk*, como o *RAP*, tem origem no *Soul* que, por sua vez, é uma junção do *Rhythm and Blues*, uma música profana, com o *Gospel*, música protestante negra. O antepassado do *Funk* é o *Funky* que radicaliza o *Soul* com ritmos mais marcados e arranjos mais agressivos, originariamente, uma expressão de cunho pejorativo, foi adotada como símbolo do orgulho negro e podia ser aplicada a tudo: uma roupa, uma atitude, uma comunidade e uma forma de tocar música que ficou conhecida como *Funk* (DAYRELL, 2005. p. 46).

sociais que exercem fortes influências sobre as informações obtidas (BARREIRA, 1998), e que me esforcei para aproveitar essas relações como recursos de otimização do trabalho de campo, adotando, como regra, não condenar, nem absolver. Preferencialmente, evitar juízos de valor.

Não se escapa, no entanto, dos dilemas éticos e das dificuldades morais de estar em convivência e certa “cumplicidade” com pessoas envolvidas com atividades criminosas, que muitas vezes ameaçam e até ceifam vidas humanas. Os nossos encontros se deram, geralmente, em momentos festivos, descontraídos e afastados das atividades centrais da sua “profissão”. Sempre “vazava”, entretanto, alguma coisa de ilícito para o campo da pesquisa, fosse o consumo de alguma substância proibida, alguma fala comprometedor, ou mesmo alguma atitude pouco, ou nada, recomendável, considerando-se a moral instituída e a lei.

Tais dilemas e tensões foram trabalhados por Aquino (2009), quando ela estudou bastidores de grandes roubos e conviveu com personalidades do mundo do crime e com uma vasta rede de relações deste universo. O fato de guardar sigilo, frequentar residências de criminosos, estabelecer laços de afetividade e sociabilidade, participar do seu cotidiano, optando por omissões e silêncios, a incomodou. Mesmo impactada, porém, pelas questões éticas, ela reafirmou o papel social predominante nas suas ponderações, ou seja, o ofício de pesquisadora.

Tal condição me impõe a obrigação de não revelar informações capazes de prejudicá-los ou colocar em risco o anonimato de suas identidades (AQUINO, 2009. p.65)

Compartilho, em parte, do mesmo incômodo, e sinto a mesma obrigação inerente ao papel de pesquisadores em relação aos pesquisados. A pesquisa compreensiva, entretanto, exige que se escute os outros e se busque, com suporte nos seus repertórios, entender os sentidos que eles emprestam ao mundo social. Penso que imergir no universo no qual se desenvolvem as ações desviantes e com elas interagir, no papel de pesquisador, não me faz cúmplice dos desvios, pois não protagonizo ou compactuo com planos de efetivação destes. Meu interesse é saber o que os desviantes pensam, que sentidos atribuem a coisas que já fizeram, ações do passado, atos já efetivados. Por conseguinte, a despeito dos meus dilemas morais, é a condição de pesquisador que se sobressai.

## Alguns aspectos conceituais e metodológicos

Pretendo deixar que o conjunto da metodologia empregada venha se revelando, sendo percebida e compreendida no curso do texto, como foi se desenvolvendo no decorrer da pesquisa. Importante é exprimir que metodologia é considerada aqui como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, pensando-a para além da sua modalidade exterior, como técnicas e instrumentos de pesquisa, síntese da articulação entre conteúdos, pensamentos e experiências empíricas, incluindo nesta concepções teóricas de abordagem, articulando teoria e metodologia, essencialmente como um “conjunto de técnicas” que possibilitariam a construção da realidade (ou de realidades), instrumental claro, coerente, elaborado e capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática; o tal “[...] sopro divino” do “potencial criativo do pesquisar, que deve prescindir da ruptura e da inventividade no processamento da investigação social”. (MINAYO, 1994).

O objeto estudado foi, primeiramente, “descoberto” nos seus delineamentos iniciais, em meio a uma crescente inquietação sentida, já há alguns anos, por este pesquisador, ao perceber nos trabalhos sociais realizados em comunidades periféricas - alguns no âmbito do movimento *hip hop*<sup>13</sup>, outros, em decorrência de trabalhos profissionais com desenvolvimento local e *advocacy*<sup>14</sup> - que aumentava o número de adesões de jovens ao crime. As inúmeras matérias nos jornais, as redes sociais, e a televisão reforçavam essa percepção.

Com base em algumas interações com pessoas envolvidas com atividades criminais nas comunidades onde atuava, fui notando que essas adesões traziam um componente qualitativo relacionado com valores. Daí nasce e vai crescendo a minha curiosidade sobre se, e como, seria possível para essas pessoas resolver alguns dilemas ético-morais derivados dessa escolha, ou conviver com a não resolução deles. Dessa maneira, a curiosidade científica e a inquietação social me levaram a tentar compreender melhor algumas noções de ética e de moral, e a relação destas com o aumento das atividades desviantes e do crime. Entendo “compreensão”, no sentido weberiano, como interpretação do significado ou do complexo de significados efetivamente pretendidos

---

<sup>13</sup> Movimento sociocultural planetário que tem a música (*RAP*), a dança (*Breakdance*) e a pintura (Grafite) como base e como catalisadores e mobilizadores das lutas e aspirações de jovens e dos praticantes dessa cultura popular.

<sup>14</sup> Defesa de causas, prática também conhecida como “*lobby do bem*”, e Empregada principalmente para influenciar políticas públicas.

num caso particular, em uma média e aproximadamente, ou a serem construídos para o “tipo ideal” de um fenômeno frequente (RINGER, 2004, p. 158).

A “compreensão”, como considerada por Weber (2001), é “valor” que ocupa posição de um “valor superior” e dotado da capacidade de tirar proveito da faculdade valorativa dos homens em favor da própria objetividade, definindo que a análise deve considerar exatamente os valores como objeto, fazendo da análise “[...] o mapeamento de conteúdos que conferem sentido às ações sociais”, permite entender-se que, para ele, a Sociologia é sociologia da moral (WERNECK, 2013).

Em razão do interesse sobre aspectos de ética e também moral como elementos constitutivos do campo empírico e do universo epistemológico nos quais se inscreve o objeto estudado, e buscando um ponto de partida que fornecesse o “fio da meada” no que se refere ao conhecimento acerca dos elementos psicossociais presentes nas práticas desviantes, criminosas e violentas às quais a pesquisa dedica foco e atenção, interessou-me, da obra de Holanda (1995), o *ethos* que sustenta os tipos “trabalhador” e “aventureiro”, numa perspectiva de enxergar esses tipos como recursos para análise e compreensão das éticas vinculadas à formação histórica e cultural da sociedade brasileira, e desde então, buscar relações entre o “perfil psicossocial do brasileiro<sup>15</sup>” e as atuais expressões do crime em suas características marcadamente nativas. Por outro lado, o entendimento das éticas como construções explicativas e como imposições de certa interpretação que remete a impulsos, forças e vontades de potência, presentes na obra de Friedrich Nietzsche<sup>16</sup>, também influenciam este trabalho.

Distinguir moral de ética não é tarefa simples, e, no geral, talvez nem seja algo realmente necessário. Em se tratando deste estudo, porém, classificar determinadas ações e mentalidades como pertencentes ao “reino da moral” e outras como próprias da “ética” tem uma importância metodológica, cumpre papel relevante para as táticas analíticas adotadas. A maneira como abordo, no entanto, moral e ética funciona, para alcançar os resultados que busco, com a moral sendo considerada num contexto de compatibilidade com a Teoria da Estruturação (GIDDENS, 2003), onde lhe são atribuídas qualidades relacionadas com papéis de coerção e facilitação, em cenários onde éticas insurgentes contestem a sua posição hegemônica.

---

<sup>15</sup> Perfil psicossocial – compreendido em relação a um “tipo ideal” que incorpore características sociais e psicológicas associáveis ao brasileiro médio com base no pensamento de HOLANDA (1995).

<sup>16</sup> Consideradas na perspectiva de impulsos éticos relacionados com realização, ambição e esforço para alcançar a melhor posição na vida, em detrimento das regras e valores da moral hegemônica na sociedade.

No decorrer da pesquisa, utilizo expressões como “moral instituída”, “moral vigente”, “moral estabelecida”, “moral predominante”, “moral hegemônica” e “moral dominante”, para acentuar os aspectos coercitivos e universalizantes da moral (ou morais) predominante (s) na sociedade, em relação às contradições e fricções desta (s) com o que entendo como éticas insurgentes, discrepantes e/ou desviantes, dos indivíduos e dos grupos analisados. A “ética”, para efeito desta pesquisa, foi tratada como relativa ao “mundo interior” do indivíduo e extensiva às suas relações sociais em grupos influenciados por valores semelhantes e/ou aproximados à sua “ética”, e em contraste e comparação com a moral predominante na sociedade a qual o indivíduo integra.

Dessa maneira, determinados “arranjos éticos” também poderão ser entendidos, em algumas circunstâncias, como elementos de uma contramoral, como um conjunto de valores que no meio social se contrapõem às normas impostas de modo tácito ou institucionalmente, reivindicando ou forçando mudanças na moral instituída, ou, ainda, funcionando como antítese e se mantendo às margens e em contraposição a esta. “Ética”, como impulsos humanos apontando para o autofortalecimento, independentemente da moral estabelecida, e até se insurgindo contra ela; como representação e elemento instigador e inspirador da agência humana, sem a qual as sociedades humanas não existiriam (GIDDENS, 2003. p.2001). Ainda, como elemento de aquiescência nas situações em que há compatibilidade e/ou sinergia entre a ética híbrida (no sentido de operar com valores contraditórios, tais quais os valores relacionados com o “trabalho” e os valores que têm mais a ver com a “aventura”) do agente e os princípios éticos instituídos e universalizados pela moral dominante.

Em várias situações observadas, na pesquisa, agentes que declaram ou demonstram orientar-se, prioritariamente, por valores relacionados com o tipo ideal “aventureiro” que, em relação ao nosso sistema social, representa mais o desvio do que a corroboração, acolhem valores distintivos do tipo “trabalhador”, que, em tese, prevalecem na sociedade, por sentirem que estes podem facilitar a realização dos seus objetivos. Isto seria - guardadas as proporções - mais uma demonstração do teorema “[...] segundo o qual todas as propriedades estruturais dos sistemas sociais são tanto facilitadoras quanto coercivas (GIDDENS, 2003. p.209).

De outra maneira, a ética é compreendida, nos termos deste estudo, como aparato de uma caixa de ferramentas moral, ou seja, como “dispositivo moral”, como abstrações que podem ser usadas para efetivar ações e situações; também com características de

*actante*<sup>17</sup>; compreensão esta que se relaciona com os estudos da Sociologia da Moral, de Werneck (2013).

Por questão de método, optei por inscrever o tipo “trabalhador”, predominantemente, no campo da moral vigente, e o tipo “aventureiro”, preferencialmente na dimensão da ética insurgente, tentando não os imobilizar nos respectivos polos em que os circunscrevi. Isto porque me interessa, sobremaneira, observar a mobilidade desses tipos no interior do sistema social. Note-se, aqui, o tratamento da moral em aproximação com o que Giddens (2003) entende como “coerção estrutural”. Considero essa aproximação como essencial para alcançar os objetivos metodológicos almejados.

O uso que faço desses tipos ideais buarqueanos, todavia, não se mostrou suficiente para dar conta da complexidade do objeto. Notei que havia, sobretudo, algo de mais singular, mais endógeno, nas manifestações das maneiras de fazer crime no Ceará. Fui estudar essas peculiaridades, examinando o fluxo histórico da sociedade cearense, identificando reificações, atualizações e reincidências de concepções e práticas sociais relacionadas com o fazer, com o compreender e com o aceitar a violência e o crime em termos históricos e culturais, pelo nosso sistema social.

Ainda no tocante ao método, cumpre dizer que a leitura e o uso que faço do conceito de “aventura” extrapolam os limites do tipo ideal “aventureiro” da obra de Holanda (1995), estendendo-se para um entendimento da aventura como “[...] dimensão positiva dos riscos que, contrapondo-se à perspectiva racionalizadora da análise dos riscos, constituem deslocamentos importantes dos sentidos dos riscos na sociedade contemporânea”. É significativa para os resultados da pesquisa a conexão entre risco e aventura, no tocante à ousadia passível de conduzir a descobertas; como também a associação entre risco e aposta, no contexto da aventura como potencialidade de perdas e ganhos (SPINK, 2005). A noção de aventura, aqui utilizada, vem imbricada com a de risco e aproxima-se do *fateful activities* (“atividades fatais” em tradução livre) de Goffman (1972), aqueles eventos consequentes, que têm desfechos que vão além do evento propriamente considerado; e que são problemáticos, com um grau de incerteza no tocante aos resultados, dadas as ocasiões em que se manifesta o caráter. Alguns dos seus

---

<sup>17</sup> Aquele ou aquilo que pratica um ato e que faz diferença na narrativa. Trata-se de um ente dotado de capacidade determinadora de suas ações, influenciando as ações de outros. E esse ente pode ser de qualquer natureza, uma pessoa, um animal, um objeto, uma ideia (WERNECK, 2013, p. 708).

aspectos só podem ser manifestados quando se descarta a prudência, pois os prudentes tendem a abrir mão de oportunidades para demonstrar alguns atributos do caráter (IDEM).

Aventura e risco serão noções conjugadas nas análises do envolvimento dos indivíduos com a violência e com as maneiras de fazer o crime no Ceará. A figura do aventureiro será explorada, para efeito da pesquisa, no seu mais alto grau, como o “valente” (OLIVEIRA, 2016), aquele mais capaz de “[...] um completo abandonar-se às forças e às chances do mundo, que tanto podem nos favorecer como nos destruir” (SIMMEL, 2005, p. 175). Outro conceito bem expresso no texto é “mestiçagem” (as vezes “miscigenação” ou algum outro derivado), utilizado, predominantemente, de uma forma a alargar o seu significado, se distanciando dos seus usos mais recorrentes, limitados ao biológico, como mistura de raças, e explorando o seu alcance cultural e psicossociológico. Esses termos estão empregados em contextos em que “a metáfora supre a referência concreta” (PAIVA, 2017), aplicando-se à mistura de valores diferentes e até mesmo contraditórios que subsistem em arranjos éticos provenientes do perfil psicossociológico do cearense, forjado pela jornada “civilizatória”<sup>18</sup> e pelas contingências do seu devir social e ontológico.

Esta pesquisa buscou conhecer, com suporte em realidades específicas, ao menos uma parte, do vasto panorama de singularidades e mutações que o crime consegue empreender no interior de um cenário que, a olhos desatentos, parece dado, uniforme; mas que, na verdade, flui de modo caótico e em meio a disputas não só físicas, mas também conceituais, e de hegemonia, que dizem respeito à instrumentalização da violência, maneiras de desenvolver, na prática, o ofício criminal, e as motivações dessas atividades, que podem se vincular a uma acumulação capitalista de riquezas ou a uma *vendetta* social, ou a ambas. Tudo isso em uma convulsão moral que contrapõe, articula e “miscigena” éticas em arranjos morais específicos que desafiam a moral instituída e se sobrepõem, se encadeiam e se fundem, no devir da sociedade.

Outro aspecto que envolve – no escopo da pesquisa - o crime, os seus agentes, e o fluxo histórico no interior do qual se movimentam, é que nem tudo, a esse respeito,

---

<sup>18</sup> Tudo sobre “Civilização”, será entendido, doravante, neste trabalho, nos termos de Elias (1994, p.26. Apud RONDON FILHO; FREIRE, 2009, p.5), como conceito polissêmico de acepções variáveis, indo de nível de tecnologia, tipos de maneiras, desenvolvimento científico, tipo de habitações, costumes, entre outros; como a consciência que o Ocidente tem de si e porta características de povos inteiros ou de determinadas classes. Para o autor, ocorre uma cristalização da história nesses conceitos que são transmitidos de geração para geração.

pode ser reduzido a uma perspectiva racional. Sobre isto, Thiry-Cherques (2009) entende que o pensamento weberiano considera que o processo histórico se rege por uma série difusa de elementos “não racionais”, racionais e irracionais justapostos. É exatamente com procedência na história que se desenvolve boa parte das análises a que submeto o objeto. E foi essa escolha metodológica que me possibilitou abordar o tema em sua complexidade, considerando variáveis racionais e meta-racionais; e, entendendo muitas das racionalizações, tanto dos agentes do crime como do próprio pesquisador, como tentativas de dar sentido e orientação a essa não racionalidade (THIRY-CHERQUES, 2009. p.905).

Alguns dos paradigmas confrontados pela pesquisa estão relacionados com o entendimento de que, quando o assunto é o crime no Ceará, nem tudo tem a ver com o mercado, nem tudo é ganância, nem tudo é maldade e nem tudo é novidade. E a História - vista pelo olhar de Weber, que “[...] inimigo das noções simplistas dos estágios evolutivos ou de outras características mais nítidas que os teóricos tentavam impor às complexidades da realidade histórica”, a enxergava “[...] como um processo de conflito confuso e multidimensional entre diversas frentes” (COLLINS, 2009. p. 81) - como a cultura, tem muito a contribuir, a desnudar. E essa foi uma opção abraçada pela pesquisa. Afinal, a Sociologia “[...] busca entender interpretativamente a ação social e, assim, explicá-la causalmente na sua progressão e nos seus efeitos”, e desenvolve conceitos tipológicos procurando encontrar regras gerais para os acontecimentos, em contraste com a história que, por sua vez, realiza a análise causal das ações, estruturas e indivíduos culturalmente significantes, diz Weber, citado em Ringer (2004. p.158).

Se os tipos ideais de Sergio Buarque ajudaram a chegar a conexões e causalidades envolvendo as bases da “civilização” brasileira e os cenários atuais do crime no País, a História da sociedade cearense, contada por Airton de Farias em diálogo com autores como Capistrano de Abreu, Raimundo Girão e Pompeu Sobrinho, me mostrou elementos com base nos quais, se pode tentar observar aspectos da gênese sociológica de parte da violência *made in* Ceará. Enquanto nas periferias, como diria a idiossincrásica antropóloga Simone Simões<sup>19</sup>, o campo “falava”.

Foram 549 dias de pesquisa em 15 comunidades distintas, com cerca de 80 conversas realizadas. Também foram feitas algumas entrevistas semiestruturadas. As

---

<sup>19</sup> Professora e pesquisadora da Universidade Federal do Ceará, entusiasta da etnografia e do trabalho de campo.

conversas foram, na maioria dos casos, as modalidades possíveis de extrair os dados e informações necessárias, perante pessoas que rejeitaram outros meios de colher tais informações e que se mostraram desconfortáveis e refratárias ante opções mais formais e elaboradas como entrevistas com questionários, entrevistas gravadas ou filmadas e/ou grupos focais. Parece é que desconfiam de algo mais elaborado e formal e não se sentem à vontade falando em ambiente coletivo com a presença dos seus companheiros de desvios. Ou seja, aqui não prevaleceu o pressuposto de que, em grupo, os indivíduos retratariam melhor a dinâmica grupal (LALANDA, 1998). Mesmo assim, foi possível realizar uma conversa coletiva e duas entrevistas semiestruturadas com jovens envolvidos com o tema estudado.

As conversas realizadas se configuram em “entrevistas em profundidade” pois me permitiram abordar o universo subjetivo dos atores, as suas representações e os significados que eles atribuem ao mundo que os cerca, bem como aos acontecimentos que relataram como fazendo parte da sua história; e, em razão delas, poderem ser definidas pelo aspecto da “dimensão narrativa” e pela emergência de um “eu social”. São indivíduos contando as suas histórias em dados momentos e situações, enquanto a pesquisa avança transpondo as singularidades de cada narrativa, para estabelecer uma representação sociológica dos componentes sociais coletivos das situações estudadas (LALANDA, 1998. p.875).

Em se tratando da pesquisa semiestruturada – que, de acordo com May (2004), tem “caráter aberto”, com o entrevistado respondendo perguntas dentro de sua concepção, mas, sem falar livremente, pois o pesquisador mantém seu foco e se esforça para não o deixar fugir do tema - esta permitiu que eu administrasse melhor o meu foco ante a liberdade de fala dos entrevistados, com maior direcionamento das questões, com menos imprevisto e maior assertividade, diminuindo as margens de evasão do tema e possibilitando a exploração de nuances específicas que se encontravam sem resposta ou apenas parcialmente compreendidas.

As conversas, por sua vez, cumpriram o papel de possibilitar maior amplitude na abordagem do tema. As pessoas alcançadas pela pesquisa, com base em conversas informais, se sentiram mais livres e abordando dimensões dos fenômenos, que, *a priori*, não constavam do roteiro de pesquisa. Destacam-se os pontos referentes a relacionamentos amorosos e intimidades, sexualidade, contradições internas dos coletivos criminais ou da forma de viver, além de valorações que aparecem nas conversas,

mas que tendem a não se revelar quando percebida alguma formalidade, seja a presença de um questionário, um papel e caneta para anotações, ou qualquer meio de registro. Percebi que, até o ato de pré-agendar uma conversa poderia fazer com que ela não ocorresse ou se desse de modo truncado e nervosa. Por tudo isto, o estudo priorizou as conversas e fez uso da pesquisa semiestruturada, especificamente, como recurso para esclarecer e/ou aprofundar determinados pontos.

A imersão profunda, com a intensificação das visitas às localidades e as conversas com interlocutores, foi antecedida por uma fase exploratória de levantamento e retomada de antigos contatos relacionados com o mundo das ruas, nas comunidades escolhidas como campo, e pela coleta de informações para prospectar a primeira noção dos cenários que eu encontraria ao adentrar os territórios. Os locais de pesquisa foram escolhidos com base em dois pontos principais: a incidência de desvios e crimes relacionados com facções, e a presença de contatos que pudessem colaborar com a inserção e com a decodificação de informações, além de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa com o melhor nível de segurança possível.

Sobre a importância de uma fase exploratória e acerca do papel dos contatos tratados como “informantes-chave” ou colaboradores que podem funcionar como conselheiros e até mesmo como “protetores”, defendendo o pesquisador contra incidentes, mal-entendidos, gafes e desavenças ao longo do trabalho de campo, encontrei inspiração e exemplo bastante instrutivo e esclarecedor em White (2005) e seu clássico da Sociologia Urbana, *Sociedade de Esquina*.

Nesta pesquisa, os colaboradores<sup>20</sup> foram de enorme importância e terminaram por também desempenhar os papéis de conselheiros e “protetores”, além de cancelar a entrada no campo empírico. Eles não estão nominados como “informantes-chave”, não são *Docs*<sup>21</sup> como em *Streer Corner Society*, mas têm tanta relevância, junto com os autores abordados, os entrevistados e pesquisados, as bancas avaliadoras e o orientador, que considero o presente texto, como, aliás, todo trabalho científico, como uma construção criativa, coletiva e colaborativa, conduzida por um pesquisador, mas amalgamada com o pensamento, experiências e saberes de muitas mentes.

---

<sup>20</sup> Maiores informações sobre os colaboradores da pesquisa foram propositadamente omitidas em decorrência de acordos entre as partes envolvidas. Dessa forma, não serão dadas informações detalhadas sobre os intermediários e/ou sobre a posição ocupada por alguns dos pesquisados, na hierarquia dos coletivos criminais.

<sup>21</sup> Doc – nome do informante-chave que exerceu grande influência sobre a obra *Sociedade de Esquina* – A estrutura de uma área urbana pobre e degradada”, de William Foot White.

A fase exploratória foi fundamental para melhor delinear o objeto de estudo. Foi a partir das conversas e observações realizadas nessa etapa que emergiram sinais de diferenças importantes, e até então incógnitas, entre o fazer criminoso dos indivíduos abordados e as realidades nacionais do crime, impulsionando a pesquisa na busca por esclarecimentos para essas discrepâncias. Este estudo, é, principalmente, uma formulação teórico-etnográfica, aprimorando a teoria com apoio no confronto permanente com dados novos e novas experiências de campo, resultando numa constante bricolagem intelectual, e, como defendeu Edmund Leach, tem, também, como todas as etnografias - essas formulações que nos exigem destemor em explorar o mundo, a negação de demarcações de fronteiras intelectuais, a disposição em nos expor ao imponderável e ver vulnerável até mesmo a nossa cosmologia, embrenhando-se entre eventos, palavras, cheiros, textos, sabores, enfim, tudo aquilo que afeta os nossos sentidos e se converte em materiais para analisarmos - um quê de ficção, pois não são, não podem ser nunca, um retrato fiel da realidade (PEIRANO, 2014. pp. 381, 382, 383).

O objeto de estudo, *Peculiaridades da Violência no Ceará: aventuras e maneiras de fazer o crime* foi se constituindo pela força do campo e pela revisão bibliográfica atenta. Nesse percurso, a revisão bibliográfica e o trabalho de campo desempenharam, simultaneamente, um papel colaborativo na construção do objeto. Tal colaboração recebeu ainda o reforço de todo o cabedal próprio do meu arquivo pessoal (MILLS, 2009).

Definido o objeto, também a maior parte das ferramentas analíticas já se encontrava disponível. Desde o projeto de pesquisa, havia a pretensão de lançar mão da cultura popular da periferia e da “cultura *pop*”, como recursos de análise. Eu já tinha explorado algumas centenas de páginas da literatura mais recente sobre o tema e afins, e de alguns clássicos que me servem como referência nesta obra, além de invocar a trajetória pessoal, experiência de vida e as influências do passado, para compor e reforçar a metodologia.

Em relação ao campo, já o frequento há vários anos para ações profissionais, de ativismo social, outros estudos acadêmicos e atividades decorrentes do meu *Lifestyle*<sup>22</sup>. A militância no movimento social me possibilitou o acesso a todas essas comunidades e a alguns importantes agentes envolvidos na produção colaborativa que ora apresento. Esses fatores foram de grande importância para o bom desenvolvimento da pesquisa e me

---

<sup>22</sup> Estilo de vida, em tradução livre. No meu caso, notívago, e em constante interação com comunidades e periferias do Ceará.

pouparam muito trabalho, além de significar maior segurança e eficácia nas abordagens realizadas.

Em se tratando da cultura *pop*, poderão ser notados, em alguns momentos, a influência e o uso de elementos do seu universo, como recursos analíticos. Outro recurso, permanente, será o uso das letras de *RAP* como instrumentos de análise e decodificação de algumas linguagens e representações muito próprias das juventudes das periferias, e que serão fundamentais no desenvolvimento desta pesquisa. Somando-se ao reconhecido valor desses instrumentos, já muito usados em vários trabalhos sociológicos, antropológicos e acadêmicos, a minha relação de mais de duas décadas com esse estilo musical tem peso significativo na escolha. Afinal, a atuação artística no *RAP* me possibilitou o primeiro contato com o que, a partir da entrada no curso de Ciências Sociais, identificaria como uma espécie de etnografia das realidades periféricas do Brasil e do mundo. Além do mais, muitos dos interlocutores, entrevistados e pesquisados, deste trabalho, se identificam com esse estilo musical e o reconhecem como porta-voz das suas ideias, aspirações e condição social.

No mais, esta pesquisa tem ainda, um pouco de *egotrip*<sup>23</sup> e de reencontro com realidades, lugares e pessoas que me pareciam superadas, esquecidas, deixadas para trás ao longo da caminhada. Percebi, no entanto, que não. Esse também foi um estudo em que a subjetividade teve muitas vezes que “apreender a latência, o não-dito, as contradições, necessários à compreensão do funcionamento social”. (MARQUES, 2002). O não dito publicamente, mas “empunhado” nas investidas da “infrapolítica”, o discurso oculto individual e/ou coletivo na dimensão e importância que Scott (2013) lhe concedeu, joga um papel decisivo na exegese demandada pelo esforço científico empregado neste trabalho, e se torna imprescindível para a compreensão de determinadas peculiaridades do fenômeno examinado. Como indispensáveis foram Foucault, Weber, Bourdieu e Castells, para o entendimento do tipo de fragmentação do crime no Ceará e como essa fragmentação dialoga e comunga com uma “identidade de resistência” forjada ao longo do devir da sociedade. Da mesma forma, Certeau forneceu lentes para enxergar as maneiras de fazer do crime cearense como astúcias dos mais fracos, como “táticas”, como movimentos realizados em um “não-lugar” e dentro do campo de visão do inimigo.

---

<sup>23</sup> Em tradução livre, a união da palavra *Ego* (do latim, “eu”) com o termo em inglês *Trip* (“viagem”), significando uma viagem ao ego, ou, uma viagem do eu.

O estudo encontrou pessoas adotando estilos de vida em que a moral coercitiva da sociedade e a sua moralidade pessoal, composta por arranjos éticos insurretos, podem ser mobilizadas como dispositivos morais que apoiam e ajudam a determinar caminhos diante de ações e situações, e que também definem a maneira como as suas ações serão justificadas, ora com base numa universalidade de valores, ora levando em conta a circunstância, conforme lhe convenha. E é isto que possibilita as interações teórico-metodológicas com Werneck (2013) e com a sua “Sociologia da moral como sociologia da agência”. Essa interação foi providencial para ajudar na compreensão das “tensões bem/mal” que surgiram das falas e das ocorrências relatadas pelos interlocutores, clareando situações entendidas como resultado do confronto entre a ética da “aventura” e a ética do “trabalho”. A primeira, vista, em certa analogia à “vontade de potência”, nos termos nietzschianos<sup>24</sup>. E a segunda, pensada como moral dominante, força coercitiva, mais identificada com a perspectiva durkheimiana, de aparato de coesão social que submete os individualismos mais egoístas em favor da vida comum<sup>25</sup>. A relação entre coerção e facilitação, todavia, na obra de Giddens (2003), mostrou-se providencial para o trato das conexões e ambiguidades que resultam das interações da “ética do trabalhador” com a “ética do aventureiro” quando ambas se manifestam, concomitantemente, como constituintes de um jeito de viver.

Por tudo isto, vejo o produto da articulação entre a teoria e o trabalho de campo, alcançada neste estudo, como expressão técnica e, ao mesmo tempo, poética, de uma leitura social, entre tantas possíveis, de fenômenos que atualmente mobilizam a atenção e as preocupações da sociedade. E atribuo, principalmente, às ruas e aos seus atores com os quais interagi, boa parte dos créditos pelos resultados obtidos.

### **Negociações e acordos no campo**

Algumas tratativas foram necessárias para que a imersão fosse possível em meio a pessoas e áreas controladas<sup>26</sup>. Principalmente, porque havia um agravante - o trabalho se daria com grupos rivais e em territórios inimigos entre si. Nessas condições, ser confundido com um “leva-e-traz”, com um infiltrado “dos alemão”<sup>27</sup> é sempre um risco.

---

<sup>24</sup> Sobre isto ver NIETZSCHE (2003).

<sup>25</sup> Sobre isto, ver Durkheim (1977).

<sup>26</sup> Importante registrar que acordos foram feitos com indivíduos nas áreas pesquisadas, não sendo do conhecimento da pesquisa o alcance coletivo de tais tratativas no âmbito de grupos aos quais estes agentes se vinculem.

<sup>27</sup> “Alemão” é um termo utilizado para caracterizar o rival.

Nessa situação, pensei que apenas uma rede de relações na qual se incluem conhecidos antigos que ainda mantêm alguma notoriedade no submundo, e o simbolismo de intersecções históricas que minha trajetória reivindica em relação aos elementos pesquisados, principalmente nos casos de Itapajé e Paraipaba, foram capazes de possibilitar o acesso ao campo e aos principais interlocutores, na modalidade e no nível realizados.

Em Itapajé, recorri às relações com uma das primeiras ondas de transgressão juvenil e desvios ocorrida na cidade por volta dos anos 1980. Trata-se de um dos primeiras e mais expressivos movimentos culturais e de comportamento que este município já conheceu - o grupo de jovens que ficou conhecido como “*punks*”<sup>28</sup>. Esses transgressores comportamentais são considerados, por alguns, como responsáveis, à época, pela disseminação, na cidade, em larga escala, do uso de entorpecentes como cola de sapateiro, maconha, *rohypnol* e *artane* (popularmente conhecidos como “ripinol” e “aranha”, respectivamente) e por uma maior liberação sexual entre adolescentes e jovens, ao mesmo tempo em que, muitos acreditavam, eles se envolviam em delitos como furtos e roubos e causavam alvoroço na cidade serrana. Importante registrar é que remanescentes desse movimento relatam que conheceram as drogas ao chegarem a Itapajé e não as trouxeram, como alguns os acusam, e que, apesar de admitirem que havia um ou outro integrante do movimento envolvido com delitos como roubo, isso era uma exceção entre os seus membros.

Atualmente, integrantes do que se poderia compreender como “lideranças” ou “núcleo duro” do antigo movimento encontram-se bem mais integrados à sociedade e afastados dos desvios comportamentais, sendo alguns, professores, funcionários públicos e até religiosos. A sua história, no entanto, é importante para ajudar a entender as semelhanças e diferenças do contexto atual com o passado transgressor da juventude local e, sem dúvidas, é capaz de fornecer material suficiente para bons estudos sociológicos futuros.

No mais, apesar de não serem conhecidos pela maioria ou considerados como criminosos pelos atuais agentes criminais do lugar, a sua existência é do conhecimento de algumas figuras mais antigas com capacidade de interlocução e que tratam a sua história com respeito. Também, pelo menos um deles goza de certo prestígio e

---

<sup>28</sup> Embora tenha ficado conhecido como *Punk*, na verdade, esse grupo nada tinha a ver com a ideologia, musicalidade, comportamento ou estética *punk*. Apenas foi assim chamado pela população local.

reconhecimento nas ruas, devido aos seus atuais trabalhos relacionados com conforto e apoio espiritual, que são desenvolvidos no âmbito de uma igreja evangélica e chega, inclusive, aos presidiários e egressos do sistema penitenciário.

A minha relação, de amizade e convivência, com alguns membros desse movimento é antiga (no passado, cheguei a conviver com o seu “núcleo duro” e desenvolver laços comuns de amizade). Tal proximidade histórica, se não foi o suficiente para credenciar, funcionou como “cartão de visita” e ajudou na aceitação no campo junto aos interlocutores. Não evitou, entretanto, uma série de requisitos, um conjunto de acordos e uma relação nervosa e cuidadosamente tratada, como condição para acessar os agentes na ponta.

Jamais entrar sozinho nos territórios, estar sempre acompanhado de um “chegado” (alguém conhecido e confiável); usar sempre o mesmo carro; ao chegar durante a noite, ou madrugada, usar faróis acessos, nunca luz alta; os vidros devem estar abaixados; e tocar *RAP* no som do automóvel (desde o início, a minha presença nas comunidades passou a ser identificada pela trilha sonora de *RAP* emanando do veículo); não usar os nomes verdadeiros dos pesquisados; não registrar as falas, suas imagens e o lugar, com câmeras, gravadores, filmadoras, incluindo o celular; não fazer anotações; nem registrar na pesquisa características que identifiquem os pontos e locais das atividades. A experiência com tais exigências e condicionamentos ajudou a sistematizar normas de conduta e relacionamento com os agentes da cidade de Paraipaba, também pesquisada, e hegemonizada por coletivo rival e pessoas bastante refratárias a abordagens do tipo que a pesquisa exige.

Em Paraipaba, o cartão de visitas e as credenciais me foram cedidas por um outro movimento de rua do início dos anos de 1990, os “Dominantes”. A ideia de usar tais credenciais decorreu da experiência de Itapajé. Se funcionou na Cidade serrana, também poderia funcionar no Município praiano. Funcionou. Os “Dominantes” foram fundados em 1986 e duraram até o ano de 1993, turma composta por jovens da periferia da cidade e da zona rural do Município de Paraipaba, tinha a sua atuação muito voltada para as festas nos clubes do local, chegando a se confundir com uma espécie de movimento cultural, mas vista por muitos como um grupo delinquente. Chegou mesmo a se envolver em atritos com duas gangues existentes na época e causar certo temor em setores da população que os via como ameaça. Com muitos integrantes e uniformizada, essa organização ficou muito conhecida no território e suscitou vários tipos de comentários,

reações e versões sobre os seus objetivos. Muitas dessas versões apontavam para comportamentos desviantes como o comércio de drogas e atividades delinquentes, o que os seus ex-membros negam.

Minhas relações com esse grupo foram utilizadas como credenciais, endossadas por duas figuras mais antigas que ajudaram na aproximação com os agentes locais - e que evidenciam mais as características artísticas do “Dominantes” que introduziu o *funk* e o *RAP* na cidade, do que mesmo as suas práticas desviantes - para ajudar no aceite da aproximação e inserção no campo. Se tal referência não foi o determinante, foi de grande ajuda para debelar um pouco das resistências e desconfianças. Assim, foi possível aproximar-me e, apresentando uma proposta de conduta e convivência copiada da experiência de Itapajé, consegui acompanhar alguns movimentos nas comunidades. Cumpre lembrar que, mesmo assim, tal acesso não foi fácil, veio ainda cercado de precauções e resistências, principalmente, ao saberem que eu já vinha de uma convivência, no âmbito da pesquisa, com grupo rival na cidade de Itapajé. Essa informação não poderia ser ocultada, sua omissão, se futuramente descoberta, poderia inviabilizar todo o trabalho e até acarretar consequências graves.

Algumas das estratégias de campo, que dizem respeito a comportamento e relacionamento com interlocutores, utilizadas na pesquisa em Paraipaba e Itapajé, foram adotadas nas abordagens feitas com agentes de Fortaleza. E se as restrições dificultaram o registro das informações, por outro lado, contribuíram para a segurança e confiabilidade das abordagens. Tal acordo de procedimentos e convivência representa parte significativa da metodologia, pois produziu um tipo de abordagem na qual o campo passa a ser tratado e retratado com elementos de ficção, mas sem desassociar-se da “realidade fantástica” em que se situa, com disfarces compulsórios que trocam locais e acontecimentos para dificultar a sua identificação. E, no mais, “o lugar não importa”, pode ser qualquer um, desde que seja “pobre” e “marginal” (ZALUAR, 1994).

Os riscos também contavam com a colaboração da polícia. Foram seis abordagens, sendo uma em Itapajé, duas em Paraipaba, e o restante nas ruas de Fortaleza. Duas dessas abordagens foram feitas pelo Batalhão de Policiamento de Rondas e Ações Intensivas e Ostensivas (BPRaio<sup>29</sup>). Em uma das abordagens meu veículo foi completamente revistado e fui questionado sobre a razão de estar em tal lugar e horário, com quem ia me encontrar, sobre a temática dos *RAPs* que estavam tocando, um deles com os dizeres: “RP

---

<sup>29</sup> Tropa de elite da Polícia Militar cearense.

é robozinho de político, pense numa raça imunda, em polícia eu não confio”. Na ocasião, um oficial perguntou se eu sabia que poderia ser preso por desacato em razão da música que tocava no som do carro, e também questionou a presença de tantos incensos no interior do veículo, se não seria para ocultar o cheiro de drogas.

Esta foi uma pesquisa em que a memória foi a ferramenta primordial para o relato de fatos que se deram em espaços físicos que não podem ser identificados, um trabalho que não pode prescindir de conservar a objetividade necessária e a verossimilhança exigível a um estudo científico. O esforço para evitar o enviezamento dos fatos num ambiente de criação tão controlado e “censor” contribuiu para o desenvolvimento de uma metodologia adequada para abordagens similares em situações de mesmo tipo. Os tratos e “contratos”, as condutas acordadas nesses casos, com os atores em foco, não podem ser transgredidas, pois as sanções podem extrapolar, em muito, os limites do razoável, e vidas podem facilmente ser ameaçadas.

*As Peculiaridades da Violência no Ceará: aventuras e maneiras de fazer o crime*, são reveladas ao longo de quatro segmentos, nos quais o estudo revisita fragmentos de uma complexa tradição de desvios, violência, envolvimento com coletivos violentos e crimes, presente na constituição da sociedade cearense, e imerge nas realidades cotidianas de jovens (envolvidos com o crime) nas periferias contemporâneas, num esforço interpretativo digno de Hermes<sup>30</sup>, analisando as características morais e éticas que alicerçam e orientam as suas atitudes e ações, a relação entre as práticas desviantes e criminosas de agora com a jornada “civilizatória” a qual foi submetido o Ceará; as raízes sociais, culturais e históricas da violência, do crime, e da adesão de setores da sociedade a coletivos criminais, e diversas variáveis que compõem o feixe de influências e causalidades que envolvem o fenômeno no Estado. Sempre dialoguei com a literatura disponível e com os dados e informações tanto atuais como históricos, e decodificando e inferindo a partir de elementos da cultura popular e da cultura *pop*, para ampliar as possibilidades e recursos de análise e compreensão.

A violência e o crime, sendo analisados com base nas variáveis históricas, culturais e sociológicas que marcam a nossa trajetória como sociedade, fornecem elementos para melhor compreender o desenvolvimento desses fenômenos no decorrer

---

<sup>30</sup> Hermes, deus grego responsável pela interpretação e tradução da linguagem dos deuses para os homens. O mito de Hermes originou a Hermenêutica, área da filosofia que estuda a teoria da interpretação, e pode se referir tanto à arte da interpretação como à prática e treino da interpretação.

da nossa experiência social. E as diversas maneiras de enxergar e pensar violência, desvio, e crime, que, de uma forma ou de outra, ofereçam contribuições epistemológicas e se inscrevam na vasta tradição que as Ciências Sociais têm em relação a essa área do conhecimento, são consideradas, levadas em conta como parte importante do “já pensado” e como componentes sempre possíveis das novas descobertas, do “por pensar” e da profunda e ininterrupta análise crítica que os temas exigem.

No segmento 2, intitulado: “Ceará de Sangue”, traço um panorama do cenário atual de facções, apresentando números e estatísticas, listando os principais acontecimentos, analisando a correlação de forças entre as quatro principais organizações criminosas com atuação dentro e fora do sistema prisional, evidenciando padrões de continuidade e atualização de tipos de crime e violências que se repetem na história da sociedade cearense, como herança cultural, política e social determinada pelo tipo e forma de “civilização” pela qual passou o Ceará. Encerro o segmento com um módulo sobre a facção “Guardiões do Estado/GDE”<sup>31</sup>, mostrando como essa organização consegue, sendo nativa, representar melhor o conjunto da tradição de violência e crime da sociedade local, promovendo atualizações e reconfigurações em fazeres criminais historicamente reincidentes, e incorporando elementos sociais de discursos que fazem as suas falas e ações soarem e aparecerem como *vendetta* social diante de corações e mentes subjugados e socialmente humilhados.

No segmento 3 - “Aventura, Trabalho e Crime”, discuto as diversas maneiras como se pode ver, pensar e falar sobre o crime. Abordo algumas noções relacionadas com trabalhos de importantes escolas sociológicas que tratam do assunto, e analiso o tema partindo das variáveis históricas, culturais e sociológicas que marcam a trajetória do Ceará e incidem sobre o objeto estudado. Os componentes psicossociais derivados da constituição da sociedade brasileira são apresentados como parte relevante da herança cultural que assessora o desenvolvimento das singulares maneiras de fazer desvios, violências e crime em terras cearenses e que, paradoxalmente, também propicia certa coerência com os fazeres de mesmo tipo espalhados por toda a extensão nacional.

Com o título: “Banditismo caboclo, éticas mestiças”, analiso, de modo mais aprofundado, no segmento 4, os significados e as representações, que há nas falas de um

---

<sup>31</sup> Facção criminosa recentemente criada no Ceará, em reação ao estabelecimento de outras facções como PCC e CV no Estado (HIRATA e GRILLO, 2017).

conjunto de interlocutores que problematizam lugares morais já naturalizados no âmago de uma ordem moral dominante e revelam éticas híbridas que se exprimem como insurgentes, mas que, também, na perspectiva de Giddens (2003), podem se adaptar, levar os agentes a aproveitar as dimensões facilitadoras das “coerções estruturais”.

No mesmo segmento, no tópico “Damas e vagabundos”, o caso das *Sugar Baby* da Periferia, faço uso do estudo de caso como recurso para prospectar generalidades com suporte em realidades localizadas, específicas. Para tanto, analiso acontecimentos e falas de agentes envolvidos com expressões não convencionais de intimidades e comportamentos baseados ou referenciados em “éticas mestiças”, relativizações de valores ou inovações e subversões morais, buscando compreender o significado e a importância de certas manifestações incomuns de intimidade e de arranjos morais e éticos, desviantes, que dialogam com as maneiras de fazer crime no Ceará; apontando, assim, para a existência de uma cultura em formação, um estilo de vida que se sobrepõe à moral vigente e “patrocina” muitas das atuais variações de desvio, violência e crime no Estado. Esse tópico é importante para os esforços de levar o estudo a transpor a criminologia e as versões mais comuns da sociologia do crime, abrindo a perspectiva de um diálogo, que apenas se inicia, entre o meu objeto e o abrangente campo dos estudos culturais.

Apresento, no segmento 5, “Fragmentações no crime cearense”, aspectos singulares da condição do crime e das facções no Estado, que evidenciam uma situação, ainda indeterminada e em grande ebulição, em que os exageros e a espetacularização da violência se dão numa conjuntura em que choques culturais e disputas hegemônicas contrapõem tradições criminais diferentes, buscam escalonar a periculosidade das facções, conquistar adesões e fidelidade pela admiração e/ou pelo medo, deixando às vistas sinais de formas de dominação capazes de produzir e alimentar uma “acumulação social” da violência, podendo revelar (ou confirmar), com efeito, a sua procedência, incidindo efetivamente sobre os mais significantes argumentos deste trabalho. Trato no segmento 6 do “Crime como estilo de vida”, expondo os traços iniciais – pois, em razão da complexidade do tema, só posso entendê-los assim – das principais conclusões que a mim foi possível chegar por meio deste estudo.

Nas considerações finais, trago mais algumas reflexões comprometidas com o reforço e corroboração da argumentação desenvolvida no decurso do ensaio, que expõem conclusões, mas não se arvoram de fechar questões, pois têm ciência da profundidade do tema e do quanto ainda há por examinar. Deixo abertas possibilidades, caminhos

inexplorados, “veredas” que podem ser revisitadas noutros momentos, em outros projetos e aventuras acadêmicas.

## 2 CEARÁ DE SANGUE

Procuro nesse segmento, traçar um panorama atual da realidade de crime e violência, em especial, no que se refere às facções no Ceará. Para tanto, a literatura disponível, matérias de imprensa, comparações com cenários externos à nossa região e ênfase das singularidades do crime no Estado constam das reflexões que aprofundam a óptica sobre um fenômeno cuja relevância se sente até pela influência que exerce nas temáticas de produções culturais populares locais, como no caso da letra de *RAP* a seguir:

Vai ter sirenes hoje. Pra ser sincero, sempre tem. Quem deve, teme o bote, Na hora não fica ninguém. A vida não é doce, pra nós é sempre mais amargo. O jogo é embaçado desse lado de *Fourtown* (...) Eu tô cansado de morte, esses papo me irrita. Eu já vi de monte, tristeza não vira. Não pira, má, não atira, ou a vida te cobra e você paga à vista. E se bem que tá quase nada uma vida. É uma fita que determina o preço dessa porra na esquina. Você morre por um celular na mochila. É assim, má, rasin. Ou por uma grama de cocaína, não paga o cara e vacila. Ou se envolve e boba na esquina, pode crer, você vai ver o fim. O destino não costuma errar quando atira [Coro MC; CARLOS GALO, 2018].

Essa constância na cultura popular, das questões relacionadas com o crime e os modos como ele acontece no Estado, demonstra o quanto tal fenômeno já se encontra arraigado no imaginário da nossa população, que vive e fala dessa realidade no conjunto da sua sociabilidade. Ao entrar os marcadores “Facções Criminosas, Ceará”, na pesquisa do *Google*, se obtém, aproximadamente, 162 mil resultados. Com os mesmos marcadores, se obtém, nos endereços eletrônicos de periódicos locais, 200 resultados na busca no portal do jornal “Diário do Nordeste” na internet, só no período entre 20/01 e 29/03/18, e o site do jornal “Tribuna do Ceará” traz, 1. 340 resultados, para o período de 14/10/13 a 29/03/18. Isso demonstra a perenidade da violência, do crime, das facções e das disputas por territórios na história do Ceará.

### 2.1 No Ceará tem disso sim

Por meio de levantamento realizado nos principais jornais do Ceará, foi possível, acessando matérias antigas e atuais, traçar um histórico da atuação dos principais coletivos criminais nesta região. Em 1986, membros do Comando Vermelho (CV<sup>32</sup>) atacaram a loja *King Joias*, no centro de Fortaleza. Logo depois, um membro dessa facção,

---

<sup>32</sup> Organização criminosa que nasce como “Falange da LSN” em referência à Lei de Segurança Nacional e que em 1976 passaria a se chamar “Falange Vermelha” e a partir de 1979 seria batizada pela imprensa como “Comando Vermelho”. Informam HIRATA e GRILLO (2017).

de nome Francisco Siqueira, sequestraria e mataria um corretor de imóveis na Capital. Nos anos 1990, o próprio “Fernandinho Beira-mar”, líder do CV, esteve no Ceará para inaugurar uma rota internacional de tráfico, ativa e operante até os dias atuais. No ano 2000, nada menos do que o homem considerado o líder do Primeiro Comando da Capital/PCC<sup>33</sup>, Marcos Willians Herbas Camacho, o “Marcola”, teria comandado o ataque à empresa Nordeste Segurança, em Caucaia, roubando R\$ 1,3 milhão. Em 2005, foram presos três supostos membros do PCC, condenados por envolvimento no furto milionário ao Banco Central em Fortaleza (DIÁRIO DO NORDESTE, 2018). Em 2013, um levantamento feito pelo Ministério Público de São Paulo apontou a presença de 120 membros do PCC no Estado (TAVARES, 2013).

Em 2008, o traficante Gelson Lima Carnaúba, que teria articulado, junto com Zé Roberto da Compensa e João Branco, a criação da Família do Norte/FDN<sup>34</sup>, foi preso em Fortaleza, suspeito de tráfico internacional de drogas (DIÁRIO DO NORDESTE, 2018). Com origem atribuída à fusão de grupos criminosos menores no Amazonas, a FDN é uma das quatro principais facções criminosas com atuação no Ceará, aliada do CV e inimiga do PCC. Segundo Sá e Aquino (2018), em razão do aumento da repressão na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina, dificultando a entrada da droga no Território Nacional pelo sul do País, o crime teve que buscar novos pontos de fronteira para a entrada e distribuição de cocaína no Brasil. Assim, Bolívia e Colômbia se converteram em importantes fornecedores de drogas que entram no País por estados da região Norte, de onde seguem para o Nordeste com destino a países do Atlântico. A FDN, como pioneira nesta rota, marca presença no Estado e se articula localmente. Devido ao PCC passar a também utilizar essa rota e ter assassinado o traficante brasileiro, Jorge Rafaat, que residia no Paraguai e fornecia armas para a FDN e Comando Vermelho, esses dois coletivos atuariam em oposição ao grupo paulista no Ceará.

A quarta sigla se juntaria às três anteriores para compor o cenário local de facções criminosas. Com data de origem indefinida - alguns dizem que surgiu em 2006 desde um jogo de torcidas organizadas no Conjunto Palmeiras, em Fortaleza, outros falam que teria

---

<sup>33</sup> Facção criminosa originária dos presídios paulistas, aparentemente criada em 1993 como consequência do massacre do Carandiru em 1992, quando a polícia assassinou 111 presos naquele presídio. Ver Biondi (2010) e Dias (2013).

<sup>34</sup> Facção oriunda do Norte do País, surgida de transformação do Primeiro Comando do Norte (PCN), originado de alianças feitas por volta de 2008 entre alguns poucos traficantes locais (SIQUEIRA e PAIVA, 2017).

nascido em 2012 (SÁ; AQUINO, 2018). Vídeos e *funks* divulgados pela facção dão conta de que ela teria sido criada em 2015 – a Guardiões do Estado (GDE), uma das mais importantes organizações criminosas que surgiram no Ceará. Aliada do PCC, esta facção tem protagonizado ataques a prédios públicos, sistema de transportes e propriedades privadas, em ações de enfrentamento contra o Estado e para fazer valer seus interesses e sua posição no cenário local de facções e crime organizado.

Até 2016, no entanto, o Governo cearense seguiria minimizando e até mesmo negando a presença das facções. Nesse mesmo ano, uma marcha realizada pelas facções criminosas pelas ruas da cidade de Sobral, a 240 km de Fortaleza, para comemorar a “pacificação<sup>35</sup> das periferias”, promovida por esses agrupamentos, ganharia a atenção global por meio do Periódico *El País*. Era uma paz para que os bandidos parassem de se matar e os lucros do crime aumentassem, com GDE, PCC, FDN e CV, “pacificando” as ruas a partir das cadeias (SALES, 2018). Os impactos dessa trégua dos coletivos criminais, porém, alcançariam bem mais do que os seus objetivos imediatos circunscritos à economia do crime<sup>36</sup>.

Dados do 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2017) mostram que o Ceará foi o segundo estado com maior redução de homicídios no ano de 2016, sendo superado apenas pelo Amazonas, com a taxa de Mortes Violentas Intencionais (MVI) passando de 46,6 mortes para cada 100 mil habitantes em 2015 para 39,8/100 mil em 2016. Isso representou uma redução de 14,2%. Esses números demonstram que, no período compreendido pela “pacificação”, houve uma relevante redução no número de homicídios no Ceará, com os moradores reconhecendo que essa redução se deu em virtude da repactuação das facções, num contexto em que “ [...] nenhuma política de segurança pública conseguiu esse feito em um espaço tão curto de tempo”. (BARROS et al. 2018, p. 118).

A “pacificação”, promovida com apoio numa aliança entre CV, PCC, GDE e FDN, além de derrubar os índices de assassinatos, causando uma situação desconfortável

---

<sup>35</sup> “Pacificação” como, principalmente, proibição do ciclo de vinganças e práticas de homicídio entre grupos locais. A “pacificação” aqui se refere a um processo advindo não de uma política de diagnóstico e segurança pública qualificada, ou de políticas de promoção de justiça social, e sim da reorganização de grupos que disputam mercados ilegais de drogas e armas (BARROS, et al, 2018. p. 118).

<sup>36</sup> Economia é trabalhada neste estudo numa aproximação com a noção de BOUDIEU (2009), numa perspectiva não “economicista” considerando outros capitais além do econômico na concepção das ações práticas dos sujeitos sociais, que se relacionam diretamente com a sua criação da realidade social. Termos como “economia do crime”, “economia do castigo”, “economia do poder do crime” e “economia das sensações” são exemplos dos usos do termo “economia” aliado a elementos simbólicos, presentes nesta obra.

para o Estado, ao mostrar maior eficácia do que as políticas públicas de segurança, - o próprio governador Camilo Santana chegou a se irritar com a imprensa ao ser indagado sobre a importância da “pacificação” das facções para a redução desses índices – gerou situações de relativa paz e liberdade em comunidades que há muito não experimentavam tais sensações. Bairros e até mesmo ruas que se encontravam sitiadas mesmo antes da chegada das facções do Sudeste e Norte<sup>37</sup>, com os moradores de uma não podendo frequentar as outras, tiveram o direito de ir e vir novamente assegurado, numa curiosa realidade em que o crime, e não o Estado, estava garantindo um direito constitucional, direito este, negado durante muito tempo pelo próprio crime, ante a impotência, ou negligência, do Estado<sup>38</sup>.

Figura 1 - Parede na Sapiranga, proibição de roubos na comunidade



Créditos: Natinho Rodrigues (19/10/2016)

Uma das comunidades mais impactadas pela “pacificação” foi a Sapiranga, em Fortaleza. Imersa em guerras de gangues há muitos anos, a comunidade experimentou, pela primeira vez, em décadas, uma liberdade que alguns moradores mais novos jamais haviam testemunhado. Outras regiões também usufruíram desses momentos de “paz” e aumento da sensação de segurança proporcionada pelo armistício das facções<sup>39</sup>. Alessi (2016) registra, em matéria jornalística, a situação na cidade de Sobral, como no caso do depoimento de Maria, 72 anos, moradora da periferia: “No começo ninguém podia ir pra

<sup>37</sup> Os conflitos envolvendo territórios, com comunidades sendo sitiadas e moradores sendo impedidos de transitar livremente entre bairros, comunidades e até ruas, já existiam no Ceará muito antes da chegada das facções do Sudeste e do Norte, há literatura, como Cartografias da Violência, Gangues, Galeras e o Movimento Hip Hop (1998), farto material de imprensa, e documentos históricos que apontam para situações similares ao longo do percurso “civilizatório” da sociedade cearense.

<sup>38</sup> “Na falta de respostas de governos e agências de polícia, as comunidades das periferias de Fortaleza assistiram à “paz” ser feita por quem produzia a “guerra” e, a partir de um dado momento, resolveu fazê-la em outra escala (BARROS et al. 2018. p. 119).

<sup>39</sup> “Sugere-se que a ‘pacificação’, feita por grupos que fazem o crime nas periferias, teve um efeito especial no cotidiano de jovens pobres e negros, moradores das periferias urbanas de Fortaleza”. (BARROS et al. 2018, p.118).

lá nem pra cá, hoje todo mundo circula. Tá uma tranquilidade só”. A fala se refere à “pacificação” das facções. Sobre as consequências sociais do impedimento da circulação das pessoas entre lugares e comunidades, tais limitações de trânsito implicam “em um menor acesso às políticas públicas e uma restrição das possibilidades de vivência da cidade, corroborando para segregação social”. (BARROS et al, 2018. p. 120).

Confrontos em rebeliões nos presídios de Roraima e Rondônia, entretanto, no Norte do País, já haviam sinalizado que a trégua das facções, no plano nacional, se encaminhava para o fim. Seguiram-se mais enfrentamentos no Ceará, no Acre e Rio Grande do Norte, generalizando-se os atritos e o fim das alianças entre CV e PCC nos demais estados. No Ceará, a nova configuração posicionaria as principais facções em dois blocos rivais na guerra. De um lado, GDE e PCC, e do outro, CV e FDN. Desde então, se intensificaram os assassinatos por todo o Estado, com destaque para cinco chacinas de grande repercussão: chacina de Messejana, quando, no dia 12/11/15, policiais militares executaram 11 pessoas nos bairros do Curió e São Miguel, na Grande Messejana, em Fortaleza; chacina da “mansão” do Porto das Dunas, em Aquiraz, em 03/06/17, que deixou seis mortos e pelo menos três feridos. Aliás, só em 2017, conforme estatísticas da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS), o Estado contabilizou 5.023 assassinatos. O número é formado pelas ocorrências de homicídio doloso (quando há intenção de matar), latrocínio e lesão corporal seguida de morte (ALMEIDA; XEREZ, 2017). Já em 27/01/18 aconteceria a chacina do “Forró do gago”, no bairro Cajazeiras, em Fortaleza, quando 14 pessoas (na maioria mulheres) perderam a vida e 16 saíram feridas; no dia 29/01/18, aconteceria outra chacina, desta vez na cadeia pública de Itapajé, morrendo dez pessoas; houve, também, outros crimes “bárbaros” com requintes de crueldade, como no caso de três mulheres torturadas e mortas em um mangue em Fortaleza, no dia 05/03/18; e em 09/03/18, a tragédia seria na praça da Gentilândia, no bairro Benfica, em Fortaleza, uma chacina que deixou sete pessoas sem vida.

Junto às práticas de chacinas e assassinatos múltiplos, uma “nova” economia do castigo chamaria a atenção da sociedade, reeditando o suplício em tempos modernos. Penas - aplicadas pelo crime aos seus membros vacilantes e indisciplinados e principalmente aos seus inimigos e devedores – que produzem certa quantidade de sofrimento passível de ser apreciada, comparada e hierarquizada, uma graduação calculada de sofrimento. Suplício ostentoso, constatado por todos, um pouco como o triunfo da “justiça” (tribunais do crime) que lhe impõe (FOUCAULT, 2012).

O moleque tava colando com a gente, participando de movimentos sociais, engajado. Tinha futuro, o garoto. Era um bom militante. De repente num dia desses, o moleque tava lá no polo, na barra, tava preparando um som para um evento, chegou uns cara, mandou todo mundo se afastar e arrancaram os dois braços do pivete com tiros de escopeta, primeiro um, depois o outro. O pivete não resistiu e se acabou em sangue ali mesmo [TANCREDO, 38].

Acontecimentos como este, relatado por Tancredo, um ativista social que atua no movimento cultural e de juventudes, se repetiriam inúmeras vezes nas comunidades e nas cadeias, forjando “carrascos” modernos, capazes de ordenar e de executar as “penas-suplício” em nome da economia do poder do crime. A frieza diante da morte, da tortura, da dor elevada a potências quase infinitas, do espetáculo de sofrimentos graduados de acordo com o desvio cometido, essa postura insensível e implacável, se incorporaria ao estilo de vida desses jovens envolvidos com o crime no Ceará.

A crueldade, como “a poesia de Dante posta em leis” (FOUCAULT, 2012. p.36), como instrumento para forjar “soldados”, reforçar uma maneira de viver relacionada com a intensidade e a ética da aventura e, sobretudo, como elemento da disputa entre os coletivos criminais que parecem ver nela um indicador mensurável da sua força, poder e capacidade de intimidar, dissuadir e se impor.

Além de cruel, o crime no Estado exprime peculiaridades relacionadas com reincidências de tipos de violência, e “maneiras de fazer”, que podem estar vinculadas à nossa trajetória histórica e aos caminhos e descaminhos da formação da sociedade cearense, essa é uma das teses deste estudo. Em 2017, o “Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CCPHA)” divulgou pesquisa sobre as vítimas dos homicídios de 2015, mostrando que 40% dos adolescentes mortos mantinham algum tipo de conflito no território em que viviam. Em 50% dos casos investigados, as vítimas foram assassinadas a 500 metros de casa, sendo 73% no próprio bairro. Essa situação, segundo os resultados obtidos por esta pesquisa, sinaliza para a persistência de uma tradição de violentas disputas por territórios, que se pereniza nessa sociedade.

Uma inovação, em se tratando dessa tradição, é o confisco de residências, acompanhado pela cobrança de aluguel de imóveis que não lhes pertencem, por parte dos criminosos. Somente no período de novembro de 2017 a abril de 2018, as facções criminosas desabrigaram 264 pessoas, distribuídas em 66 famílias. O levantamento é do Núcleo de Habitação e Moradia (NUHAM), da Defensoria Pública do Ceará. Estão incluídos nesses dados apenas aquelas pessoas que solicitaram ajuda. Portanto, o número

pode ser ainda maior. Nessa atualização da tradição da disputa violenta por território no Ceará, os criminosos também estão se antecipando a locadores de imóveis e cobrando os aluguéis dos locatários antes que o locador legítimo o faça. O defensor público Eliton Menezes diz que há casos recorrentes em que os faccionários recolhem os pagamentos antes dos locadores; e que eles chegam a emitir “recibos” ou enviar “notificações” para aqueles que “estiverem em débito com a facção”. “Eles cobram os aluguéis como se fossem os donos. E os proprietários, quando chegam para receber o dinheiro, são informados que os valores já foram pagos”. Conforme relata Menezes, “[...] a comprovação, muitas vezes, é uma indicação no próprio imóvel, como marcas na porta ou parede. Os que vivem da renda dos aluguéis, como os reais donos desses imóveis, também estão sendo prejudicados”. (JORNAL O POVO, 2018).

Figura 2- Ordem de facção para moradores deixarem as suas casas



Créditos: Mateus Dantas (25/04/2018)

Ainda como desdobramentos do avanço do crime e da violência no Ceará, e como outra faceta do fenômeno, programas televisivos como Rota 22 (TV Diário), Cidade 190 (TV Cidade), Cidade Alerta (TV Cidade), Barra Pesada (TV Jangadeiro), Programa Ferreira Aragão (TV União), que juntos somam mais de dez horas diárias na TV aberta cearense, são a ponta, ao lado da chamada “bancada da bala” - que elegeu cinco vereadores na última eleição em Fortaleza, contando ainda com deputados estaduais e federais e quase vencendo o pleito na Capital em 2016 – de um rizomático complexo empresarial-político-bélico-midiático que alimenta e retroalimenta um sistema articulado que vai das políticas públicas de segurança, pautadas na chamada “guerra às drogas” com encarceramento em massa de jovens pobres, aos lucros com a administração privada de presídios, compondo um círculo vicioso no qual, quanto mais se prende, mais se favorece

o crescimento das facções que, “monopolizando” cadeias e presídios, vão “batizando”<sup>40</sup> quem adentra o sistema prisional do Estado. Trata-se de um sofisticado sistema com raízes históricas, econômicas e culturais profundas que se projeta com suporte do crime para alcançar outras dimensões da vida social de muitos cearenses, alterando o modo de viver e de pensar sobre a existência do outro e a sua própria.

Neste contexto, tais condições, potencializadas pelas rentáveis atividades do crime organizado, a inserção do Ceará numa importante rota de tráfico para os países do Atlântico, a situação permanente de guerra em que quatro principais coletivos criminais disputam violentamente o mando de territórios e nichos de mercado de drogas, fazendo uso da espetacularização da violência e da crueldade como elemento de propaganda, controle e dissuasão, terminam por pedir um novo tipo de agente. A configuração atual do crime e da violência no Ceará exige pessoas aventureiras que vivam intensamente, que suportem orientar as suas vidas por valores contraditórios e conflitantes, que possam relativizar a importância da vida humana diante de um modo de viver que se orienta, principalmente, com base na aventura, coragem, valentia, honra e vingança; e que tenham no consumismo capitalista uma das suas principais motivações. Essas pessoas devem ser capazes de executar com frieza a “lei-suplício” que normatiza e disciplina a empresa criminal e lhe possibilita se impor como agente de guerra e de paz, ante um Estado impotente que perde gradativamente o monopólio do uso da força.

O novo tipo de agente de que essas formas de desvios e violências necessitam precisa levar uma vida com características hedonistas que justifique, pela intensidade, a possibilidade de uma existência efêmera, abreviada pela dinâmica insalubre do crime. Nessas circunstâncias forja-se mais do que “soldados” para facções criminosas, pois se edifica um novo tipo de gente, que vive e ostenta o crime como estilo de vida.

## 2.2 “Veredas<sup>41</sup>” próprias

O crime no Ceará, no tocante aos agentes abordados por este estudo, denota uma característica mais bélica do que empresarial. A vinculação com o tráfico de drogas, como fonte de renda principal, é, atualmente, algo comum entre os coletivos criminais do Ceará,

---

<sup>40</sup> “Batizar” é o mesmo que filiar, associar à facção.

<sup>41</sup> Define-se VEREDA como caminho estreito, semideiro, senda, sendeiro; caminho alternativo e mais certo para se chegar a algum lugar; carreador (VEREDAS, 2019).

do Rio de Janeiro, São Paulo ou do Amazonas. É mesmo uma característica nacional. A organização racional, empresarial, dessa atividade, no entanto, como tendência hegemônica, é uma novidade, mais ou menos, recente por aqui. Antes dessa conformação econômica, já aconteciam disputas sangrentas por território e a prática de violências entre grupos organizados, sem que a motivação principal fosse o lucro advindo das empresas criminosas. De “tribos indígenas” a grupos políticos, galeras de pichação, torcidas organizadas ou gangues de rua, a história do Ceará coleciona inúmeros exemplos de crimes e violências que não têm, necessariamente, os ganhos financeiros como principal motivação, e, em alguns casos, são impulsionados por questões simbólicas como a afirmação da valentia, da honra, ou mesmo a ocupação do espaço público e o direito à visibilidade social (DIÓGENES, 1998).

Na organização administrativa do tráfico nos morros cariocas consta um “cargo” que não existe no organograma do crime paulista, o “soldado”, agente armado encarregado da “contenção”: segurança e proteção da “boca<sup>42</sup>”. Essa tendência mais bélica das facções do Rio de Janeiro está relacionada com a multiplicidade de inimigos que estas enfrentam no seu cotidiano que vai de, pelo menos, mais duas facções rivais (Amigos dos Amigos/ADA e Terceiro Comando Puro/TCP)<sup>43</sup> às milícias<sup>44</sup>, passando pela polícia e o próprio PCC (GRILLO e HIRATA, 2017); mas também pode ser lida como parte da influência da noção de guerrilha urbana, adquirida graças à relação com presos políticos de organizações revolucionárias, quando da sua fundação no presídio da Ilha Grande, em 1976, ainda como falange da LSN<sup>45</sup>, depois Falange Vermelha, e, finalmente, Comando Vermelho. Já o PCC, fruto da realidade dos presídios brasileiros, e rebento do massacre do Carandiru em 1992, exerce hegemonia no Estado de São Paulo, não tendo nenhuma facção com condições efetivas de rivalidade em seus territórios (IDEM). Talvez por isso mesmo, possa, originalmente, dispensar a figura do “soldado”, nas suas “biqueiras”<sup>46</sup>. Estabelecida no Estado de maior PIB<sup>47</sup> nacional, essa organização é a que

---

<sup>42</sup> Ponto de venda de drogas.

<sup>43</sup> Facções criminosas cariocas rivais do Comando Vermelho. Sobre essas organizações, ver HIRATA e GRILLO (2017).

<sup>44</sup> Grupos paramilitares armados que controlam comunidades e rivalizam com traficantes, controlam serviços como venda de gás, transporte alternativo e assinaturas clandestinas de TV a cabo, entre outros ilícitos, envolvendo-se em inúmeros delitos. Ver Tristão (2018).

<sup>45</sup> Referência à Lei de Segurança Nacional.

<sup>46</sup> O mesmo que “bocas”, pontos de venda de drogas.

<sup>47</sup> Produto Interno Bruto.

melhor demonstra ter adotado os valores e técnicas do capitalismo, privilegiando os negócios em detrimento da guerra.

No caso do Ceará, como veremos neste trabalho, há a possibilidade de que, pelo menos em parte, a grande beligerância do crime esteja vinculada à “jornada civilizatória” a que foi submetida a sociedade, sendo retroalimentada, entre outras coisas, pelas persistentes condições sociais excludentes, deste que se mantém como um dos mais desiguais e elitistas estados do Brasil. Não por acaso, atualmente, o maior acirramento nas ruas, cadeias e presídios, com massacres, atendados, chacinas, degolas e esquartejamentos, tem se dado, justamente, entre as facções CV e GDE, as mais bélicas a agir no Estado. A julgar pelos depoimentos colhidos nesta pesquisa, toda essa violência pode ser entendida como “matéria prima” e como “insumo” de uma economia social e simbólica muito própria do crime cearense.

A disposição para a violência, para o enfrentamento, aparece justificada por uma necessidade de afirmação da masculinidade, da virilidade, na fala de garotos como Luca, que afirma: “O nêgo é homi, num pode ficar olhando os pilantra invadir a área. Tem que fazer voltar de ré, senão fica desmoralizado. Essa é a diferença entre o sujeito homi e esses viadim que pega numa arma e se passa”. Luca é apenas um menino, um adolescente, com uma arma na cintura e a noção de que a violência é parte da afirmação da masculinidade. Os “viadim<sup>48</sup>” a que se refere são os membros do coletivo criminal rival. Representar o inimigo como homossexual, na visão de Luca, deve funcionar como cassar a sua masculinidade ou diminuí-la, “reduzindo” o próprio inimigo a uma condição afeminada, diferente da condição de homem, que atribui a si mesmo.

Essa “cultura do macho”, do sujeito homem, masculino e viril ao extremo, também colabora para que os garotos ouvidos pelo estudo suportem a disciplina que o meio exige e concordem com o rigor imposto pelas facções, “homi que é homi anda pelo certo, sustenta a palavra e segura os B.O<sup>49</sup>”. Luca se refere a cumprir as regras que o crime impõe, aguentando e aceitando as punições severas que podem variar de uma surra à morte, passando por torturas como ter dedos amputados ou tomar tiros nas mãos ou nas pernas, como em casos de “vacilos menores” tais quais roubar na “quebrada”<sup>50</sup>, apoderar-se de pequena quantidade de drogas do “patrão” ou ser pego fazendo alusão a outra

---

<sup>48</sup> Veadinho, homossexual.

<sup>49</sup> Boletim de Ocorrência – usado como gíria para acontecimentos criminosos e encrencas.

<sup>50</sup> Comunidade, local de atuação do grupo criminoso.

facção. Por exemplo, se alguém for pego por membros da GDE ou PCCC, fazendo o símbolo do “dois” (que representa o CV) com as mãos, poderá ter os dois dedos amputados.

A mítica que associa o cearense ao sofrimento e à bravura é fartamente representada por vários estilos artísticos, literários e musicais, que o mostram resistindo à seca e à pobreza, ou seja, à ação da natureza e do homem, também evidencia a sua lealdade e capacidade de resignação. Ser leal e resignado pode ser providencial para aderir ao estilo de vida do crime, no Ceará faccionado e beligerante.

A “macheza” do cearense parece adequada para a dureza que o estilo de vida do crime impõe, e insumo fundamental para a economia simbólica deste. Os ritos de comando e obediência que perpassam as dinâmicas criminais no cenário de facções são compreendidos e representados por jovens adeptos da forma de viver, do crime, a partir de símbolos e significados que remetem a representações da sua masculinidade e da importância desta como elemento de autoafirmação e identidade.

O crime é coisa pra macho de verdade, se entrou tem que aguentar, ser homi, não dá pra correr pra debaixo da saia da mãe, porque nós vai buscar lá. Tem nego que chora, se borra todo, mas porque veio, porque entrou? Né cabra de pêia, mano, sujeito homi? [LUCA, 16 anos].

A crueldade das facções funciona, aos olhos de Luca, como um tipo de teste para a masculinidade ou “macheza” de quem adere ao crime. Aguentar é confirmar a condição de macho. Não suportar é negar essa condição. Não se questiona, segundo essa ótica, as leis e regras brutais impostas pelos coletivos criminais. Elas são entendidas como dadas, são naturalizadas, pensadas como justas, visto que só alcançam os que “não andam pelo certo”. E ser homem é “andar pelo certo” e suportar as consequências, de forma honrada, quando falhar.

No campo e na cidade, o porte de arma era símbolo naturalizado da masculinidade. A arma era intocável. Era uma parte do corpo. Uma arma incorporada. Os meninos e os rapazes aprendiam pelo exemplo, pelo convívio e pelas narrativas de valentia a se tornar armados, como eram seus pais, tios, irmãos e primos. As armas eram da família. Armas inseridas numa mesma rede familiar. Os homens julgavam-se entre si pela força armada e pela fama de destemor dos homens de cada família. Era de grande relevância possuir homens de reputação guerreira entre os seus, isso gerava sentimentos de ser respeitado, de ser temido e considerado, ao mesmo tempo. [SÁ e AQUINO, 2018].

Tal articulação entre violência e masculinidade tem raízes históricas, no Ceará. E mesmo que não se possa criar uma relação direta de causa e efeito entre esses elementos

tradicionais e os atuais cenários de facções, é possível enfatizar a existência de “[...] uma série de práticas que se inserem nesses jogos sociais de continuidade e descontinuidade” (SÁ e AQUINO, 2018. p. 19), emprestando significado para muitas das maneiras de fazer o crime, atualmente, nessa região.

### 2.3 “Cabras da peste”<sup>51</sup> – 745 GDE

De acordo com a SECRETARIA DA JUSTIÇA E CIDADANIA (2018), o Ceará tem, atualmente, quatro principais facções criminosas atuando dentro e fora do sistema prisional (PCC, CV, GDE, FDN). Em conjunto, esses grupos formam um “exército” de 18.667 “combatentes”, somente internos (presos). Essa quantidade já é maior do que o efetivo da Polícia Militar no Ceará que é de, aproximadamente, 16.000 profissionais. Os presos que se declaram pertencentes a alguma facção já somam 65,9% do total de detentos do Estado, contando com os que estão “fora dos muros”, o número dessa força armada tende a ser ainda maior.

O PCC se mostra como a mais bem estruturada em relação às outras três, podendo, em se tratando de São Paulo, ser entendido como um movimento capaz de produzir uma forma de adesão que vai para além das ações tipificadas pelo Código Penal e avança para relações que são, ao mesmo tempo, produtos e produtoras do PCC e da sua ética, independente de se originarem em agências de seus membros integrantes. Esse tipo de alcance cultural, ou “sintonia” (BIONDI, 2014), não se reproduz no Ceará exatamente da mesma maneira.

Uma das alterações mais notórias diz respeito, justamente, à sua ética, que teve que ser flexibilizada para adequar-se à realidade cearense. Sendo reconhecido, nacionalmente, por não promover o “batismo” de menores, teve que trocar de postura diante da sua aliança com a GDE, uma facção local que tem como uma das principais

---

<sup>51</sup> Segundo o linguista Flávio de Giorgio, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), essa expressão, “Em geral, é usada para designar o sujeito destemido, mas também pode ser dita em tom de ofensa, quando a valentia vira prepotência”. Já o folclorista Luiz da Câmara Cascudo, no Dicionário do Folclore Brasileiro, afirma que “cabra” era como os navegadores portugueses chamavam os índios que “ruminavam o bétel”, uma planta com folhas de mascar. O sertanejo também utiliza a palavra “peste” como sinônimo de vários tipos de doenças. E “Cabra”, o animal, é popularmente conhecido como um ser forte, inclusive com o seu leite sendo mais forte do que o leite de vaca, resistente e também, de comportamento difícil, travesso, insubordinado. O folclorista Mário Souto Maior, no livro *Como Nasce um Cabra da Peste*, afirma que - o tal - “cabra da peste” seria o sertanejo sobrevivente, que supera todos os sofrimentos. Fonte: Portal Mundo Estranho.

características o protagonismo de menores de idade, inclusive, em posições de prestígio e reconhecimento (PAIVA, 2019. p.22). Também a sua priorização dos negócios em detrimento da guerra (DIAS, 2009) é muitas vezes questionada e até abalada pelos impulsos deste aliado cearense, aparentemente mais afeito ao combate do que às “rodadas de negócios”.

Quanto ao seu principal rival, o Comando Vermelho, este atua no Ceará desde os anos 1980, chegando a controlar o contingente criminal das Casas de Privação Provisória de Liberdade (CPPL) I e IV, os presídios das Cidades de Caucaia, Pacatuba e Sobral, e ainda 26 cadeias públicas (PIRES, 2018). Esta facção seria a responsável por uma das maiores ondas de ataques contra prédios públicos e privados, no Estado.

No final de julho de 2018, em ordens que partiram de dentro do sistema prisional, a facção capitaneou ataques a coletivos e prédios públicos e privados em Fortaleza e região metropolitana. Foram carbonizados quatorze ônibus; uma agência bancária foi incendiada e em outra conseguiram controlar o fogo a tempo de evitar o incêndio; uma agência dos Correios, um prédio do Detran/CE e a sede da Secretaria Municipal de Segurança Cidadã foram alvejadas com tiros; coquetéis molotov foram arremessados em uma das sedes das subprefeituras de Fortaleza, mas o fogo não se alastrou pelo prédio; uma granada e mais de 150 motocicletas foram incendiadas no pátio do Detran. De acordo com investigações policiais, os ataques, que fizeram as empresas de ônibus interromperem por um dia o serviço público de transporte municipal, foram em retaliação à morte de três membros do CV em confronto com a polícia na cidade de Amontada, litoral oeste do Ceará. [PIRES, 2018. p.342].

Apesar da grande capilaridade do CV nos presídios e nas ruas, este coletivo criminal não consegue reproduzir no Ceará o mesmo desempenho e tipo de ação característico das suas atividades no Rio de Janeiro, seu estado de origem. Uma das maiores diferenças está relacionada aos aspectos comunitários da sua atuação. No Ceará, o CV não desempenha o papel comunitário que ajudou a lhe atribuir *status* de poder paralelo no Rio de Janeiro, onde ele chega a atender demandas específicas das comunidades onde se encontra.

O CV tem como marca de atuação ações comunitárias, como o estabelecimento e manutenção da ordem pública, investimentos, ainda que limitados, em infraestrutura e bens públicos, como campos de futebol, ruas, serviços de transporte, além de ações assistenciais pela distribuição de medicamentos e cestas básicas. Ações geralmente feitas com suporte num sistema de permuta, segundo o qual os moradores beneficiados passam a informá-los sobre atividades policiais e a malocar<sup>52</sup> drogas, armas e até faccionários,

---

<sup>52</sup> Esconder.

em suas residências, quando ocorrem invasões da polícia. Também acontece intervenção na vida política das comunidades, com o controle de associações de moradores e acordos com políticos e candidatos a cargos públicos (LESSING, 2008).

Embora seja possível encontrar ações desse tipo em outras áreas controladas por outros coletivos do crime e até pelas milícias, no Rio de Janeiro, e em especial nas comunidades sob influência do Comando Vermelho, que foi pioneiro nessas atividades de cunho comunitário, tal envolvimento no cotidiano e na economia local é mais completo e comum. Eu mesmo tive a oportunidade de conviver, durante 2006, com a gestão do Comando Vermelho no Morro da Providência, na região central da cidade do Rio de Janeiro, e atesto que a inserção comunitária deste coletivo era profunda ao ponto de gerar uma adesão voluntária e entusiasta dos moradores. Por vezes, ouvi de comunitários que eles preferiam o CV à polícia, e que esta facção fazia por eles o que nenhum governo havia feito.

Não foi possível, até então, para o CV, reproduzir, com eficácia, no Ceará, o seu já conhecido modelo de atuação comunitária. Algumas ações já podem ser observadas, como doação de remédios e pagamento de contas de luz e água, como também fiquei sabendo do caso em que o Comando Vermelho pagou passagem interestadual para uma família inteira, da zona norte do Estado, poder participar do velório de um parente numa cidade do interior de São Paulo. Essas ações estão acontecendo de maneira difusa e esporádica nas comunidades, mas ainda não podem ser compreendidas como um conjunto articulado de ações de aliciamento e fidelização, que reproduzam a tradição comunitária deste coletivo.

Não contar com o seu aparato comunitário desenvolvido faz com que o CV se mostre para as comunidades locais apenas com a sua face bélica, gerando mais temor do que admiração ou empatia, o que lhe causa certo prejuízo simbólico e lhe tira uma das principais vantagens que leva em relação ao Estado nas áreas ocupadas: a retórica de que, em comparação com o poder oficial, se preocupa mais e cuida melhor das comunidades e das pessoas que vivem nesses lugares.

Aliada do CV no Estado, a FDN, se comparada com os outros três coletivos criminais (GDE, PCC e CV), aparece pouco nos noticiários e nas falas dos moradores das comunidades, e das pessoas ouvidas por esta pesquisa. Essa facção se apresenta no Norte do País como um comando capaz de se contrapor aos grandes coletivos do Sudeste. Esse desejo de autonomia e autoafirmação seria uma das características marcantes desse grupo

e um elemento central da sua identidade (SIQUEIRA e PAIVA, 2017). Em se tratando da sua atuação no Ceará, no entanto, apesar da sua presença significar que se mantém ativo na condução das operações de gestão desta rota de tráfico, que busca, principalmente, alcançar os consumidores de países banhados pelo oceano Atlântico, e que amplia e complementa o seu poderio exercido com hegemonia sobre as rotas fluviais de cocaína e maconha que passam pela tríplice fronteira vindas do Peru e da Colômbia entre as cidades de Tabatinga (Brasil), Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru), como demonstrado por Paiva (2018), do ponto de vista simbólico, há uma perda de representatividade, uma diminuição na visibilidade e uma aparente sujeição deste coletivo a uma posição de coadjuvante diante do seu aliado do Sudeste, e dos rivais, nas ações desenvolvidas no Ceará.

Se do ponto de vista pragmático a FDN encontra-se no Estado, ampliando os seus negócios e capturando novos territórios para exercer mando, e alastrar influência para além do Norte, numa perspectiva simbólica, o nível em que se encontra essa intervenção ainda não permite que se reproduza, em território cearense, as condições encontradas na sua região de origem, para que essa facção exerça, a contento, a autonomia e autoafirmação basilares da sua identidade.

É neste contexto de fragmentação dos protagonismos do crime que se desenvolve o coletivo criminal nativo, Guardiões do Estado, representado pela sigla GDE e pelos números “745”. Esses números indicam a posição das letras no alfabeto: G=7, D=4, E=5. Segundo Biondi (2010), esse tipo de símbolo é adotado por outras facções do País, como o 1533 utilizado pelo PCC, e é conhecida como “Alfabeto Congo”. Outra forma como a GDE se apresenta é como “T-3” ou “tudo 3”, usada em oposição ao Comando Vermelho, que se representa como “T-2” ou “tudo 2”.

Não há um consenso sobre a origem da GDE, e datas e locais divergentes são apresentados tanto pela imprensa, como por materiais divulgados por seus membros na internet. Nas conversas com faccionários, no campo, deparei essas divergências. No entanto, há indícios, todavia, que permitem, ao menos, formular hipóteses.

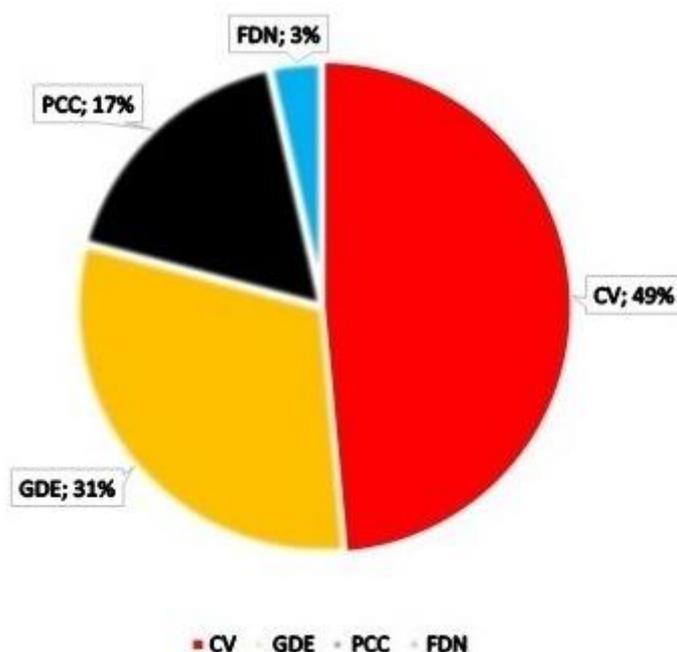
Embora a narrativa de que ela nasceu no bairro Conjunto Palmeiras, em Fortaleza, em 2015, seja a mais recorrente – sendo inclusive a versão propagada pela mídia cearense – também já ouvi durante o trabalho de campo que ela foi criada antes, por volta de 2014, na Pajuçara ou no Jereissati, bairros de Maracanaú, cidade da região metropolitana da capital cearense. Para dar maior verossimilhança à segunda versão, dois de seus principais líderes, Edgly Dutra Barbosa, o “Dudeca”, de 35 anos, e Mazola Pereira da Costa, o “Márcio Magneto”, de 47 anos, foram presos em Maracanaú, cidade onde residiam e

controlavam o tráfico na região. Mais recentemente, em julho de 2018, outro de seus líderes foi capturado pelas forças policiais em pleno trânsito, dentro de um carro blindado alugado. Auricélio Sousa Freitas, o “Celim”, estava residindo em um apartamento, no bairro Meireles, próximo à Beira-Mar, um dos metros quadrados mais valorizados da cidade. Acredito que nenhuma das versões seja inverossímil. Considero, e proponho como hipótese de trabalho, que a GDE pode ter sido fundada associadamente por agentes criminais com papel de liderança no Conjunto Palmeiras e em Maracanaú. [PIRES, 2018. p. 245]

Concordo e corroboro a hipótese proposta por Pires (2018). Considero-a verossímil e compatível com os resultados alcançados por minha pesquisa. Portanto, acolho, para efeito deste estudo, essa explicação para a origem do Guardiões do Estado. Acrescento que também ouvi de alguns dos meus interlocutores referências à participação de policiais e agentes da segurança pública na fundação desse coletivo do crime. Ressalto que essas ilações vieram de oponentes da GDE e de pessoas sem ligação direta com as facções, portanto, orientadas por boatos e versões sem comprovação, disseminadas pelo senso comum.

A GDE, segundo informações da Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado do Ceará (SEJUS), é considerada a maior facção em número de membros soltos, além de contar com 5.718 integrantes ativos nas penitenciárias cearenses e controlar cerca de 70% dos territórios em disputa pelo tráfico de drogas na Capital. Os números levam em conta os prisioneiros autodeclarados de cada organização criminosa. Em razão da política de divisão das facções por presídios onde elas não se choquem com facções rivais, todo prisioneiro, ao ingressar no sistema, declara a facção que pertence para não ser colocado com uma facção inimiga e ter a sua integridade ameaçada. Esse procedimento, segundo Claudio Justa, presidente do Conselho Penitenciário (COPEN), ocorre em atendimento a demandas das próprias facções, que conquistaram tal direito mediante ataques e atentados a prédios públicos e ônibus, fazendo o Estado ceder (PAIVA, 2018).

Gráfico 1 - Tamanho das facções no sistema prisional do Ceará



Sendo a mais antiga das facções criminosas modernas a atuar no Ceará<sup>53</sup>, o Comando Vermelho tem o maior percentual, 49%, do total de criminosos participantes de facção. Já é seguido de perto pela GDE, 31%, porém, que é a mais nova das organizações em atividade no Estado. Note-se que a aliança GDE/PCC detém 48% dos faccionários cearenses em presídios e cadeias, ameaçando diretamente a hegemonia do consórcio CV/FDN que detém 52%. Essa diferença de apenas quatro pontos percentuais ilustra a importância estratégica da GDE, como “fiel da balança”, na guerra pelo comando de uma das mais importantes rotas internacionais de tráfico e pelo mercado criminal do Ceará.

A GDE tem se notabilizado por ações como: a colocação de um carro-bomba ao lado da Assembleia Legislativa do Estado em 2016, a onda de ataques a prédios públicos e ônibus, ocorrida em abril de 2017, o recado deixado, no ano de 2018, na calçada do 22º Batalhão da Polícia Militar, com pedras formando a frase: “GDE 745 Tudo Nosso”. Todas são ações espetaculosas, que exigem ousadia e coragem, desafiam explicitamente o Estado e têm a potencialidade de funcionar como propaganda para provocar a adesão de jovens à organização.

<sup>53</sup> Teve registrada a sua primeira ação no Estado no ano de 1986, com o assalto à loja King Joias, no Centro de Fortaleza. Sobre isso ver DIÁRIO DO NORDESTE (2018).

O Crescimento da GDE é analisado tanto por estudiosos como pela imprensa, com base em vários fatores. Para o coordenador do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da Universidade Federal do Ceará (UFC), professor César Barreira, GDE é uma facção criminosa nova, e esta organização atrai aos adolescentes, tendo a crueldade como marca (DIÓGENES, 2018). Para Luiz Fábio Paiva, também pesquisador do LEV e um estudioso das facções e do crime organizado no País, “a construção do sentimento de pertencer” é um dos elementos que provocam adesão a GDE. Segundo ele, há uma glamourização do estilo de vida do crime, da ideia de ser criminoso, de estar na onda junto com os outros, de ver os amigos fazendo parte disso (PAIVA, 2018). A imprensa tem destacado a juventude dos membros desta facção (GDE é considerada jovem, tanto pelo tempo de existência, pelo fato de recrutar pessoas ainda muito jovens, para as suas fileiras), a pouca hierarquização na sua organização, e a não cobrança de contribuição dos integrantes, como fatores que facilitam o seu crescimento. O artigo sétimo do estatuto atribuído à GDE, no entanto, determina que cada integrante da organização contribua financeiramente todos os meses. O objetivo é fortalecer a facção, não deixando os irmãos “desamparados”. (BARBOSA, 2017).

Este estudo leva em consideração alguns desses argumentos, pois, associa, pelo menos em parte, a pouca idade dos faccionários da GDE com as suas ousadias e extravagâncias e com o seu gosto pelo desbravamento, pela aventura. De igual modo, enxerga o componente do “novo” como uma causalidade a se observar. Afinal, para as atuais gerações, uma das maiores novidades, em termos de aventura, desvio e desobediência, em se tratando do Ceará, é a participação nas facções criminosas modernas. E o mais “novo”, em se falando de facções, é a GDE. E esse tipo de novidade tem demonstrado potencial para atrair e inspirar a adesão de jovens ao crime. Não obstante, penso que há algo de mais profundo e complexo a somar-se a esses pontos.

Recorro à cultura popular juvenil para analisar, com suporte nas falas expressas em letra de *funk*, aspectos do discurso e do imaginário que nutrem a aventura e os sentidos atribuídos pelos faccionários à sua participação no crime. O pertencimento, a mobilização de força e certo “verniz social” aparecem misturados num canto que chega a lembrar uma espécie de *coaching*<sup>54</sup> rebelde e engajado que poderia ser, facilmente, confundido com

---

<sup>54</sup> Conjunto de métodos de desenvolvimento humano amplamente utilizado para diversas áreas, em especial a área empresarial, carrega grande apelo motivacional, geralmente voltado para profissionais e empreendedores, chega a lembrar autoajuda e visa impulsionar carreiras e negócios.

um manifesto político-ideológico de algum grupo revolucionário em insurreição, mas, que, na verdade, é um chamamento à adesão e atuação nas fileiras da GDE.

Pedimos paz, igualmente, pra todos que tão privados, e também muita justiça pra todos os injustiçados (...) É nós que causa atentado, é nós que toca o terror, fortemente preparado, quer caô, aqui tem caô. A cidade estremece quando o bloco sai pra pista (...) nossa luta será contra qualquer tipo de opressão e não vamos aceitar nenhum tipo de vacilão. Sem depender do governo, nós mesmo se fortalece. Nossa força vem da união e a família só cresce. Quem fechou é consciente, nada vai passar batido. Hoje você fortalece, amanhã é fortalecido. É muita bala pra quem for contra a nossa ideologia, pois a nossa meta é buscar sempre a melhoria. [MC ORELHA, 2017].

No Funk do MC Orelha, feito para a facção Guardiões do Estado, notam-se as marcas de um discurso político e ideológico que prega a união entre os oprimidos e injustiçados, a independência diante do governo, a defesa armada da ideologia adotada e uma atitude de buscar, planejadamente, com metas, pela melhoria. Tem o mesmo sentido a afirmação: “Nossa força e nossa união farão que ecoe a liberdade contra todo tipo de opressão causado pelo governo, ou mesmo qualquer outro instrumento que venha a oprimir, ou se posicionar contra a nossa ideologia e nossa luta”, que consta do capítulo nº 5 do estatuto atribuído à GDE (BARBOSA, 2017).

Esse tipo de fala não é exclusivo da GDE, nem das facções criminosas atuais. Guardadas as proporções, esse discurso que articula a violência e o crime com a luta contra a injustiça e a opressão frequente a boca de adeptos de grupos ao longo da história da sociedade cearense, seja na voz dos “índios” da “guerra dos bárbaros”<sup>55</sup>, seja na fala de cangaceiros durante o século IX, ou mesmo na oratória de outros adeptos da violências como os “pistoleiros” em suas missões vingadoras e justiceiras dos crimes por encomenda, com sua ética relativizada, transitando entre a moral conservadora e a hierarquização transgressora de valores, capaz de sobrepor a “honra” à “vida” como valor prioritário. “Pistoleiros” que, apesar de serem personagens ‘solitários’, eram contratados, principalmente, para resolver conflitos envolvendo interesses de famílias e grupos políticos (BARREIRA, 1998). O mesmo tipo de fala emerge nas conspirações e formações de grupos partidários revolucionários. A História da nossa sociedade está repleta dessas recorrências. Talvez a imobilidade social permanente e a abissal divisão

---

<sup>55</sup> Revolta iniciada 1863 pelos “índios” do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Piauí, contra os colonizadores. Sobre isto consultar Farias (2004).

econômica funcionem como leitões aconchegantes para essas águas turvas correrem, caudalosas, por entre as bases sociais e culturais da sociedade.

Outro aspecto importante a se observar é a carga simbólica das ações da GDE. Scott (2013) considera que uma das técnicas fundamentais de sobrevivência dos grupos subordinados em situação de poder, seja, justamente, a gestão da impressão que causa nos outros; e que os aspectos mais teatrais da sua conduta não escapam aos elementos mais atentos do grupo dominante. Sendo assim, a ação espetacular da GDE, colocando um “carro-bomba” ao lado da Assembleia Legislativa do Ceará (ALCE)<sup>56</sup>, abre um canal de comunicação com as elites dirigentes do Estado, muito possivelmente, tornando públicos elementos de “discursos ocultos<sup>57</sup>” (como discursos que têm lugar nos bastidores, fora do campo de observação direta dos detentores do poder) historicamente elaborados nos guetos, favelas e periferias do Estado, entre os grupos subordinados por meio de anos de dominação. E são esses elementos, que, sendo de difícil percepção e apreensão por quem não compartilha da mesma situação e lugar de subordinação, foram alcançados e entendidos pelo faccionário Delânio, que os torna públicos na sua fala.

Quando eles botaram aquela bomba dentro do carro em frente à assembleia dos deputados, eu gostei deles. Tava faltando alguém com corage nessa bagaça<sup>58</sup>. As vêiz num é só crime não, eles também tão pur nós. Por isso eu entrei. É contra a maldade dos poderosos, a ganância dos político, a covardia da poliça, os governo tudim. [DELÂNIO, 18 anos].

Delânio refere-se ao episódio do dia 05 de maio de 2016, quando foi encontrado um “carro-bomba” ao lado da ALCE. Na ocasião, a imprensa noticiou que a ação seria uma represália do crime organizado contra a votação de uma lei que autoriza a instalação de bloqueadores de celular nos presídios do Estado. Para Delânio, no entanto, a ação ganha a envergadura de um confronto bem mais politizado, contra a ganância dos políticos, a maldade dos poderosos e a covardia da polícia.

Paiva (2015) ao analisar falas sobre a violência na tríplice fronteira amazônica, observa que “[...] a violência empresta sentidos que são, discursivamente, retratados por pessoas que começaram a falar sobre o assunto, mas exploraram o mundo social em que

---

<sup>56</sup> No dia 05 de maio de 2016, foi encontrado um carro com explosivos numa rua lateral à Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. A ação foi atribuída à facção criminosa Guardiões do Estado/GDE. Sobre isto consultar Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (2018).

<sup>57</sup> Discurso Oculto para James C. Scott, é também “[...] conotativo, consistindo em enunciados, gestos e práticas, que por se darem fora da cena, confirmam, contradizem ou inflectem aquilo que aparece no discurso público”.

<sup>58</sup> Gíria para coisa sem valor; bagunça; desorganização.

vivem de múltiplas maneiras”. Nessas falas, elas abordam coisas da vida, a sua cidadania e até as suas expectativas em relação aos governos.

Delânio é uma dessas pessoas. Não só parte da violência para falas sobre política, como chega a atribuir intenções e funções políticas a atos violentos que, necessariamente, não se comunicam ou se reivindicam assim. Ele afirma que esse acontecimento foi decisivo para a sua adesão a um coletivo criminal. Delânio diz que entrou para a facção influenciado pela ousadia do crime em afrontar os “malfeitos” do governo e dos políticos. Nota-se, assim, o apelo social e político, mesmo que enviesado, que essa organização começa a despertar em virtude de suas ações permanentes de afronta ao governo. E dadas as condições sociais do Ceará, que desde o seu surgimento se encontra entre os estados mais desiguais do País, é possível imaginar que há muito espaço de crescimento, tanto para esse tipo de apelo, como para a própria organização criminosa.

O comunicado da GDE, amplamente repercutido pelas mídias e imprensa, assume a forma comum àquela “[...]primeira declaração aberta de um discurso oculto, que rompe com as formalidades das relações de poder, e perturba um espelho de águas aparentemente calmas, uma tranquilidade aparente de silêncio e aceitação”. Tal ação, segundo Scott (2013), tem a força simbólica de uma declaração de guerra. Foi isso o que viu Delânio, e que outros jovens periféricos têm visto, ou sentido, nas ações da GDE, uma declaração de guerra contra os “malfeitos” do governo e dos políticos e contra a subordinação histórica de amplos setores oprimidos e marginalizados da sociedade cearense?

O cangaço era uma via atrativa para o sertanejo, ainda que fosse perigosa, ostentava o brilho de uma “ocupação aventureira, um ofício epicamente movimentado, um meio de vida, ou até mesmo um amadorismo divertido de jovens socialmente bem situados, carentes de afirmação” [LOPES, 2016. p.22].

Esse discurso trata do cangaço, fenômeno social surgido no Nordeste, no século IX. Poderia ser dirigida ao crime, no entanto, em especial ao tráfico de drogas, e até mesmo ao envolvimento com facções criminosas no início do século XXI. Como há dois séculos, algumas formas de banditismo ainda continuam atraentes para setores da nossa sociedade, como também seguem passíveis de uma compreensão à luz do banditismo social<sup>59</sup> (HOBSBAWM, 2010). Até mesmo porque, passados, aproximadamente, 200

---

<sup>59</sup> O bandido social, “[...] guarda consigo as mesmas aflições e angústias suportados pelos da sua origem e, por conseguinte, detém os mesmos ideais”. Devido a isso, sendo vistos como criminosos pelo Estado e

anos do contexto histórico onde se desenvolveu o cangaço, as principais questões sociais relacionadas com a desigualdade, exploração e exclusão de amplos setores da sociedade continuam por resolver.

Noutra perspectiva, Scott (2013) considera que o “carisma” implica uma relação em que os observadores envolvidos reconhecem, e podem, inclusive, colaborar na inspiração de uma qualidade que admiram. É necessário para compreender um “ato carismático” considerar até que ponto esse gesto “[...] representa, ou não, um discurso oculto partilhado que até então ninguém tivera a coragem de declarar na face do poder”. Ora, é justo isso que, para Delânio, representa a “declaração de guerra” da facção ao colocar um carro cheio de explosivos ao lado da ALCE: “Tava faltano alguém cum corage nessa bagaça. As vêiz num é só crime, eles tão pur nós. Por isso eu entrei. É contra a maldade dos poderosos, a ganância dos político, a covardia da puliça, os governo tudim”.

Enxergar os fatos assim representa entender o episódio do “carro-bomba” como um ato político “carismático”, e muito das ações das facções, no Ceará, como elementos advindos da “infrapolítica” dos grupos subordinados; aquele “[...] vasto leque de meios de resistência discretos que recorrem a formas indiretas de expressão”. Pequenos furtos e roubos podem, sob o foco da “infrapolítica”, ser entendidos como forma de resistência, protesto e luta contra a assimetria econômica da sociedade. Os apelidos usados contra a polícia (gambé, vermes, pé de bota, robozin do governo, macacos); as insinuações e boatos visando a atingir a imagem e a moral de políticos e governantes (como os comentários que visam a questionar a orientação sexual de dado governante); o sucesso das letras de *funk* que desafiam a moral vigente, falando abertamente de sexo ou de crime<sup>60</sup>; a pichação questionando a estética burguesa ou a desigualdade arquitetônica, estética e funcional entre as residências da periferia e as de áreas elitizadas; as fofocas, os boatos, as canções, as histórias tradicionais, os rituais, os códigos, os eufemismos, partes da cultura popular, tudo na modalidade de uma política do disfarce e do anonimato, acontecendo sob o olhar público, mas feita para ter duplo significado ou para proteger a identidade dos autores.

---

pelos poderosos, e como herói e vingador das injustiças, por parcelas da população, conquistando apoio popular. (LOPES, 2016).

<sup>60</sup> Um indivíduo ofendido pode desenvolver uma fantasia pessoal de vingança e confrontação, mas quando a ofensa não é mais do que uma variante de um conjunto de ofensas sistematicamente infligidas a uma raça, classe, ou estrato social, então a fantasia pode converter-se num produto cultural coletivo. Qualquer que seja a forma que venha a assumir – paródia secreta, sonhos de vingança violenta, visões milenaristas de um mundo às avessas - esse discurso oculto coletivo é essencial a qualquer visão dinâmica das relações de poder (SCOTT, 2013. p.50).

Trata-se do “discurso oculto” e da “infrapolítica”, conceitos trabalhados como recursos políticos dos subordinados, daqueles submetidos à tirania (SCOTT, 2013). Segundo essa perspectiva, as facções podem estar catalisando e mobilizando tudo isso na sua economia simbólica. Para alcançar, todavia, o entendimento desse fenômeno, é necessária uma visão transposta aos limites das manifestações impostas de consentimento ou de insurgência aberta, avançando na compreensão da vida política que se dá em situação de tirania ou “quase tirania”, pelas periferias e favelas do Ceará, onde as pessoas não têm assegurado o seu direito de ir e vir, o uso do espaço público, o mínimo de cidadania, a dignidade durante uma abordagem policial, o respeito e atenção fundamentais ao buscar um serviço governamental; lugares onde a sensação, principalmente para os jovens, é de “terror pessoal” que pode assumir a forma de espancamentos, ofensas e humilhações.

Eu já não conseguia conter as lágrimas que escorriam pelo meu rosto. Naquele dia, consegui entender o que os presos chamavam de humilhação, sentimento ligado a uma sensação de impotência misturada a uma revolta e que pode levar a um sentimento de ódio. [BIONDI, 2009. p.22].

Este relato demonstra um pouco do que pode representar o Estado, em determinadas situações, para grande parte da população brasileira. E mesmo que alguém em particular não venha a sofrer diretamente tais violências, a consciência sempre em curso nessa possibilidade parece definir toda a relação (SCOTT, 2013. p.52). Esta ainda é a realidade de milhões de jovens moradores das favelas e periferias em pleno século XXI. É assim que muitos dos jovens periféricos se sentem e efetivamente vivem diante do Estado e da sua face mais atuante nos seus cotidianos: a polícia.

Pensando com Scott (2013), é possível acessar essas dimensões por meio dos conceitos de “discurso oculto” e “infrapolítica”. Sendo assim, muita luz se joga sobre os motivos e facilidades da adesão de amplos setores da população cearense às facções, e, principalmente, ao “Guardiões do Estado”, a mais espetacular e ousada dessas organizações, no momento; e a que melhor pode estar transformando “[...] sensação de impotência misturada a uma revolta” em ódio; e convertendo “discurso oculto” em “discurso público” e ação; e, por esse meio, conquistando mais adesões, principalmente, junto às juventudes subordinadas das periferias, que compartilham da vida em lugares e situações de subordinação partilhada, onde e quando esses discursos ocultos são coletivamente produzidos. Esses mesmos jovens vibram e aderem ao ver a subserviência cedendo lugar à afronta declarada que produz “[...] esses momentos raros e perigosos”.

E, sendo, no momento, as facções criminosas o que melhor representa esse desafio aberto, público, ao governo, aos políticos, à polícia, ao Estado e a todos os “maus feitos” e maus tratos sociais, é a elas que os jovens aderem. Isso contribui para a compreensão, ao menos em parte, do porquê de as facções terem atraído tantos jovens para as suas fileiras.

### 3 AVENTURA, TRABALHO E CRIME

Este capítulo aborda elementos das obras de Sérgio Buarque de Holanda e Max Weber, bem como a relação de alguns dos seus conceitos com o desenvolvimento deste estudo, buscando evidenciar as influências e os limites dessa relação. Em foco, a questão do *ethos* que perpassa as maneiras de fazer o crime, permitindo um entendimento sociocultural do seu desenvolvimento e oferecendo, junto com a observação de aspectos comportamentais e sociológicos próprios da cultura cearense, as condições para uma compreensão dos vínculos e causalidades dos fenômenos nas suas dimensões históricas que, alicerçantes, contribuem para uma análise mais complexa da sua economia simbólica.

#### 3.1 Rapsódia<sup>61</sup> ética

Quando cunhou a expressão “espírito do capitalismo”, Weber (2004) teve a preocupação de expressar a dificuldade que seria limitá-lo a determinado conceito, alegando se tratar de uma individualidade histórica unida em torno de um todo conceitual do ponto de vista cultural. A dificuldade residiria no fato de se tratar de um complexo de elementos associados à realidade histórica, realidade essa que não poderia ser reduzida a esta única maneira de compreendê-la. Além do mais, tal conceito histórico, por ser único, só pode ser gradualmente estruturado com amparo nas partes individuais tomadas à realidade histórica que o institui (WEBER, 2004. p. 41).

Certa inclinação pessoal assume o caráter de uma máxima de conduta de vida eticamente coroada: na ordem econômica moderna, ganhar dinheiro, desde que se faça de forma legal, como resultante e como expressão da habilidade na profissão. Somada à profissão, todavia, entendida como dever, formariam a “ética social” capitalista, e, de certo modo, a constituiriam. A fonte desse “espírito” estaria relacionada com o dogma da predestinação e com a necessidade de “comprovação” da salvação presente no protestantismo ascético. O *ethos* ou ética profissional, seria um dos elementos constituintes do “espírito” do capitalismo. Trata-se de uma série de fatores que vão da

---

<sup>61</sup> Define-se rapsódia como peça musical formada pelos fragmentos de outra obra (RAPSÓDIA, 2019). Aqui utilizada como analogia para arranjos éticos híbridos que se formam a partir de “fragmentos” de éticas diferentes e por vezes até conflitantes, mas que alcançam certa harmonia em estilos de vida desviantes.

ideia de comprovação à ascese, e culminam com a ideia de vocação e de um *ethos* profissional que têm a capacidade de constituir, nos dias atuais, e sem as raízes religiosas, o *homo economicus* moderno (WEBER, 2004). Esse conjunto complexo de elementos morais e éticos construiriam uma cultura que imporá, através dos séculos, um modo de viver que sustentaria e se retroalimentaria no capitalismo moderno. Um estilo de vida de alcance global baseado na ética do trabalho e no racionalismo.

Foi a essa construção cultural que Holanda (1995) contrapôs o seu “homem cordial”, vinculado a uma ética contrária, baseada na herança ibérica e nos valores relacionados com a aventura. Mesmo promovendo a ruptura entre esses dois modos de viver, deixou pontes, ao afirmar que uma dessas éticas, não necessariamente, excluiria por completo a outra, podendo ambas subsistirem em dada cultura. Aí está o gancho, o ponto de partida para a discussão sobre a existência de certa “mestiçagem” entrelaçando elementos desses dois complexos históricos fundantes de conceitos culturais capazes de estruturar estilos de vida em *ethos* próprios.

Este estudo, ao avançar nos levantamentos históricos acerca das origens sociológicas de certos tipos de desvios, violências e crimes no Estado do Ceará, deparou a presença e a relevância de elementos morais e éticos - percebidos nas representações que os envolvidos com a violência e o crime, que colaboraram na pesquisa, fazem das suas trajetórias e das visões que manifestam sobre a sociedade – como fatores estruturantes de formas de viver que podem ser associados ao que Holanda (1995) chamou de “ética aventureira”, mas que aparecem matizados pelo “espírito do capitalismo”, de Weber (2004).

O que o estudo encontrou foi uma inclinação pessoal que assume máxima de conduta de vida com base num sentimento hedonista e numa ética do gozo da vida, que requer um tempo o mais reduzido possível e com o menor esforço que se possa fazer. Este *ethus* também manifesta valores correlatos à “[...] atitude interior do aventureiro que se ri de todas as limitações éticas”, às vezes, desdenha da sanção psicológica da ascese cristã que concebe o trabalho como vocação, como meio único ou excelente para alcançar a certeza da graça e legaliza “a exploração dessa específica vontade de trabalhar” (WEBER, 2004). Outras vezes, porém, reivindica muitos desses valores relacionados com o “espírito do capitalismo”, numa contradição cíclica que marca o estilo de vida por ele influenciado.

Terem os homens a maior riqueza possível com o menor trabalho possível.  
[HOLANDA, 1995].

Segundo Holanda (1995), em se tratando da obra da conquista e colonização dos novos mundos, em especial no caso do Brasil, o tipo “aventureiro” teve primazia sobre o tipo “trabalhador”, o qual teve nessa empreitada um papel quase nulo. O autor se referia a dois tipos ideais que poderiam, nas formas de vida coletiva, assinalar dois princípios que se combatem e que regulam as atividades dos homens; dois princípios encarnados nos tipos: “aventureiro” e “trabalhador”.

Existiria tanto uma ética do trabalho como uma ética da aventura. E, sendo assim, o indivíduo do tipo “trabalhador” só atribuiria valor moral positivo àquelas ações para as quais se animaria. E consideraria imorais e detestáveis aquelas próprias do “aventureiro” tais como: audácia, irresponsabilidade, instabilidade e vagabundagem. Já o “aventureiro”, tenderia a valorizar e enaltecer os esforços direcionados para uma recompensa imediata, e a considerar inadequados, e a desprezar, os esforços voltados para a estabilidade, para a paz, para a segurança pessoal e aqueles que não apontem para o rápido proveito material; estes últimos, priorizados pelo tipo “trabalhador”.

Captar as manifestações relativas a uma, ou a outra, dessas éticas, em meio ao público estudado, se impôs, desde cedo, como um dos grandes desafios desta pesquisa. Não é de hoje, contudo, que o *RAP* capta, decodifica e expressa em poesia ritmada os resíduos da ética “aventureira” nos corações e mentes das juventudes periféricas que enxergam no desvio e no crime possibilidades de aventura e mobilidade social a serem alcançadas à margem do mundo do trabalho capitalista convencional. A Sociologia tem se beneficiado de várias modalidades dessa ferramenta. Meu trabalho soma-se ao conjunto das pesquisas que fazem uso de letras de *RAP* como recurso analítico voltado para o estudo da relação entre o crime e os jovens. Neste caso, com interesse direcionado para manifestações de arranjos morais e éticos que possam subsidiar práticas desviantes e criminais e sejam captados e expressos por essa vertente da cultura popular.

[...] eu juro que vou te provar que não foi em vão. Mas cumprir ordem de bacana, não dá mais não [...] A vida é sofrida, mas não vou chorar. Viver de que? Eu vou me humilhar? É tudo uma questão de conhecer o lugar. Quanto tem, quanto vem. E a minha parte quanto dá, porque... Hoje eu sou ladrão, artigo 157. As cachorra me amam, os playboy se derretem. Hoje eu sou ladrão, artigo 157, a polícia bola um plano, sou herói dos pivete. [RACIONAIS MC'S. 2002].

Aos olhos do aventureiro, diz Holanda (1995), nada parece mais estúpido do que o ideal do trabalhador. Na letra de *RAP*, de Mano Brown, dos Racionais MCs, ser empregado (cumprir ordem de bacana) corresponde a se humilhar. A vagabundagem, no entanto, o faz herói dos mais jovens (pivetes), amado por mulheres (cachorras) e admirado pelos *playboys*<sup>62</sup> que se “derretem” diante do artigo 157<sup>63</sup> (ladrão). Nesta música, Brown parece invocar o tipo “aventureiro”, caçador, coletor, espaçoso, que torna secundários os processos que intermedeiam os seus propósitos ambiciosos. Sentimento parecido é encontrado por Barreira (1998) ao entrevistar “pistoleiros” que, ao se compararem com o trabalhador assalariado, enxergam maior vantagem no seu próprio tipo de “trabalho”.

Outro artista, o carioca Felipe Ret, apresenta o que pode ser entendido como uma noção híbrida das éticas do trabalhador e do aventureiro, captada da cultura popular por sua música “Chefe do crime perfeito”. A música promove uma junção entre o fazer criminal e a prática empresarial, a tal ponto que fica difícil fazer distinção entre ambas. Para a minha pesquisa, entender as bases éticas das práticas de desvios e crimes, principalmente em se tratando dos jovens, é um caminho imperativo na direção do entendimento do porquê se chegou a formas singulares de fazer crime no Ceará. O linguajar usado pelo *rapper* foi encontrado com, praticamente, os mesmos significados, entre os “envolvidos” pesquisados e *rappers* locais, o que denota, neste caso, o compartilhamento de valores e arranjos morais similares entre os universos criminais do Rio de Janeiro e do nosso Estado, e a igual captação da manifestação destes pela cultura popular.

---

<sup>62</sup> Ricos, abastados, privilegiados.

<sup>63</sup> Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência: Pena -reclusão, de quatro a dez anos, e multa. Fonte: CP - Decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10619340/artigo-157-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>, acessado em 16 de fevereiro de 2017.

[...] minha droga é a melhor do mercado. Encho rodas de rua, deixo os shows lotados. Vivaz, Cd de ouro. Quem tentar é louco. No ttk ninguém se contenta com pouco [...] Sempre no combate por pontos de venda. Agressividade é a chave, aprenda. Só quem nasce playba não tem ambição. Na queda ou na ascensão minha marra é a merma [...] embaralho tua mente, refino meu entorpecente. Vendo pra caralho, aceita [FELIPE RET, 2015].

Na letra de Felipe Ret, o sucesso no crime é encarado como o sucesso nos negócios: o melhor produto (no caso a droga) no combate por pontos de venda, ou, lutando por pontos comerciais (trabalhando), vendendo muito (“pra caralho”) os produtos beneficiados (refino meu entorpecente). A agressividade, que se espera do bom capitalista atuante no mercado, aqui também é a “chave”. A ambição é tratada de forma positiva e como característica de quem não nasce privilegiado (“só quem nasce playba<sup>64</sup> não tem ambição”).

Os dois mundos, o do trabalho e o da aventura, se misturam nos versos de Felipe Ret. A ética do “aventureiro” e a ética do “trabalhador” fundidas numa daquelas múltiplas combinações das quais falava Holanda (1995). Ao final, contudo, na mensagem difundida pela letra de *RAP* em questão, parece predominar a ética do “aventureiro”, mesmo que “temperada” pelos valores do trabalho. E o artista repete, intermitentemente, o refrão: “carrego a glória e a dor de viver do meu jeito, meu amor, eu sou o chefe do crime perfeito”.

Fundamentando-se nas construções dos tipos ideais de Max Weber, Holanda (1995) defende o argumento de que o brasileiro seria herdeiro do tipo ideal “aventureiro”; ou seja, que o brasileiro apresentaria como características marcantes a irresponsabilidade, instabilidade e aversão à ideia de trabalho. A ideia de prosperar sem custo e obter riquezas fáceis lhe apeteceria. Tais características teriam, para o autor, influência decisiva na nossa vida nacional; mas, ressalta, não são características excludentes, em relação ao tipo “trabalhador”, podendo coexistir e até interagir no âmbito social.

De fato, nas nossas muitas conversas com envolvidos em desvios e crimes pelas ruas do Ceará, foi possível reconhecer tanto a presença da simbologia do trabalho como da aventura, misturadas nas construções simbólicas relacionadas com práticas do crime que, em tese, teriam mais a ver com a irresponsabilidade, a instabilidade, a aversão à ideia de trabalho, a noção da prosperidade sem custo e a obtenção de riquezas fáceis, próprias da “ética aventureira”.

---

<sup>64</sup> Gíria, derivação de *playboy*.

Um caso emblemático é o de Rico, jovem fraccionário que coleciona certificados de cursos profissionalizantes. Já frequentou a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará/UFC por três semestres, se expressa bem, tem curso de culinária e gaba-se de ser um excelente cozinheiro. Viciado em cocaína e comerciante do “branco<sup>65</sup>”, passa as noites entre os quiosques do Polo de Lazer do Conjunto Ceará ao som do *reggae*, ao sabor da cerveja e nos braços da amada. Nos finais de semana, curte praia e uma festa *rave*<sup>66</sup> em algum sítio afastado nos arredores da Cidade. Atualmente, mora com a namorada, mas visita a mãe e o filho periodicamente. Rico chega a faturar dois mil reais por semana “quando o movimento tá bom”, mas não está satisfeito.

Conversamos por quase duas horas num banco de cimento um pouco afastado do Bar do *Reggae*, no polo de lazer do Conjunto Ceará. Até este momento, se sucedeu um conjunto de desencontros marcados por uma resistência persistente de Rico em falar comigo sobre o assunto. Disse ele que, inicialmente, temia que eu fosse da polícia; e que consultou muita gente do crime e frequentadores do lugar, para poder aceitar a conversa. Segundo ele, foi decisivo saber dos meus posicionamentos sempre contrários à instalação de uma unidade da polícia no polo e as várias defesas que eu já fiz do bar do *reggae* quando os “home”<sup>67</sup> queriam fechá-lo.

O risco é muito alto, sei que a forma que eu vivo abala a gata e tô querendo achar um outro caminho, quero uma coisa mais tranquila, pode até render menos. Quero voltar a estudar. Eu tenho um filho, o moleque tá crescendo. Isso aqui é muito bom, mas eu tô buscando uma coisa mais sociedade, sabe? Eu sou empreendedor. Se eu tiver uma chance, mudo de vida. Isso aqui já deu. A gente tem a grana, mas não tem o respeito, tem gente que não considera, acha errado, olha de “rabo de olho”, isso é ruim. Muito incômodo. A família dela não sabe, me dou bem com todos eles e tenho pensado muito em parar. Isso aqui é bom demais pra esses moleque ai que só pensam em “comer mulher”, “pagar de patrão”, viver de festa, pra eles vale o risco. Na verdade, nem pensam no risco, num pensam em nada. Mas por enquanto vou ficando aqui, tenho contas pra pagar e gosto disso também. O que pega são esses lances que te falei. Se ao menos o governo legalizasse essa parada logo, ai eu tava feito. Mas num vai legalizar não, né, tu acha? Se acho errado o tráfico? Acho não, dotô! Pra mim é um comércio como outro qualquer. Os riscos, as balas, mortes, fazem parte do pacote. Aqui num tem santo, nem ingênuo. Todos os que entram sabem no que estão se metendo. Não me considero bandido não. Nunca matei, num robo, vendo o que um monte de gente quer comprar e o governo não deixa vender nas farmácias e supermercados, só isso. Meu problema não é essa coisa de moral não, isso é falsa-moral, cachaça, cigarro, e remédio controlado faz muito mais mal e tão ai vendendo. Só penso em sair pela hipocrisia da sociedade, quero respeito, consideração por mim. [RICO, 27 anos].

---

<sup>65</sup> Gíria para cocaína.

<sup>66</sup> Evento de longa duração que geralmente acontece em locais afastados, festa à base de música eletrônica.

<sup>67</sup> Gíria para polícia.

Rico pensa em cruzar a “fronteira” entre os “mundos”. Com os pés no “mundo do crime” e a cabeça voltada para o “mundo social”, sente-se à vontade com a ética relativizada que norteia as suas ações. Incomoda-se, no entanto, por não usufruir da chancela da moral hegemônica da sociedade. “Um indivíduo pode ser malandro, ladrão e maconheiro e se achar considerado pelas amizades do mundão<sup>68</sup>, mas desconhecer que é desconsiderado pelas ‘pessoas boas’ da comunidade”, diz Sá (2011). No caso de Rico, ele demonstra plena ciência dessa condição. Sabe que tem a “grana”, conquistada em atividades baseadas na “ética do aventureiro”, mas não tem o respeito reservado aos que se orientam pela “ética do trabalhador”. O garoto, no fundo, queria ter partes dos dois “mundos”. Transita pela “fronteira” mais ou menos à vontade, a despeito da rigidez dos códigos e dos rituais específicos de entrada e saída (FELTRAN, 2008. p.101), só que, no momento, sente que a “fronteira” ameaça adstringir-se, e os dois “mundos” colidirem.

Além do maniqueísmo simplificador da moral hegemônica, que esvazia a diversidade e atormenta Rico com todo o peso da coerção social, existiria uma linha tênue, um *ethos* híbrido, que, não sendo um instante de conforto num vácuo moral, estaria mais para um espaço supramoral onde convivem noções éticas conflitantes sem que, necessariamente, precisem se anular? A gênese sociológica da nossa sociedade parece nos apresentar, assim, uma amostra do produto destas condições sócio-histórico-culturais que possibilitam, no Ceará contemporâneo, um banditismo caboclo, aventureiro, e, mesmo que atormentado, eticamente miscigenado.

O traficante que ocupa posição de mando se reconhece, se declara e é reconhecido por seus pares, como “patrão”, o que remete ao “mundo do trabalho” e possibilita que também se pense nos seus comandados como trabalhadores. Conforme Grillo e Hirata (2017. p.80), respeitadas as diferenças, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, locais-sede das duas maiores facções criminosas do País, as empresas locais do tráfico são tratadas como “firmas”, apresentando “[...] hierarquias caracterizadas pela relação patrão/empregados e uma diferenciação interna dos papéis desempenhados pelos envolvidos”, tal qual se dá nas corporações capitalistas modernas. No Ceará, essa noção também aparece, embora com menor ênfase do que no Sudeste.

---

<sup>68</sup> Sá (2011) explica que “O mundão é o sistema da droga, da prostituição e da criminalidade”.

Percebi que alguns dos pesquisados manifestavam, em se tratando da mesma ação, a adesão aos valores próprios do “trabalho” e também da “aventura”, que, em tese, seriam antagônicos e conflitantes. Entendi que, nesses casos, estava diante do que chamei de “mestiçagem ética”, que seria um tipo de *ethos* a misturar valores discrepantes dentro de um mesmo arranjo moral, contraditório, mas sustentável pelo perfil psicossocial do agente, forjado pelos resultados de uma jornada “civilizatória” que o capacitaria para isto. E resolvi examinar o fenômeno mais a fundo, pois suspeitei da sua influência nos cenários de crescimento do crime, violência e facções, no Ceará.

Relevantes para o estudo, a questão cultural e a ética não são tratadas como fatores isolados determinantes de um ambiente propício às atuais tendências e ao crescimento do crime no Estado. Questões objetivas relacionadas com a desigualdade social e com a perversa estratificação da nossa sociedade que, aliás, também são vistas como originadas durante, e pelo, percurso “civilizatório” a que fomos submetidos, são consideradas variáveis que se somam e, juntas, oferecem vias de compreensão, análise e explicação dos fenômenos estudados. Adoto o entendimento da “recursividade” da vida social, considerando que ações que geram a história das coletividades humanas são sempre influenciadas por circunstâncias estruturais forjadas por essa mesma história (GIDDENS, 2003).

Penso que uma sociedade injusta, na qual foram negadas oportunidades a uma grande parcela de homens e mulheres, pode também oferecer “terra preta”<sup>69</sup> para o cultivo e aumento do crime no País. Tais injustiças sociais e as suas relações com os desvios, a violência e o crime, são permanentemente identificadas e trabalhadas pela cultura popular do *RAP* na forma de etnografias analíticas das condições sociais da periferia. O grupo Atitude Feminina, em uma das suas músicas, constrói uma dessas reflexões como poesia urbana:

[...] Um 3 janelas na cinta só pra fazer correria, tatuagens nos braços, a pele escura, sem chance. Na 4º série, bom salário é um sonho distante. Se meteu numa fita com os camaradas da área se deu de bem. Ficou bonado, hoje vai ter feijoada. Chama as dona do atitude só pra comemorar e avisa que o neguinho é quem vai patrocinar. [ATITUDE FEMININA, 2006].

---

<sup>69</sup> Um tipo de solo muito fértil onde se encontra uma variedade de carvão vegetal, que funciona como fator de otimização na capacidade de crescimento das plantas. Disponível em <http://www.saberatualizado.com.br/2015/07/terra-preta-e-modelo-de-fertilidade.html>, acessado em 27 de fevereiro de 2017.

Pouca escolaridade (4ª série do ensino fundamental), o fator racial como limitador das oportunidades (a pele escura, sem chance), o crime como única opção (um 3 janelas<sup>70</sup> na cinta só pra fazer correria<sup>71</sup>). As condições sociais desfavoráveis aparecem na letra do *RAP* como elemento decisivo no envolvimento do “neguinho” com o crime. A sociedade não lhe teria possibilitado nenhuma outra opção. Aqui, questões objetivas se somam ao comportamento de tipo “aventureiro” que parece oferecer resultados dignos de comemoração (Se meteu numa fita<sup>72</sup> com os camaradas da área, se deu bem, ficou bonado<sup>73</sup>. Hoje vai ter feijoada. Chama as dona do Atitude só pra comemorar e avisa que o neguinho é quem vai patrocinar).

As condições sociais desfavoráveis de boa parte dos envolvidos com o crime, por si, não dão conta de explicar as atuais tendências da criminalidade. E os recorrentes envolvimento de pessoas de condição social até privilegiada, com o crime, deslegitimam qualquer intenção de apresentá-lo como exclusivamente originário na pobreza e/ou restrito às camadas menos favorecidas e mais exploradas da sociedade. Tal elaboração, que dialoga, em certo nível, com a teoria da “associação diferencial”, não resistiria, segundo Shecaira (2004), ao fenômeno do crime de “colarinho branco”, em que, teoricamente, os criminosos teriam tido acesso a uma boa educação e seriam bem integrados à sociedade.

Aliado às condições sociais injustas e excludentes, oriundas da colonização e das bases culturais e econômicas sobre as quais se assentou a nossa sociedade, estaria o “homem cordial” – nascido da colonização portuguesa, produto de uma sociedade rural, patriarcal e escravocrata – apresentando-se reencarnado, urbanizado e modernizado, e oferecendo, no presente, bases éticas para o crescimento do crime no Ceará?

Vale acentuar que boa parte do imaginário relativo ao crime no nosso País está carregado de simbologia social, do discurso da justiça social. A maior facção criminosa em atividade, atualmente no Brasil, tem como lema: “Paz, Justiça e Liberdade<sup>74</sup>”. Um dos mais notórios criminosos do Nordeste, o lendário “Lampião”, tem sua mítica figura compreendida entre o vilão sanguinário e o herói vingador do sertanejo explorado e

---

<sup>70</sup> Revolver. Menção aos três furos encontrados atualmente em alguns tipos de armas para diminuir a pressão no final do cano.

<sup>71</sup> Gíria do Hip Hop e do mundo do crime que pode significar, entre outras coisas, assaltos e atividades criminosas. Também é utilizada para designar um comportamento ativo, proativo e empreendedor.

<sup>72</sup> Gíria para atividade criminosa (assalto, sequestro etc.); pode ser também qualquer atividade, inclusive, lícita.

<sup>73</sup> Referente a endinheirado.

<sup>74</sup> Sobre isto, ver Dias (2009).

oprimido. Daí considerar que as questões sociais, a herança histórica e a ética do “aventureiro” possam fornecer para a nossa sociedade, elementos para uma maior aceitação, nos dias atuais, de práticas *outsiders* (BECKER, 2008). Tudo isso criaria um caldo cultural em ebulição, principalmente nas áreas urbanas, fazendo com que o crescimento do crime no Ceará também carregue muito da “cordialidade” (HOLANDA, 1995) do brasileiro como fator a ser considerado nos seus estudos e análises. Deixo claro que este estudo tem ciência das limitações e controvérsias que envolvem não só o termo “cordialidade”, mas também a obra *Raízes do Brasil*. Não é pretensão adentrar esses aspectos. O intuito aqui é fazer uso de tais noções como recursos analíticos para examinar, no nível cultural, a influência de elementos da colonização e do modo como se constitui a sociedade, no desenvolvimento psicossociológico de pessoas envolvidas com a criminalidade no Ceará atual.

Além das questões objetivas e também racionais, e com base nas abordagens dos entrevistados, parece haver um *ethos* por trás das atuais tendências e do próprio aumento da participação no crime, entre eles. O fenômeno, aparentemente, se nutre da ética do tipo “aventureiro”, fornecendo sinais de identificação de marcas culturais e históricas oriundas do nosso passado colonial e da própria gênese da nossa sociedade, em sua constituição, práticas ordenadas no espaço e no tempo que produzem e reproduzem as condições sociais (GIDDENS 2003) que possibilitam o estádio em que se encontra a sua agência criminal. Entender que marcas históricas que identificam traços característicos da nossa sociabilidade, também, possam incidir sobre as tendências e o engajamento de certas pessoas no crime é, antes de mais nada, compreender que o crime não é uma mera excrecência da nossa vida social. É, sim, um elemento cultural articulado com o conjunto dos valores gerados e cultivados no decurso da nossa história.

Para Holanda (1995), os traços culturais e a ética, herdados da nossa raiz ibérica, influenciam o nosso modo de pensar e agir, compondo um tipo sociopsicológico que remete a um padrão singular de sociabilidade que nos marca quanto sociedade. Se essa máxima vale para o restante do nosso conjunto social e cultural, por que não se aplicaria às tendências e modalidades de manifestação e representação da violência e do crime entre nós? Afinal, a violência seria inerente ao “homem cordial”, pois, para este tipo, todo antagonismo é entendido como uma ameaça a esse modelo de sociabilidade, existência e personalidade.

### 3.2 No Siará<sup>75</sup> era assim

Em adição aos aspectos morais e éticos e aos elementos culturais associados à formação psicossocial do povo brasileiro, e que podem influir nas maneiras de fazer o crime no Ceará, é preciso considerar ainda passagens da sua história, examinando evidências de que alguns tipos de violência e maneiras atuais de fazer o crime podem ter as suas origens e causalidades associadas ao próprio fluxo dos acontecimentos históricos que forjaram a sociedade. O objetivo é identificar e entender elementos culturais e comportamentais desviantes, com potencial para alimentar a violência e o crime ao longo do tempo, desde o passado remoto até aos dias atuais, de forma resignificada e/ou reificada, para melhor compreender as bases dos fenômenos aos quais se dedica este estudo.

Procuro acessar aspectos culturais, sociais, comportamentais e sociológicos dispostos na linha temporal e nas bifurcações históricas causadas pelo efeito das contingências nos planos e estratégias dos agentes sociais em ação no curso da formação da sociedade, examino fenômenos sócio-histórico-culturais marcantes na constituição desta, com especial atenção para as manifestações dos desvios, do crime e da violência durante a marcha “civilizatória” que a edificou social, moral, cultural, política e economicamente.

Os registros históricos apontam que o Ceará foi a última capitania hereditária a ser colonizada no Brasil; e que, ao passar pela colonização, essa se deu em parâmetros bastante singulares, gerando uma sociedade - que, mesmo para os padrões brasileiros, apresenta uma surpreendente e peculiar mestiçagem étnica e cultural, junto com particularidades históricas e sociológicas - cujas idiosincrasias são escrutinadas na busca de referências e “chaves de leitura” que colaborem para uma melhor compreensão das peculiaridades da violência e de como é feito o crime no Estado.

Minhas análises se voltam insistentemente para pontos que têm relação com os aspectos culturais que transpassam comportamentos, influenciando a hierarquização de valores no decorrer da nossa história. Penso que uma das mais expressivas contribuições que este estudo pode oferecer esteja relacionada justamente com a abordagem cultural do

---

<sup>75</sup> Entre as várias versões para o significado do primeiro nome do Ceará. Opto pelo entendimento de Capistrano de Abreu, que ao afirmar que Ceará se originou da aglutinação das palavras indígenas dzú (água) e érá (verde). Sua pronúncia em português seria “Siará” e seu significado “água ou rio verde”.

tema. Aliás, analisar as questões relacionadas com o crime, com foco nos seus aspectos culturais, não é uma exclusividade deste estudo. Fatela (1989), ao levantar elementos para uma antropologia da violência em Portugal, identifica uma relativa tolerância, por parte da sociedade camponesa tradicional, para com a criminalidade violenta, entrevendo uma “[...] violência fortemente estruturada por códigos de honra e de vingança” que, distante de ser produto de instinto ou impulsividade exagerada, denota uma coerência interna que só a dinâmica cultural permite explicar. O mesmo se dá, afirma o autor, no tocante ao sentimento de insegurança que avança nos países da Europa, que deriva mais de uma mutação cultural que altera o estatuto da violência e o olhar que se projeta sobre ela, do que de se viver em sociedades que seriam mais violentas do que as anteriores. Ainda, aspectos culturais como um sentido apurado de liberdade e uma forma de viver em que condições de isolamento, e até atitudes ancestrais de rebeldia contra o poder central, são reconhecidos como elementos possíveis de interferência e estímulo à prática de violências e crimes, neste estudo antropológico da violência no país dos nossos colonizadores.

Nesse sentido, é possível estabelecer diálogo entre esta pesquisa e a obra de Fatela (1989), não só em razão da abordagem cultural e histórica de aspectos e relações causais que envolvem a produção da violência e do crime e a sua aceitação e/ou tolerância pela sociedade; mas também, por se tratar da mesma sociedade-matriz, a sociedade portuguesa, que, tal qual na sua terra natal, estenderia – a partir da colonização - a sua influência cultural para as representações e expressões da violência e do crime que se desenvolvem no nosso território. “Para os homens de então, a violência era um componente ‘normal’ da vida social, uma expressão de fatalidade da ordem cósmica a que aceitavam obedecer”. (FATELA, 1989. p. 14). Esta fala se refere à sociedade portuguesa do século VIII, ou seja, aproximadamente, 200 anos depois que os portugueses iniciaram a colonização efetiva do Ceará, ainda era possível registrar uma cultura tão favorável à violência, como marca da sua sociedade.

Tais aspectos da cultura do colonizador, que demonstra “[...] capacidade em atribuir à violência um papel delimitado, mas real, dentro do tecido social” (FATELA, 1989) e a sua ascendência sobre a formação da nossa sociedade, são importantes para este trabalho, pelo fato de o estudo lançar mão da reconstrução de aspectos sociológicos da jornada “civilizatória” a que foi submetida a sociedade cearense, como percurso analítico para se compreender as maneiras de fazer da criminalidade local, com suporte nas implicações sociais, históricas, políticas e culturais desse devir, tanto para a sociedade, na sua forma

genérica, como para os indivíduos que hoje protagonizam e são vítimas do crime nas modalidades e extensões que ele assume atualmente.

Além da influência de princípios éticos historicamente construídos que estimulam as percepções dos brasileiros sobre a violência, os desvios e o crime, no caso do Ceará, outros elementos, de caráter também histórico, sociológico e cultural, podem se somar aos esforços relacionados com a busca de compreender melhor as peculiaridades do crime. Trata-se de fenômenos recorrentes que indicam maneiras de fazer dispostas ao longo da história da formação do povo cearense, cujos sinais foram captados junto aos agentes ouvidos na pesquisa.

A literatura permite considerar que, desde os tempos pré-históricos, a violência incide sobre os destinos dos habitantes dessas terras. Basta pensarmos que, antes da chegada do colonizador, já tínhamos milhares de nativos, organizados em clãs e tribos, vivenciando as suas disputas e inimizades e resolvendo-as na ponta da lança e das flechas, e, em algumas ocasiões, em banquetes antropofágicos. Inclusive, a história nos ensina que tais inimizades e disputas, uma vez instrumentalizadas, foram de grande ajuda para o sucesso da colonização.

Seja tomando posição ao lado dos colonizadores holandeses contra os portugueses, ou vice-versa, seja se posicionando ao lado dos colonos contra outras tribos não “civilizadas” após serem catequizados e incorporados como escravos ou agregados dos brancos, ou ainda, fazendo valer interesses e negócios junto ao invasor europeu, os nativos da região que hoje se chama Ceará, tiveram as suas diferenças e o seu contato com a violência amplificados pela dinâmica genocida da colonização. Farias (2004), valendo-se de várias fontes, e dedicando especial atenção aos escritos de nomes como Thomaz Pompeu Sobrinho e Martins Soares Moreno, além de fornecer os dados históricos acima citados, nos diz que cerca de 150 mil nativos foram vítimas da colonização que, ao avançar nas terras cearenses, se fez lastreada pelo derramamento do sangue aborígene.

Nos primeiros séculos da colonização do Ceará, grandes contingentes de excluídos a perambular pelo sertão, negros fugidos da escravidão, brancos pobres (muitos fugitivos da justiça), “índios”, caboclos, pessoas desnecessárias ao latifúndio (que empregava pouca mão de obra e monopolizava as terras) viviam da mendicância, assaltos, roubos, vigarices e prostituição. A esse contingente de excluídos os documentos oficiais coloniais chamavam de “ralé”. A massa formadora da “ralé” aspirava, e muitas vezes

conseguia, alcançar a condição de “vaqueiro” e assim, ascender socialmente e obter respeito, e até mesmo tornar-se “fazendeiro” por via da quarteação.<sup>76</sup> Assim sendo, um dos maiores símbolos da identidade cearense, o vaqueiro, já tem incorporados, na sua genealogia como elemento simbólico, traços históricos da marginalidade e do desvio. Esse vaqueiro, como o “agregado”, morador ou “parceiro”, que residia na fazenda dos coronéis, era forçado, sob pena de expulsão, ou destino pior, a fazer parte de grupos de “jagunços” e lutar contra “índios selvagens” ou “capangas” de outros proprietários rivais, se envolvendo com os crimes mais hediondos (FARIAS, 2004. p. 41).

É possível encontrar, na história, inúmeros casos em que, motivados por ciúmes, raptos de mulheres, ou em reação ao ato de alguém “bulir” (manter relações sexuais) com moças virgens, o crime e a violência, travestidos de defesa da moral e dos bons costumes, estiveram presentes na nossa cultura. É que, tradicionalmente, para a sociedade cearense, a sedução e desvirginação de uma mulher era considerada desrespeito e desonra contra toda a sua família. Aos homens, seus parentes, cabia caçar e punir o “sedutor”, castrando-o (capando) e/ou matando. Em alguns casos, o casamento forçado (geralmente depois de uma surra) era a punição. Tais violências e crimes não costumavam receber castigo, em sua maioria, eram considerados legítimos, encorajados e até festejados (IDEM. p. 43). Barreira (1998), ao estudar os “crimes por encomenda”, reencontra, já no final do século XX, agora em outra configuração, os crimes de honra. Dessa vez, na ação dos “matadores de aluguel”. Segundo ele, o “pistoleiro” é uma peça central para se entender traços da “cultura do sertão”, marcada por especificidades, como: honra, valentia, vingança e lealdade. Desse jeito, com mutações na forma, a reincidência de um tipo de violência e crime arraigado na cultura da sociedade cearense trespassa os séculos.

Se atualmente nos surpreende e horroriza a violência das facções criminosas que amputam membros, furam olhos, raspam cabeças de mulheres e queimam inimigos vivos, o que dizer do relato do soldado português, Martim Soares Moreno (o “guerreiro branco” imortalizado no romance de José de Alencar como o amante da índia Iracema) revelando que, por volta do ano 1611, teria, ele próprio, degolado mais de 200 piratas franceses e holandeses no nosso litoral (KROMMEN, 1997, apud FARIAS, 2004. p.26), ou do caso

---

<sup>76</sup> Sistema de remuneração pré-capitalista mediante o qual o vaqueiro recebia do proprietário da fazenda, depois de trabalhar 04 ou 05 anos no local, uma cria de cada quatro nascidas no ano. E podia também, receber ou comprar um pedacinho de terra, geralmente a pior parte, mais improdutiva e mais distante de recursos indispensáveis como a água, e construir ali o seu lar e a sua própria “fazenda” (*In História da Sociedade Cearense* de Aírton de Farias.2004. p. 38-39).

de crianças “indígenas” tomadas pelos pés e tendo as suas cabecinhas golpeadas contra troncos de árvores pelos “civilizados”, como consta dos relatos de Inácio Coelho, governador do Maranhão, que enviou tropas contra os nativos cearenses em 1679? Também a nossa tradição fratricida é bem antiga, e foi estimulada, assim como imposta, pelos colonizadores, que faziam com que tribos trucidassem e exterminassem outras tribos. São inúmeros casos, como o dos “índios *Tocarijus*”, quase exterminados pelos *Tabajaras* por terem trucidado o jesuíta Francisco Pinto em 1608.

Os primeiros povos do Ceará viram o avanço das fazendas de gado destruir o seu “mundo”, foram agredidos, violentados sexualmente e tiveram as suas terras tomadas. Foram jogados no meio de violências ilimitadas que marcam a nossa história e a nossa cultura desde então. Lembremo-nos de que os “vencedores”, brancos e mestiços, bem como o que restou dos vencidos, nativos das terras do “Siará” e negros escravizados, forneceram as bases humanas, históricas, sociais e culturais para a nossa sociedade atual. Seja por nações “indígenas”, lados de colonizadores estrangeiros, famílias coloniais, agrupamentos partidários, ou grupos de bandidos, a história da nossa sociedade encontra-se marcada pela atuação de nossa gente em grupos e facções, sejam étnicas, econômicas, políticas ou criminosas. Então, não é de hoje que nos organizamos em bandos para disputar poder e território. Mesmo que, na maioria das vezes, o povo não faça a mínima ideia das verdadeiras intenções e motivos dos que promovem tais enfrentamentos, servindo voluntaria ou involuntariamente como “massa de manobra” nas mãos da elite e se enfrentando em nome de interesses que, necessariamente, não são os seus e/ou são contrários aos seus.

Muitos exemplos de violência, crime e organização em grupos podem ser encontrados nos registros históricos da sociedade cearense, da mesma forma que é constante o uso da violência como instrumento para disputa pelo território. A história mostra que, em meio ao brutal genocídio imposto pelo colonizador, a resistência dos nativos também fez jorrar muito sangue. Numa guerra que durou aproximadamente 50 anos, nativos cearenses, ao lado de iguais do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Piauí, saquearam, mataram e incendiaram tudo o que pertencesse aos seus algozes. Era a “guerra dos bárbaros” iniciada por volta de 1863. Naquele momento, os nativos superaram as divergências locais e as divisões étnicas, políticas e territoriais e se uniram como agrupamento único em luta contra os grupos de colonizadores. Iguais a estas, outras

ocorrências de adesão a grupos e intervenção violenta na sociedade podem ser relacionadas com a formação e desenvolvimento do povo cearense.

No quadro seguinte, ofereço alguns acontecimentos da história do Ceará para ilustrar a tradição mantida por setores da população de envolver-se em grupos e disputas violentas por territórios. São acontecimentos tomados arbitrariamente entre tantos expressos na bibliografia, com a intenção de facilitar a visualização, melhor apreensão e maior reflexão acerca dos argumentos deste estudo.

Tabela 1 - Quadro Grupos, Violências e Crimes ao longo da história no Ceará<sup>77</sup>.

<b>Período</b>	<b>Tipo de envolvimento</b>	<b>Alguns dos Principais conflitos</b>
Século XV	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em grupos tribais nativos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Disputas étnicas tradicionais entre as nações nativas</li> </ul>
Século XVI	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em grupos tribais nativos;</li> <li>• Participação nos grupos holandeses e portugueses</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vários conflitos entre os anos de 1630 a 1654. Inclusive com envolvimento com a extinção de vários povos nativos.</li> </ul>
Século XVII	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em grupos tribais nativos;</li> <li>• Participação em grupos holandeses e portuguesas;</li> <li>• Unificação de grupos “indígenas” e luta contra os grupos coloniais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação armada nos grupos holandeses e portuguesas; <ul style="list-style-type: none"> <li>• “Guerra dos bárbaros”.</li> </ul> </li> </ul>
Século XVIII	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em grupos familiares como jagunços;</li> <li>• Participação nos grupos políticos das elites locais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vários conflitos armados entre os anos de 1820 e 1830 quando grupos portugueses e brasileiros disputavam violentamente o comando das terras cearenses;</li> <li>• Por volta de 1821 participação em rebeliões e revoltas negras contra os escravagistas;</li> <li>• 1823 e 1824 – participação armada nos grupos políticos das elites locais com a “Confederação do Equador” (movimento conservador, separatista e republicano);</li> </ul>

<sup>77</sup> Sobre isto, consultar Farias (2004); jornal O Povo (2016; 2017; 2018); jornal Diário do Nordeste (2017); e portal “VICE” (2018).

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1831 e 1832 – participação na sedição de Pinto Madeira (Guerra civil entre coronéis do Crato e Jardim pelo domínio político da região do Cariri;</li> <li>• Entre 1870 e 1904 – Participação em grupos de cangaceiros (esse é o período do chamado “ciclo do cangaço”)</li> </ul>
Século IX	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em grupos familiares como jagunços e em facções de cangaceiros;</li> <li>• Participação em grupos políticos das elites;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em grupos de jagunços e cangaceiros -Por volta de 1904 – há registros de grandes matanças, roubos, incêndios de fazendas por grupos de cangaceiros, enquanto os coronéis e os seus jagunços brigavam pelo controle dos “votos de cabresto” do interior cearense. Era a “Revolução do Crato”;</li> <li>• 1911 e 1912 - Participação nos grupos “Acciolistas” e “Rebelistas” com enfrentamentos armados na Praça do Ferreira, matança de crianças durante a “passeata das crianças” e deposição do governador Antônio Pinto Nogueira Accioly (esta foi uma guerra civil com o povo tomando partido por uma das facções políticas da elite);</li> <li>• 1913 e 1914 – Participação em grupos das elites locais durante movimento golpista liderado por Padre Cícero e com o apoio do governo central, que depois o governo de Franco Rabelo;</li> <li>• 1936 e 1937 – envolvimento do povo, seja na resistência ou colaborando com o extermínio de aproximadamente 1000 pessoas no massacre do “Caldeirão dos Jesuítas” em nome dos interesses das elites.</li> </ul>
Século XX	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação em grupos de jagunços e cangaceiros;</li> <li>• Participação em grupos políticos das elites;</li> <li>• Participação em grupos juvenis e criminosas como gangues e galeras de rua;</li> <li>• Envolvimento com “crimes de pistolagem” geralmente à serviço dos grupos políticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Na década de 1960, 1970, ainda na década de 1980, a grande discussão sobre violência no Ceará era do crime de pistolagem, eram pessoas que mandavam matar, outras por briga de família, trabalhadores que eram assassinados por direitos trabalhistas” (PAIVA 2018);</li> <li>• 1983 – “Chacina de Pereiro” – Quando o “pistoleiro” Idelfonso Maia Cunha, o “Mainha” assassinou o ex-prefeito de Pereiro, João Terceiro de Sousa, a sua esposa, Raimunda Nilda Santos, o motorista, Francisco de Assis e o policial militar, João Odeon de Araújo;</li> </ul>

	e familiares da elite cearense.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1993, “Chacina do Pantanal” – 03 menores foram assassinadas na favela do Pantanal no Bairro José Walter;</li> </ul>
Século XXI	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolvimentos com chacinas;</li> <li>• Participação em grupos políticos das elites;</li> <li>• Participação em facções criminosas;</li> <li>• Participação em milícias e grupos de extermínio.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2001 “Chacina dos Portugueses” - seis empresários portugueses assassinados por um compatriota e enterrados sob uma barraca na Praia do Futuro;</li> <li>• 12/11/2015 – “Chacina de Messejana”, quando policiais militares executaram 11 pessoas nos bairros do Curió e São Miguel, na grande Messejana, em Fortaleza</li> <li>• 2016 - Apoio (inclusive violento com agressões morais e físicas) ao golpe jurídico-político-midiático que depôs a presidenta Dilma Rousseff e ameaça a constituição de 1988;</li> <li>• 20/02/2017 - Granja Lisboa (Fortaleza). Cinco pessoas mortas e três feridas em conflito entre facções;</li> <li>• 03/06/2017 – “Chacina da mansão” em Aquiraz. Seis pessoas mortas em festa que comemorava soltura de traficante;</li> <li>• 12/06/2017 - Horizonte. Cinco mortos, entre eles uma criança de três anos, e outras três pessoas feridas;</li> <li>• 20/07/2017 - Paraipaba. Quatro mortos em conflito de facções;</li> <li>• 8/10/2017 - Bom Jardim (Fortaleza). Quatro pessoas mortas em suposta reunião para selar acordo de paz;</li> <li>• 13/11/2017 - Centro de Semiliberdade Mártir Francisca, Sapiranga (Fortaleza). Vinte homens armados invadiram o centro e mataram quatro internos, de 13, 15 e 16 anos;</li> <li>• 08/01/2018 - Maranguape. Quatro pessoas mortas em uma casa na subida da serra. Teria sido conflito de facções;</li> <li>• 27/01/2018 - Cajazeiras (Fortaleza). Catorze mortes confirmadas durante a festa "Forró do Gago". Causa teria sido conflito entre facções.</li> <li>• 29/01/2018 – Chacina da Cadeia Pública de Itapajé – 10 mortos;</li> <li>• 09/03/2018 – “Chacina do Benfica” – sete pessoas mortas.</li> </ul>

Ante o estarecimento causado por 11 mortes da chacina de Messejana em 2015, 14 assassinatos do bairro de Cajazeiras em 2018, ambas comunidades de Fortaleza, e dez vidas tiradas na cadeia de Itapajé no mesmo ano, por facções criminosas modernas, é possível explorar a relação histórica desses crimes com a ação de grupos do passado que responderam por atos igualmente chocantes, para refletir sobre a origem e continuidade deste tipo de violência na sociedade. Afinal, em uma só chacina, em agosto de 1713, durante a “guerra dos bárbaros”, os “índios” deixaram 200 vítimas em um só ataque contra a cidade de Aquiraz. Quatrocentas mortes resultaram da briga entre as famílias Feitosa e Monte nos anos de 1724 a 1725. E, por volta do ano de 1824, com a derrota da “Confederação do Equador”<sup>78</sup>, os portugueses (corcundas) promoveram, por todo o Ceará, degolas, fuzilamentos, estupros e mutilações contra os seus inimigos, os liberais, que, por sua vez, praticavam essas mesmas violências contra os seus antagonistas. Foi também naquele momento que rebeldes são amarrados e literalmente moídos a porretes nas chamadas “rodas de pau” e ainda vivos, sob vaias e insultos, lançados em fogueiras. Estima-se que cerca de um terço da população do Ceará tenha morrido como consequência do envolvimento nesse movimento separatista e republicano (FARIAS, 2004).

Outro movimento, conservador e armado, a “sedição de Pinto Madeira”, de 1831, novamente mobilizaria cearenses para lutar em grupos distintos (conservadores e liberais) e promoveria verdadeira chacina na cidade de Icó, com 100 mortos, 400 feridos, e 20 prisioneiros castrados e posteriormente assassinados. Em 1860, conservadores e liberais travaram nova batalha sangüinária, desta vez em frente à igreja-matriz de Telha (atual Iguatu), matando 14 pessoas e ferindo trinta.

Em meados do século XIX, foram abundantes os registros de crimes e violência passional, material e política. Eram mortes para “lavar a honra”, agressões para “grilar” terras e homicídios entre famílias em guerra. E os criminosos, se vinculados a quem estivesse ocupando o governo, saíam completamente impunes. Os latifundiários e coronéis eram a lei suprema, contra a qual não havia recurso. Restava abandonar as terras, submeter-se, ou buscar vingança, transformando-se em bandidos (FARIAS, 2004. p.214-215).

---

<sup>78</sup> Movimento separatista e republicano iniciado em 2 de julho de 1824, em Pernambuco, e que se espalhou para outras províncias do Nordeste, do qual o Ceará participou dividido em duas facções políticas: os corcundas e os liberais.

No que pese às mudanças “civilizatórias”, iluministas e também racionais, pelas quais passou a nossa sociedade nos períodos seguintes, houve, ainda, fenômenos como jagunços e cangaceiros, outros massacres e genocídios, como no caso da Sedição de Juazeiro de 1913 (com 84 baixas, entre mortos e feridos) e do Caldeirão dos Jesuítas, em 1926 (especula-se cerca de mil mortos), a proliferação de pistoleiros e os seus crimes de morte por encomenda, e muitos outros acontecimentos que mantiveram a violência e o crime como onipresentes no nosso dia a dia e encerraram milhares de vidas. Isso, para citar apenas alguns acontecimentos aleatórios da nossa história.

Diógenes (1998) tomaria conhecimento, menos de um século após os últimos acontecimentos relatados, de outras maneiras de brigas territoriais associadas à violência e à participação em facções, no Ceará. Eram as gangues juvenis que concorriam pelo mando em áreas da cidade de Fortaleza e tinham a violência e o crime nas suas empreitadas. A pesquisadora cearense observou que a noção de territorialidade se mobilizava entre os membros de gangues, com base numa dimensão simbólica, dizendo respeito à premissa: “Aqui não entra o inimigo”. Segundo ela, a ideia de espacialidade estabelecida entre as gangues era belicosa. E o cosmopolitismo das cidades se reduziria a micro-espacos de atuação e amplos *locus* de combate. Note-se que já estamos no final do século XX e que persistem o engajamento de setores da população em grupos, disputas territoriais, bem como, o uso sistemático da violência e do crime por setores da sociedade.

Distante três séculos dos primeiros enfrentamentos violentos, registrados, pelo mando da terra e das vidas a ela anexadas, agora, estamos diante de uma “[...] hermenêutica da violência traduzida em rascunhos que compõem um mapeamento provisório” da capital. Cada espaço, é uma cena de disputas, palco de reconhecimento no qual se produz atores, se registram marcas, se instituem territórios físicos, corporais e outros. Tais marcas, ficando gravadas indelevelmente nos corações e mentes das pessoas. Uma nova característica se acentua nesse momento – como diferencial em relação às disputas territoriais dos séculos passados - os locais das disputas não são desejados pelo seu valor de moradia e ou de produção, ou mesmo pelo seu valor financeiro, não são vistos como fontes de vida ou de riqueza, mas como elemento de ação, enfrentamento, domínio e refúgio (DIÓGENES, 1998. p. 212). Essa característica é importante para a classificação, no contexto das peculiaridades, das maneiras de fazer o crime e a violência no Ceará, sob a óptica de uma economia simbólica e social que não é a mesma registrada em relação ao crime em geral.

Senão o poder econômico e político, qual o objetivo que leva à participação dessas pessoas em gangues e ao uso da violência e do crime no seu cotidiano? Diógenes busca responder a essa pergunta. Para ela, tal objetivo, seria “[...] relativo às tentativas diferenciadas de inscrição e visitação da cidade oficial”. Assim, a violência das gangues “[...] não se torna o centro fundamental” da sua atuação. E sim “[...] um dos mecanismos utilizados para dar registro e visibilidade às suas ações”. Vistas por esse prisma, a violência e a participação em facções ganham nítidos contornos sociais, e se apresentam como esforços de superação da invisibilidade social e da segregação diante da “cidade oficial”. Este entendimento de Glória Diógenes coincide com uma fala do personagem Carlo Antonini, psicólogo, psicanalista e psiquiatra da série televisa “Psi”, do canal *Home Box Office (HBO)*, na qual o protagonista da ficção - criada pelo escritor, psicanalista e dramaturgo italiano, Contardo Calligaris – comenta:

Por que tantos assaltos e roubos ao invés de furtos que seriam mais fáceis e menos perigosos? Na Europa um sujeito esvazia um apartamento, espera que o dono viaje para poder fazer isso. Aqui não. Aqui ele espera o dono voltar para poder lhe enfiar uma arma na cara (...) é uma compensação, você não me enxerga, então eu vou te obrigar a me enxergar. O pavor do outro me garante que agora ele tá me enxergando (...) tem pequenas invisibilidades que podem levar alguém a apavorar os outros para se tornar visível. [ANTONINI, 2015].

Pensando com Dubet (1987), Diógenes (1998) traça um paralelo entre “violência instrumental” e “violência gratuita”. Acentua que, no primeiro caso, a violência acontece ordenada num objetivo definido. Por exemplo, “[...] rouba-se para obter o produto do roubo”. E situa a violência que ela identifica nas gangues cearenses, no final dos anos de 1990, como não tendo esse caráter instrumental, sendo um “[...]acontecimento expressivo e sem objetivo”. Tal diferenciação, por mais limitada que pareça, ganharia relevância com a chegada ao Ceará das facções do crime organizado, no início do século XXI. Essas, sim, praticantes de uma violência nitidamente “instrumental” e com objetivos bem definidos.

Do trabalho de Glória Diógenes, é possível inferir que o movimento do crime e da violência nos anos de 1990 preservou e atualizou a tradição histórica e cultural do povo cearense de envolver-se em coletivos criminais e entregar-se à praticas violentas na disputa por territórios. Ao concluir a sua pesquisa, havia identificado 193 gangues distintas envolvidas com desvios, violência, crime e a disputa territorial na cidade de Fortaleza.

Essa referência territorial para o desvio e para a violência - que foi, em parte, ressignificada pela pichação e pelos bailes *funk*, e retroalimentada pelas torcidas

organizadas dos times de futebol, nos anos de 1990 e 2000- sendo herdeira histórica de uma longa tradição de envolvimento dos excluídos e de outros setores da população com a violência, coletivos desviantes e com o crime, e tendo raízes sociais profundas na desigualdade, exploração, opressão e manipulação da “ralé” (para fazer uso de um preconceituoso termo colonial) pela elite, terminou por oferecer terreno muito fértil para a instalação de facções do crime organizado, como PCC, oriundo do Estado de São Paulo, CV, do Rio de Janeiro, e FDN, do Amazonas, além dos “cria” autóctones, GDE. Esta última, é a que, possivelmente, mais representa a tradição sanguínea que marca através dos séculos o nosso envolvimento com a violência, com grupos e com o crime.

O cenário de facções que encontramos no Ceará em 2018 apresenta peculiaridades que o distinguem dos encontrados em outros locais, bem como o diferenciam - sem negar as raízes históricas comuns - de situações vividas em épocas passadas. São, aparentemente, traços psicossociais, motivações, heranças culturais e históricas e conformações éticas próprias, influenciadas pelo percurso “civilizatório” singular da sociedade local.

Em entrevista concedida à Glória Diógenes (1998), um membro da gangue da Proafa, afirma: “A gangue é unida quando é pra brigar com outra gangue, mas com a polícia ela desune”. Esse é um comportamento que se modifica com a chegada das facções modernas do crime organizado. Nessa nova circunstância, as gangues não se desunem ante o enfrentamento com a polícia, elas permanecem unidas e em combate, mas esse “novo” comportamento coincide com a postura dos grupos de “indígenas”, jagunços, cangaceiros e ou políticos que se sucederam através dos séculos.

Todo esse conjunto de tradições, reincidências, atualizações e ressignificações de tipos de violências, desvios e crimes traça um fluxo contínuo que se move de modo intrínseco ao desenvolvimento da própria sociedade, denotando a complexidade dos fenômenos estudados, que se mostram rizomáticos e socialmente reificados, e revelando uma sociedade constituída por ações violentas e perpassada por uma multiplicidade de conflitos. Tais violências marcaram a sociedade e podem revelar certos traços de sentimento de revolta, indignação, ódio e vingança, de determinados grupos contra os outros.

### 3.3 Das condições objetivas às dimensões culturais: razões do crime

Tomando como referência a análise das falas dos sujeitos ouvidos por este estudo, acredito que a negação de condições dignas e dignificantes de vida a grandes contingentes da nossa população, junto com a falta de expectativas de superar a cruel estratificação que nos acompanha desde a colonização, retiram dos horizontes de muitos dos nossos jovens, não privilegiados, a condição de acreditar em caminhos oficiais, racionais e institucionais de progressão social e melhoria na qualidade de vida; e que isto faz com que as condições socioeconômicas tenham grande relevância em relação às tendências e ao crescimento do crime entre nós. Tive a oportunidade de analisar tais percepções à luz do “realismo fantástico”<sup>79</sup> das ruas, quando, por intermédio de um antigo conhecido que hoje é envolvido com o crime e refugiado em outro Estado, após sofrer um atentado, pude conhecer e conversar com Rodrigo.

A corrente de ouro refletia a luz e combinava perfeitamente com um grande relógio dourado no pulso. Encostado num Chevrolet Cruze prata, Rodrigo parecia ter saído de um clipe de “*funk* ostentação”, quando o encontrei naquela noite de sexta-feira, dia 20 de outubro, para irmos juntos a uma festa *rave* que aconteceria nos arredores de Caucaia. Um telefonema recebido por ele minutos após nos encontrarmos, acabou cancelando a sua ida à festa. Não deu para escutar o conteúdo do telefonema, mas, pelas suas expressões faciais e pela atitude de cancelar o programa, me pareceu ter algo a ver com a sua segurança pessoal ou algum alerta sobre batida policial no evento. Aparentemente, Rodrigo não iria apenas se divertir no local, mas trabalhar no fornecimento de drogas aos presentes. Optamos por fazer a nossa conversa no quintal da sua casa, onde um primo seu, uma cunhada e um outro parceiro, se revezavam entre latinhas de cerveja, “carreiras de pó”<sup>80</sup> e espetinhos de churrasco, ao som de “*funk* putaria” e outros ritmos distonantes, como a “sofrência” de Vicente Nery. Entre um trago e outro de maconha fumada no narguilé<sup>81</sup>, Rodrigo falou da dura realidade dos jovens da periferia e das motivações que encontrou para entrar para o crime:

---

<sup>79</sup> Realismo fantástico, realismo mágico ou realismo maravilhoso foi um movimento literário surgido no começo do século XX e que tem como principal característica a união entre o universo mágico e a realidade (ANDRADE, 2018). Neste trabalho o termo é utilizado, com licença poética, para retratar aspectos de uma realidade que apresenta acontecimentos tão chocantes, fora do comum e do habitual, que chegam a aproximar da ficção a percepção da realidade.

<sup>80</sup> Porções de cocaína dispostas sobre uma superfície lisa para serem aspiradas para o nariz do usuário.

<sup>81</sup> Espécie de cachimbo de água, de origem oriental, o narguilé é composto por um frasco de vidro, uma ou mais mangueiras e um forninho, um pequeno recipiente onde se pode queimar tabaco ou maconha.

la fazer o quê? Ninguém da família nunca saiu da miséria. E olha que trabalharam muito. Até salário mínimo é difícil pegar. A gente num tem muito estudo e nem consegue ter, ou trabalha ou estuda, tem que trabalhar. Sem escola, o trabalho é muito duro e num rende nada, micharia. No crime a gente ganha pra viver bem, pagar as contas e ainda luxar, no meu lugar tu faria o quê? [RODRIGO, 22 anos].

A pesquisa nos mostra, no entanto, que as condições objetivas não comportam a totalidade dos fatores que determinam a atração e o envolvimento das pessoas com o crime. Se fosse assim, não teríamos pessoas de classe média, ou mesmo da elite, e até trabalhadores estáveis, entre os criminosos. Algo de “meta-racional” corrobora o cenário social propício ao crescimento da criminalidade. Pode haver até uma ética própria “semeando” o “campo” do crime no Ceará. E Rodrigo termina por matizar, com elementos culturais, as suas razões para ter abraçado um estilo de vida desviante e criminal:

Não é só pela grana, sabe cara, se o nêgo fosse cheio da ceda<sup>82</sup>, mesmo assim, seguia na vida loka<sup>83</sup>. Tá no sangue, é adrenalina pura, a sociedade deve pra nós e nós vamo cobrar [RODRIGO, 22 anos].

De fato, que, num país tão injusto e desigual como o nosso, “Lampião” pode muito bem servir de referência em termos de luta contra a opressão e a exploração. E o grito por “paz, justiça e liberdade” tanto pode vir do movimento social, dos partidos de esquerda, ou do crime organizado, que não deixará de desfrutar de certa legitimidade. As condições sociais asseguram a discussão no terreno das explicações objetivas, como enfatiza Zaluar (1985). O desemprego, a violência institucional e o patrimonialismo oferecem lastro para a ética do “aventureiro” aplicada ao crime. Essa ética, todavia, com raízes fincadas no Brasil colonial, essa ética do “homem cordial”, também põe em xeque a afirmação da mesma autora de que “ninguém é bandido porque quer”. E leva a discussão para além das fronteiras do terreno das explicações objetivas, introduzindo no debate a questão cultural e uma maior complexidade.

---

<sup>82</sup> Gíria para cédula, dinheiro.

<sup>83</sup> A ideia de “vida loka” [...] é comumente utilizada em periferias paulistas [...] Especificamente no cotidiano de jovens que participam do “crime” [...] A complexidade da “vida loka” no interior do “crime” leva o jovem a um dilema: sair dele e procurar viver como um “Zé” ou continuar vivendo como “Rei”, ainda que de maneira fugaz e perigosa (MALVASI, 2011, p. 165). Atualmente, este termo encontra-se difundido por todo o Brasil, sendo compreendido também como estilo de vida decorrente do envolvimento com o crime.

Por todos esses aspectos, as maneiras de fazer crime, encontradas entre os interlocutores desta pesquisa, têm traços de “aventura” e podem ser relacionadas com a nossa herança sociocultural. Também são, contudo, subprodutos de condições sociais objetivas. E esta “costura” entre as condições racionais e objetivas e as questões culturais e meta-rationais é assegurada por uma miscelânea de valores contraditórios, em que muitas vezes predomina a “ética aventureira” que habita e sobrevive em nós desde os tempos idos, e que se ressignifica na sociedade de consumo, de desejos insaciáveis, onde quanto mais se tem mais se deseja, se necessita ter. O chamado a consumir bens valorizados pela nossa sociedade e que são símbolos pelos quais construímos nossas identidades e marcamos as nossas posições sociais (ZALUAR, 1994), em adição à impossibilidade ou dificuldade de fazê-lo, é outro elemento que esta pesquisa leva em consideração nas suas análises.

Assim sendo, muitas e diversificadas são as dimensões a serem consideradas nos estudos acerca das peculiaridades da violência e das maneiras de fazer crime no Ceará. Este estudo revela, contudo, é que todos esses fatores parecem dialogar, no âmbito dos sentidos atribuídos pelos entrevistados às suas ações, com uma ética própria do crime, um conjunto de preceitos e valores que, estando nas nossas culturas desde a colonização, ganham novos vieses e significados na atualidade. O tipo “aventureiro” encarna-se no malandro, no vagabundo, no *gangsta*, no membro de facção, no político, no “bichão de favela”, no religioso, no empresário, na “novinha”<sup>84</sup>, no traficante, *youtubers*, jornalistas, policiais, em artistas, *playboys*, alimentando construções simbólicas que, no seu imaginário, embaçam a linha entre o lícito e o ilícito, entre o bandido e o herói, privilegiando a figura do anti-herói, do *thug Life*<sup>85</sup>, do “vida loka”, do esperto que leva vantagem em tudo, que dá “jeitinho” em tudo, que se considera acima das regras sociais, mas que as defende e quer a sua aplicação nos demais, até como um estratagema de contenção da concorrência.

---

<sup>84</sup> Gíria muito utilizada, principalmente pelo *Funk*, e que pode designar mulher nova, adolescente, menor de idade.

<sup>85</sup> Por *thug* não quero dizer criminoso. Refiro-me a desfavorecido. A pessoa que não tinha nada e vence, é um *thug*. Não tem nada a ver com a versão do dicionário (*Thug*. S. rufião, *hooligan*, gorilas, *gângster*, bandido, criminoso. *Oxford dictionaries*), pra mim, *thug* é o meu orgulho [...] tenho peito pra frente. Piso firme, falo alto, sou forte. Até as gangues podem ser positivas, é uma questão de organização [...] fiz com que os *gangsteres* das prisões das zonas leste e Oeste criassem códigos de ética para criminosos. Chama-se o código da *thug life*. É um código por ordem na violência das ruas (TUPAC, 2003). O código *thug life* é bastante parecido com os mandamentos do crime, os “salves” que as facções criminosas brasileiras divulgam com o intuito de normatizar as práticas criminosas nos territórios sob o seu controle.

A pesquisa se projeta sobre um panorama em que o crime flerta com a luta social e política, alimentando-se da enorme injustiça, desigualdade e exclusão a que estão submetidos grandes contingentes do povo. Ele também se insinua no terreno da economia social, se apresenta, ao lado do futebol e da música, como uma das poucas possibilidades de inclusão, ascensão (e ostentação) para os pobres. Aí o crime também não demonstra uma clara distinção em relação ao mundo dos negócios da racionalidade burguesa, tanto que o traficante, o bandido do topo do crime, ou o gerente de uma “boca de fumo”, é geralmente tratado como “patrão” e se sente conduzindo um negócio como outro qualquer.

A criminalidade no Ceará é também “cordial”, em alguns casos, ela “cuida” da comunidade, garante remédios, oferta “empregos”, paga contas de luz e água, institui laços afetivos e intimidades, carrega o peso das “relações de simpatia”, talvez sofra do mesmo horror às distâncias que Holanda (1995) via constituir o traço mais específico do brasileiro. Esta tendência, uma vez consolidada, pode ajudar aos chefes do crime a, além do temor despertado, conquistar respeito, tolerância, aceitação e e/ou consideração, nas comunidades.

Uma das nossas características psicossociais é a facilidade de sustentar as convicções mais díspares, sem nos chocar com as contradições (HOLANDA, 1995). Então, para os jovens ouvidos neste estudo, conduzir a sua moral por uma fronteira tênue entre o lícito e o ilícito, entre o “trabalho” e a “aventura”, não parece oferecer grandes dificuldades intelectuais, éticas e psicológicas. A ética do tipo “aventureiro”, cultivada historicamente em situação de grandes desigualdades e injustiças sociais, e inflada pelo fenômeno global do consumismo, parece provocar mudanças culturais favoráveis ao crime.

A “Vida Loka” que é, em termos gerais, compatível com a forma de viver relacionada com o crime, que encontramos no Ceará, é vista por Malvasi (2012) como capaz de levar, em razão de sua complexidade, os jovens ao dilema: viver como um “Zé<sup>86</sup>”, longe das atividades criminais, em trabalhos cansativos e mal pagos, como a maioria dos moradores das periferias, ou viver no crime, como um “Rei”, tendo acesso a bens desejados, mesmo que para isto precisem viver de maneira fugaz e perigosa.

O jeito de viver desses indivíduos locais que tomam o crime como referência parece ir além das questões materiais e do consumismo, transbordado a analogia própria

---

<sup>86</sup> Sujeito comum, vulgar, também associado ao tipo trabalhador, assalariado.

da “Vida Loka” que tem nos “tipos ideais” do “Zé” e do “Rei” uma das suas principais representações, para, em certo nível, poder ser entendido também como um tipo de resistência aos valores do ascetismo que, liberado dos mosteiros, passou a influenciar a moralidade secular e que determina, na atualidade, o estilo de vida de todo e qualquer indivíduo submetido à moderna ordem econômica. Não obstante, essa forma de viver não rompe completamente os laços com a moralidade instituída, sendo influenciada por dois complexos históricos culturais que se referem, respectivamente, ao *ethos* aventureiro e à ética do trabalhador.

Este estudo aponta que a cultura-base do jeito de viver referenciado no crime, se contrapõe à ética do trabalhador quando elege formas de ganhar dinheiro e se sustentar, por fora das regras e da burocracia do “mundo do trabalho” e, em rota de colisão com muitos dos valores próprios desse meio. Para buscar o máximo de ganhos, investindo o mínimo possível de “suor”, se renuncia à estabilidade e à chancela moral da sociedade, investindo a própria vida numa economia simbólica que se justifica pela contraposição da intensidade à longevidade<sup>87</sup>; viver muito, e muito bem, em pouco tempo, para fazer valer a pena o risco próprio da aventura. Nessa economia de risco o que realmente se ganha, e gasta, na mesma proporção e velocidade, são sensações, prazeres. O dinheiro não é o fim, não pode ser, não quando a perspectiva de vida é, em termos de longevidade, reduzida. Para esses agentes, envolvidos com a criminalidade e facções, os ganhos econômicos são meios para alcançar uma “fortuna de sensações” composta por prazeres, autoafirmação, sentimento de pertença, de poder, da possibilidade de vingar-se de uma sociedade que, pelas vias convencionais, lhes nega tudo isso. É a impressão de ser capaz de consumir tanto os bens materiais como todo o resto que a alma deseja. Na economia social que o crime lhes oferece, drogas, dinheiro, armas, arranjos afetivos e intimidades, relações sociais e comunitárias, noções morais e éticas, se tornam ferramentas para alcançar os ganhos que asseguram uma existência tão densa quanto efêmera.

---

<sup>87</sup> As noções de “longevidade”, entendida nesse estudo como o curso, considerado como “normal”, da vida, num percurso lógico onde se espera do ser humano que nasça, cresça, se desenvolva física e socialmente, reproduza e morra, ao longo de uma existência o mais prolongada, planejada e segura, possível, e a noção de “intensidade”, pensada aqui como a compreensão da vida vivida intensamente, focada no momento presente e na vivência do maior número de experiências no mais curto espaço de tempo possível, com predominância do benefício sobre o custo na relação custo-benefício, e em contraposição à “longevidade”, são trabalhadas ao longo desta obra como fatores relevantes nas classificações do que é sucesso ou fracasso na óptica dos envolvidos com o crime no Ceará e como elementos determinantes nas suas decisões de aderir ou não a estilos de vida desviantes.

## 4 BANDITISMO CABOCLO, ÉTICAS MESTIÇAS

Neste capítulo, discuto, com amparo nas falas e análises de personagens e das situações peculiares encontradas no campo, a problematização de lugares morais naturalizados no interior de uma ordem moral dominante. São arranjos éticos híbridos conformando resistências, críticas e cisões que são manifestadas nas falas e pelas formas de viver adotadas pelos interlocutores; acomodações e rupturas que inauguram e esmaecem fronteiras, sejam elas físicas ou simbólicas, com suporte na relativização moral, na adoção do risco associado à aventura, na noção do crime como trabalho temporário e transitório, na experimentação de novos tipos de afetividades e inovadores arranjos de intimidades, na adesão à perspectiva da intensidade em detrimento da noção de longevidade, como base para planos de vida. Com efeito, analiso discursos e atitudes, na intenção de alcançar os contornos apreensíveis de um *ethos* que, acredito, alimenta as maneiras de fazer o crime no Ceará.

### 4.1 Festa na fronteira

Noite alta, com lua, o clima é frio na cidade serrana, e uma neblina suave não impede o astro-rei de pratear poças d'água em buracos no asfalto. Há silêncio, e apenas cães de rua e alguns “noinhas<sup>88</sup>” povoam a “Rainha do Norte”<sup>89</sup> nas primeiras horas da madrugada de uma quinta-feira. No banco do carona, vai Letícia<sup>90</sup>, filha de comerciante, cabelos vermelhos, olhos verdes e uma percepção da vida que impressiona, mas também preocupa. “Me excito com a noite, com as armas, com o pó<sup>91</sup>, com o vinho, com o funk e com o perigo. Gosto dos teus *RAP* também”. Letícia diz que não “vestiu a camisa<sup>92</sup>” da facção, mas que tira a lingerie para os “irmãos”<sup>93</sup> e para quem lhe encantar. Para ela a vida deve ser vivida intensamente, sem pensar muito, “é sem muita ideia ladrão”, brinca, fazendo alusão a uma frase de um dos *RAPs* que tocam na *playlist* do carro. A garota é,

<sup>88</sup> Viciados, dependentes (termo geralmente usado com uma conotação pejorativa).

<sup>89</sup> Título gravado em um arco na entrada da cidade.

<sup>90</sup> Todos os nomes e apelidos, referentes a entrevistados e interlocutores, utilizados nesse estudo, são fictícios, passaram por modificações para preservar o anonimato das fontes e garantir a sua segurança e integridade, bem como lugares e pontos de referência também podem passar por alguma modificação na sua apresentação, pelo mesmo motivo.

<sup>91</sup> Cocaína.

<sup>92</sup> “Vestir a camisa” corresponde a aderir à facção, como “rasgar a camisa” significa romper, deixar a organização criminosa.

<sup>93</sup> Como são chamados os integrantes de facções criminosas.

nessa noite, como em algumas outras, a minha interlocutora privilegiada pelas ruas, becos e vielas da cidade na qual transita, exuberante, pela fronteira que separa as classes sociais, as oportunidades, e o lícito e o ilícito. O destino de hoje? Bairro Novo Camará<sup>94</sup>, na entrada de Itapajé. Temos um encontro marcado com agentes criminais amigos de Letícia.

Ruas de terra, becos estreitos por onde o carro se esgueira com dificuldade, vidros abaixados, luz interna ligada, nem muito rápido, nem lento demais, *RAP* nos alto-falantes. Chegamos a um local que parece ser um sítio, com um portão grande, uma cerca de arame e uma grande casa ao fundo<sup>95</sup>. Letícia cumprimenta um rapaz e ele nos deixa entrar. *Funk* “putaria” e “proibidão” fazem a trilha principal, mas dão lugar ao *RAP* de vez em quando. Muitas meninas, a maioria me pareceu de menores, mas não convém perguntar e nem reparar muito nesses detalhes, algumas com pouca roupa, outras sem, e armas por todo os lugares.

Aba Reta, cordão de prata com uma gravura de São Jorge matando um dragão, braços tatuados, uma cerveja *Heineken* na mão, ele tem dezesseis anos e a impressionante quantidade de seis homicídios no currículo criminal. Capiroto assusta, apesar de não passar de um menino. O seu olhar é algo indescritível. Letícia cochichou baixinho para mim: “Parece que o olhar dele penetra na gente e quer arrancar a nossa alma do corpo”. De fato, se existe um olhar de matador, talvez seja algo como o olhar de Capiroto.

O primeiro que Capiroto matou foi o pai de um dos membros da facção, também traficante e que teve a morte autorizada pelo próprio filho. Daí por diante, não parou mais. Letícia disse que a última vítima ele executou a faca, matou lentamente. Ele fica sentado no canto da sala, numa cadeira antiga, acho que de estilo colonial, não faz gesto algum, além de levar a cerveja até a boca, olhar por baixo da aba reta e mover a mandíbula de uma forma estranha como se degustasse não a cerveja, mas o ambiente, ou alguma lembrança perversa (a adjetivação da lembrança coube a Letícia).

Nessa festa o que mais me chamou atenção, mais até do que o olhar do Capiroto, foi a mobilidade das fronteiras<sup>96</sup>. Quanto mais a madrugada avançava, mais convidados

---

<sup>94</sup> Nome fictício para ocultar o local onde aconteceu o evento, como pode ter se dado em outra cidade alcançada pela pesquisa. A comutação de lugares compõe os acordos feitos com os interlocutores.

<sup>95</sup> Uma das condições para o meu acesso, além da chancela de Letícia, foi não revelar nomes e apelidos ou detalhes do local (portanto, pode a comunidade não ser essa e alguma coisa na descrição do lugar não ser fiel à realidade, como também os nomes e apelidos não são reais; mas, em sua maioria, as informações são precisas), não filmar, não fotografar e nem gravar.

<sup>96</sup> Fronteira, utilizada aqui, tal qual em Feltran (2008), como categoria que preserva o sentido de divisão, de demarcação, e como uma norma de *regulação* dos fluxos que atravessam, e, portanto, conectam aquilo que se divide.

chegavam para a “social”<sup>97</sup>. Aparentemente, filhos de famílias tradicionais, garotos de cidades vizinhas, todos com um aspecto de *playboys* e “patricinhas” misturando-se com os favelados locais, ao som do *funk* e *RAP* e ao gosto dos prazeres que as drogas e o sexo podem possibilitar a quem vive em intensidade, muito embora seja possível presumir que boa parte desses jovens tenha a sua longevidade planejada e assegurada pelas suas famílias e pelo *status quo*, diferente dos demais que têm a vida vivida em momentos assim e sem nada mais a sonhar ou esperar pela frente.

Uma festa na fronteira, fronteira de realidades diferentes, de classes distintas, fronteira entre o que acontece ao nosso redor e o que poderemos transformar em ciência, fronteira entre a rua e a universidade, fronteira entre o lícito e o ilícito, fronteira entre a longevidade e a intensidade, fronteira entre éticas. Uma festa de fronteiras foi o que vivemos naquela noite e até, aproximadamente, umas dez horas da manhã do dia seguinte.

Feltran (2008. p. 101) vê o “mundo do crime” contido no “mundo social”, integrando-o como uma das suas partes. E considera que “há uma parte dos códigos de conduta do “mundo do crime” que são compartilhados com os do restante do ‘mundo social’, e outra parte que se distingue deles, sendo às vezes mesmo oposta a eles, e conclui que há “fronteiras” entre estes conjuntos de relações sociais.

Decerto que as categorias (“mundo do crime”; “mundo social” e “fronteiras”) utilizadas pelo autor de modo específico e restritas ao universo das periferias de São Paulo, estão, aqui, diferentemente do seu uso original, propositadamente universalizadas, adotadas com características generalizantes, e aplicadas a situações diferentes, como no caso das fronteiras entre a percepção da vida sob a óptica da longevidade e da intensidade, fronteiras de oportunidades, fronteiras éticas, e fronteiras entre classes e ou estratos sociais. Isso, com a intenção de que esses conceitos possam cumprir melhor o papel metodológico que deles espero neste trabalho.

Por tais fronteiras, é possível que alguns indivíduos transitem com níveis diferenciados de dificuldade. Essas fronteiras, também, podem ser físicas, territoriais, motivos das disputas violentas e do engajamento de indivíduos em facções; ou sociais, alimentando *vendettas* do mesmo tipo. Vindos de lados opostos das fronteiras, os jovens presentes ao evento pareciam usar o mesmo uniforme, camisas de marcas como *John John*, relógios e correntes douradas nos pulsos, perfumes caros, cortes de cabelo parecidos, tatuagens. Por mais tempo que durasse a festa, no entanto, uma hora dessas ela

---

<sup>97</sup> Termo também utilizado para festas restritas para convidados selecionados.

teria que acabar. É quando a festa acaba que as fronteiras voltam a se acentuar, as diferenças se impõem, e elas não estão relacionadas com a estética ou com as vontades de consumo.

As fronteiras erguidas delimitam o acesso às oportunidades, separam os caminhos, dizem quem volta para as esquinas, para o perigoso mercado de ilícitos, e quem segue para os bancos das faculdades, para o conforto e a segurança dos lares e das possibilidades de futuro. São fronteiras também de classe, esmaecidas pelos gostos e confundidas por uma forma de viver que copia elementos culturais de estratificações sociais mais elevadas, para ressignificá-los numa economia simbólica que viabiliza as sensações de ascensão, de equiparação social e até mesmo de tomada do que antes só era acessível aos *boys*<sup>98</sup>.

Quando a festa termina e todos retomam os seus lugares atrás das suas respectivas fronteiras, o evento tem marcado a vida dos grupos sociais presentes, de maneiras diferentes. Para os mais abastados, representa uma interseção da perspectiva da longevidade, que orienta os seus planos de futuro, e a louca intensidade experimentada em momentos como esse, de êxtase e excessos. Enquanto isso, para os jovens da periferia, é parte de um cotidiano de *carpe diem*<sup>99</sup>, de um modo de viver que não desacelera, de um eterno agora, ao qual, não corresponde um futuro a longo prazo.

Talvez por isso mesmo, de certo modo, enquanto haja vida, a festa jamais acabe para esses jovens adeptos do estilo de vida do crime. Os excessos, prazeres, consumos, tenham que perdurar como vias de acesso para os ganhos mais expressivos dessa forma de viver: as sensações. O crime é, quase sempre, festa. As “lombrias”, o sexo, as bebidas, as músicas, estão no cotidiano desses desviantes. Tanto que, a julgar pelas falas dos interlocutores desta pesquisa, até parecem a razão de ser de todo o envolvimento.

Muito provavelmente, a festa na fronteira não seja o único encontro possível entre os agentes sociais em foco. Eles podem se reencontrar numa madrugada escura, em alguma esquina da cidade, tendo uma pistola a simbolizar os limites e diferenças entre eles, ou em algum tribunal onde um deles esteja investido da condição de juiz, de júri ou de promotor, e o outro na situação de réu. As fronteiras se mantêm, se esmaecem em festas marginais, mas não se desfazem, permanecem ativas, lembrando do lugar socioeconômico e cultural de cada um, pois as fronteiras nascem das desigualdades

---

<sup>98</sup> Ricos, privilegiados.

<sup>99</sup> O termo é atribuído ao poeta romano Horácio (65 a.C.-8 a.C.), e está no Livro I de “Odes” - Nele, Horácio aconselha a amiga Leucone com a fala: “...*carpe diem, quam minimum credula postero*”. Que pode ser traduzida como: “...colha o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã”.

sociais instituídas historicamente e se mantêm mesmo quando, pelo consumo, acontecem aproximações de estilo.

Capiroto e os seus iguais podem compartilhar alguns gostos com os *playboys* e “patricinhas” com os quais dividem a festa e se confraternizam em orgias momentâneas. Aos olhos destes e de todos que se orientam pela moral predominante na sociedade, entretanto, permanecerão, ao apagar das luzes coloridas e ao silenciar dos graves e agudos do som, como diferentes, estranhos ao seu mundo, marginais.

A gente vem de vez em quando, é muita loucura. Curte o som, dança, toma todas, cheira um pouco também, os carinhas são limpeza, ninguém mexe com a gente, dá pra curtir numa boa. Mas é só isso, a gente não anda com eles não. Aqui pra nós (falando baixinho e com o olhar assustado) é tudo perigoso, cara, tudo bandidão mesmo. Deus me livre de amizade com eles [MIGUEL, 19 anos].

Se os gostos podem aproximar, a realidade social assegura a distância. Chinês, jovem faccionário, armado e, em razão da bebida, bem mais falante do que o normal, diz o que pensa da presença dos *playboys* na quebrada, “É tudo gado mano, tudo freguês. Filhinho de papai. Deles a gente só quer a grana, tudo pau no c\*, se achando melhor do que nós. Vem aqui pra se passar com as menina, tudo um bando de filho da p\*”. A aspereza da fala de Chinês denota que as fronteiras permanecem intocadas apesar do clima festivo. Os dois estratos distintos compartilham alguns gostos e ambientes em situações específicas, mas seguem divididos pela realidade concreta das suas condições sociais. Assim, se evidencia o fato de que as disparidades socioeconômicas construídas e mantidas ao longo da história, produzem marcas que, tal qual as fronteiras que delas também derivam, não se apagam ou amenizam com o compartilhamento de gostos e consumos comuns. Ao contrário, podem ser agravadas por um jeito de viver que, ao aproximar grupos sociais diferentes, põe à mostra justamente as suas principais diferenças, mágoas, ressentimentos e a sensação de injustiça, estimulando desejos de *vendetta* social.

Meu dinheiro é feito por mim, de sol a sol, todo dia correndo dos pilantras e dos polícia, foi meu pai que me deu não. Eu que fiz. Esses comédia ai tem tudo sem suor, tudo na mão, e quer se passar de superior. Se cair na nossa mão é sal. Se eu querer compro tudo o que eles tem, é como naquela música do Racionais: “Seu carro e sua grana já não me seduz. E nem a sua puta de olhos azuis<sup>100</sup>” [NETO LORO, 20 anos].

---

<sup>100</sup> Neto Loro se refere à música “Capítulo 4, Versículo 3”, do grupo de *RAP* Racionais MCS.

O consumismo dos adeptos do jeito criminal de viver parece carregado de raiva, engajado numa luta para “virar o jogo”, tem um quê de vingança, certa rebeldia que corresponde a ter conseguido dinheiro e bens de consumo à revelia das regras instituídas pela sociedade. É como se, apesar das interdições, social e historicamente erguidas, esses jovens tenham conseguido alcançar o mesmo padrão de consumo dos mais favorecidos, despertando, portanto, uma sensação de vitória contra a injustiça social, quase uma percepção de luta de classes.

#### **4.2 Intensidade como paradoxo na classificação qualitativa de modalidades de viver**

O perfume chegou primeiro, veio pelo corredor lateral esquerdo, pouco utilizado para se transitar em dias de festa no Centro Cultural Patativa do Assaré. O aroma era uma mistura de frutas vermelhas, bergamota e rosas, característico de bons, e não tão baratos, perfumes. Em seguida, despontou por entre as plantas e bicicletas estacionadas, uma garota metida em roupas coloridas em estilo *Hippie*. De fala mansa e corpo inquieto, me causava certo incômodo nos sentidos, o cheiro era bom, o visual atraente, mas ficava difícil ouvir o que ela falava em meio ao estridente som das bandas de *rock* que ocupavam o palco no galpão ao lado. Pegou-me pela mão e me arrastou para dentro da única loja aberta naquele horário. “Queria falar umas coisas aí pra tu anotar nessa tua pesquisa”, disse. Assim, conheci Katia, que, surpreendentemente, se ofereceu para colaborar no estudo.

Frequentadora assídua do polo de lazer do Conjunto Ceará, e “comerciante informal de ervas e baratos em geral”, como prefere tratar a questão. Katia não acha errado o tráfico, “alternativa de trabalho”, diz ela. “A juventude tá se adiantando. Onde mais um desses moleque sem estudo vão fazer dois mil conto por semana e pagar os remédio da mãe ou a farra com as mulher, que é de direito, né”? Quanto ao risco de morte prematura, Katia considera “uma coisa natural do corre<sup>101</sup>, como um eletricitista corre risco de levar um choque e morrer”. E brinca, “só que o choque, no nosso caso, tem cassetete e revólver”. Kátia não considera errado o envolvimento com o crime, se esse é motivado

---

<sup>101</sup> O mesmo que crime, função, movimento, atividade criminosa.

por necessidade e pela falta de opções, e chega a naturalizar o possível desfecho trágico da “profissão”.

Após a primeira conversa, sucederam-se mais dois encontros. Em um desses, Katia me pediu para acompanhá-la a uma festa numa casa de praia no Cumbuco<sup>102</sup>. Nessa ocasião, diante das músicas tocadas pelos presentes, Katia emitiu vários comentários que interpretei como sendo de cunho feminista. Isso me fez pensar sobre o seu nível de politização, e resolvi perguntar se ela já tivera algum contato com movimentos sociais ou grupos políticos, ao que me respondeu que não, e que a sua visão sobre o mundo e as pessoas era resultado da sua atuação nas ruas. As contradições percebidas e as situações vividas no mundo do crime teriam lhe despertado a consciência crítica e uma surpreendente capacidade de análise da sua condição social.

Como no caso de outros interlocutores envolvidos e ou que convivem diretamente com o crime, na fala de Katia sobre os riscos da criminalidade, a questão da morte prematura não aparece com a mesma gravidade que se pode encontrar nas opiniões de pessoas não envolvidas e sem tal convívio. A perspectiva parece diferente, e até mesmo radicalmente oposta. A fatalidade da morte permanece, no entanto, se apresenta ora como inerente ao tipo de atividade “profissional” adotado, quase como acidente de trabalho, ora com características romantizadas como parte do jeito de viver, como risco associado à aventura.

Assim pensa Rodrigo: “Se o nego tombar, sujeito já viveu mais do que muito coroa. Já comi mais bucetas do que o meu pai de quase sessenta anos em toda a vida dele. E olha que o velho vivia nos cabaré, e o nego só tem vinte e dois”. Rodrigo, pensa a sua vida com base na noção de intensidade, vivendo o momento e procurando tirar o máximo de gozo possível de todas as situações. “Quantos restaurantes bons na aldeota e na Varjota já num viram a ceda do mano aqui? Já paguei quarto de hotel de luxo na beira-mar pra fazer a presença com uma gata cera<sup>103</sup> que eu tava de olho há um tempão. Para ele, vale o risco para se ter uma vida boa: “Essa vida tem os seus perigo, mas tem compensação”. Ele demonstra estar ciente de que o seu estilo de vida favorece um desfecho trágico, e, ante essa possibilidade, se mantém convicto do caminho escolhido.

---

<sup>102</sup> Praia da região metropolitana de Fortaleza, localizada no Município de Caucaia-CE.

<sup>103</sup> Gíria para menina bonita, estilosa, “gostosa”.

Meu velho sofreu mais de quarenta anos como ajudante de pedreiro e pedreiro, mal cuidou da família, porque num podia, e hoje tá lá, pobre, doente, num tem nada. Eu só tenho 22 anos, tenho carro, moto, roupa boa, dois barracos na favela, joias, e dinheiro na mão de uns e ôtro, tô fazendo a minha. Se fechar os zói, já valeu a pena, é o preço, vô tê vivido mais do que o meu coroa, pra mim tá bom demais. [RODRIGO, 22 anos].

O jovem destaca o sofrimento da vida de pedreiro, de trabalhador, do seu pai, não vendo as dificuldades da sua própria vida, ataques de rivais, punições da facção que integra, violência policial, instabilidade e risco permanente de morte, como sofrimento. Da sua maneira de viver, o garoto parece considerar apenas o gozo, a parte boa e hedonista, relegando todo o resto ao reino das contingências, ou aos efeitos colaterais, como o preço a se pagar por uma vida de vitórias, conquistas e ganhos; como se, só assim, pela abstração dos ganhos, se torne possível viver uma intensidade permanente, uma ética que desconsidera os custos e foca nos benefícios; um *ethos* apropriado e sob medida para o jeito criminal de viver.

Alba Zaluar (1994) identificou o que considerou como a passagem de um jovem da condição de “trabalhador” para “bandido”. Segundo ela, o jovem se vê diante das seguintes opções: o trabalho duro, desinteressante e mal remunerado, e a vida perigosa, aventureira e curta de bandido, optando pela segunda. Seriam os mais destemidos e muitas vezes os mais talentosos - vendo frustradas as suas possibilidades de sair da vida opressiva e da condição de pobreza - os candidatos mais prováveis a fazerem a passagem, ganhando fama, poder, dinheiro fácil e morte quase certa.

Realmente, Rodrigo compara o seu estilo de vida, pautado no crime, com o estilo de vida do seu pai, lastreado no trabalho convencional e na moral hegemônica da sociedade, para concluir que “viveu mais” do que o seu progenitor, mesmo tendo menos idade do que ele. Ter dois “barracos” (casas) na favela, joias (relógios caros, cordões e correntes de prata e ouro, brincos caros), moto, carro, roupa boa (de marcas caras) e “dinheiro na mão de uns e ôtro” (alusão a dívidas de venda de drogas ou agiotagem), faz o jovem pensar que “está fazendo a sua”<sup>104</sup>.

A “tese” de futuro, conquanto, implícita na fala (“tô fazendo a minha”), colide incontinenti com a “antítese” inferível da noção de uma vida que pode ser interrompida a qualquer momento, já consumada, já vivida, que já pode ser encerrada, pois “já valeu a pena”. Na “síntese” dessa “dialética” que confronta maneiras de viver embasadas em concepções morais e éticas contrapostas, pode estar guardada uma importante chave para

---

<sup>104</sup> Progredindo na vida; preparando o seu futuro.

o conhecimento de uma singular cultura que suporta e estandardiza o jeito de viver que se baseia no crime. Viver plenamente e ser feliz não significa a mesma coisa à luz das noções éticas diferentes que alicerçam os modos de vida do pai de Rodrigo e dele próprio. No primeiro caso, um trabalho honrado, apesar de ingrato e pouco rentável, pode “enobrecer o homem” e dar sentido à sua vida, enquanto assegura a subsistência sofrida da sua família, pois o mantém como o respeitável trabalhador, cidadão e contraponto do vagabundo, do desonesto e desonrado bandido. Uma vida nesses termos pode até parecer com algo feliz, com uma plenitude moral e social que justifica e permite suportar todo o resto; mas não para Rodrigo, que quer viver sem sofrer. Para ele a plenitude é poder ter tudo o que possa alcançar no menor espaço de tempo possível, para viver, proporcionalmente, mais do que o seu “coroa”. E a felicidade, parece estar relacionada com não repetir a vida de sofrimentos do seu pai trabalhador.

Diógenes (1998), ao entrevistar a gangue “Sem Cérebro” da comunidade das Goiabeiras, registrou a manifestação desses jovens em relação a certo “desapego” à vida: “Quando tem foguete<sup>105</sup>, é se meter sendo tudo da mesma galera. Por que ninguém tem nada a perder não”. Estávamos no final dos anos de 1990 e a pesquisadora identificava a falta de perspectivas, na vivência entre as gangues, fazendo do presente o momento supremo. Para Diógenes, o imediatismo das experiências do presente estava dessacralizando o rito “natural” da vida, nascer, crescer, trabalhar, casar, ter filhos, envelhecer e morrer. Era a ausência de linearidade, a não previsibilidade, notada no cotidiano de gangues juvenis para as quais tudo poderia ser “invertido, saltado, permutado”.

Três décadas depois, posso confirmar e registrar o aprofundamento dessa mudança de percepção, junto a jovens enredados com facções e violência. “Se fechar os zói, já valeu a pena”. Para Rodrigo, a sua vida, vivida fora da linearidade do rito “natural” da vida, é qualitativamente superior à vida do seu pai, que obedeceu à previsibilidade do ciclo “nascer, crescer, trabalhar, casar, ter filhos, envelhecer e morrer”. A mudança da perspectiva da “longevidade” para a “intensidade”, na análise e classificação qualitativa do modo de vida, presente no imaginário e nas representações de jovens envolvidos com a violência, surge como mais um elemento das maneiras de se fazer crime no Ceará.

É necessário, contudo, ater-se para casos em que a passagem da lógica do trabalho para a aventura criminal, se feita na prática, no que se refere à representação que se faz

---

<sup>105</sup> Gíria para risco, confronto, perigo, briga.

da própria vida e das possibilidades, não é percebida como dada, irreversível ou permanente. Nesses casos, a opção pelo estilo de vida do crime é vista como temporária, oportunista, reversível. É como pensa Wander, ao dizer que entrou para uma das facções do crime aos 17 anos, mas que já vinha da participação em torcida organizada de time de futebol e já praticava delitos desde “os tempos de pichação”, aos 13 anos de idade. “Esse lance do crime mesmo eu vi como oportunidade, não quero chegar aos 40 sem ter nada. Tô nos corre, quero ganhar uma grana, me estabilizar, depois sossegar. Quero deixar essa vida (o crime) lá pelos 35” - falou.

Com meia década de relações com o crime, Wander parece ter tudo sob controle, um plano: ganhar dinheiro, se estabilizar e depois sair do crime e viver sossegado; no entanto, o Ceará, estado onde vive Wander, tem o Índice de Homicídios na Adolescência (IHA) mais alto do País. O índice foi criado em 2007 como produto de uma parceria entre Secretaria de Direitos Humanos da Presidência, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Laboratório de Análise da Violência (Lav-Uerj) e Observatório de Favelas. O IHA, no Brasil, subiu de 2,8 em 2005 para 3,65 em 2014 (crescimento de 30%). Já em Fortaleza, que, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), ostenta o título de “capital brasileira onde mais são assassinados adolescentes de 12 a 18 anos”, e que abriga Wander, foi de 2,35 em 2005 e subiu para 10,94 em 2014 - crescimento de 365%. Essas estatísticas, do relatório “Trajetórias Interrompidas” do “Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência”, não parecem estar consideradas nos planos do jovem faccionário.

A despeito dos números e da assustadora escalada da violência, que estarrece pesquisadores e formadores de opinião, no *front* das ruas, em meio à guerra das facções, não é raro encontrar “transeuntes” em suas jornadas imaginativas, ultrapassando, com “ar de desavisados”, a fronteira entre o modo de vida referenciado no crime, na aventura e na intensidade, e a forma de ver a vida na perspectiva da longevidade, que tem a “ética do trabalhador” como alicerce moral, tratando o primeiro como uma fase transitória, como possibilidade de opção e renúncia, ao largo de um cenário em que, só no ano de 2015, 630 adolescentes de 12 a 18 anos foram mortos no Ceará, sendo 312 em Fortaleza.

Essas situações revelam a existência de certa “miragem”, uma ilusão hipnotizante que leva alguns jovens (principalmente os mais novos) a acreditarem que podem fazer carreiras meteóricas e brilhantes, no crime; e depois sair dele, com os bolsos cheios e o futuro garantido, como se a criminalidade fosse ocupação temporária, insalubre, mas

capaz de assegurar um restante de vida longo e estabilizado. Pensando assim, eles não enxergam os percalços e as tribulações da escalada que pretendem empreender. As consequências para si mesmos, a família e o conjunto das suas relações afetivas e sociais, os riscos efetivos, inclusive, de vida, são desconsiderados, como são ignoradas as probabilidades. Não se pensa que bem poucos atingirão o “topo”, que a maioria viverá como “Zé” e em condições de exploração e opressão até piores do que a vida do trabalhador, e que os “reis” serão raros e terão reinados breves.

Outro agravante é que o modelo de consumo deste meio é o das classes privilegiadas, o dinheiro no bolso é garantia de prestígio junto às mulheres e aos parceiros; mas, “ganhar mole” leva a “gastar mole”, a um encher e esvaziar continuamente e rapidamente os bolsos, em níveis desenfreados de consumismo em que roupas bonitas e mulheres são encarados como ingredientes básicos na conquista de prestígio entre os pares. Não dá para ter controle sobre despesas. Quem controla despesas é o trabalhador. Ao contrário deste, o bandido “derrama” e obriga-se a repetir o ato criminoso *ad infinitum* para preencher o bolso constantemente (ZALUAR, 1994. p.p.77-78).

Há ocorrências em que o trânsito entre a aventura no crime e o modo de vida do trabalhador é visto como possível e praticável, bastando, para tanto, que se queira. O caso a seguir ajuda na compreensão desse aspecto. Nice tem 26 anos, mora em Paraipaba-CE, envolveu-se com um traficante aos 17 anos de idade, com ele teve um filho e viu a relação acabar devido ao uso abusivo de drogas pelo companheiro e a sua insistência em não mudar de vida. Encontramo-nos num final de tarde, ao pôr do sol da praia de Lagoinha. Ela chegou acompanhada de um garoto que, igualmente a ela, já era conhecido meu de algumas incursões ao campo. Na ocasião em que nos conhecemos, fui informado, por um interlocutor local, de que ela seria “mulher de bandido”. Depois ela me disse que, na verdade, era “ex-mulher de um traficante”.

Conseguí essa conversa por intermédio de um amigo em comum. Ela chegou por volta das 16h, me cumprimentou e sentou-se à mesa onde eu estava, na “Barraca do Dudé”, onde entre uma água de coco e alguns petiscos, eu tentava organizar as minhas anotações de campo. O garoto que a acompanhava pediu licença e se foi, junto com um condutor de quadriciclo, partiu para cumprir uma “missão<sup>106</sup>”.

Nice é uma morena bonita, de corpo esculpido por academia, olhos castanhos, cabelos lisos, muito falante, arrasta os olhares por entre as cadeiras cada vez que se

---

<sup>106</sup> Tarefa do crime.

movimenta pelo recinto. Gosta de dialogar e não parece ter restrições de assunto. Conversamos amenidades e identificamos gostos musicais em comum e pessoas que ambos conhecemos. Ao cair da noite, me perguntou se não poderia levá-la em casa, mas antes, queria ir até a praia depois da cancela<sup>107</sup>, queria “fumar um<sup>108</sup>” ouvindo o mar e olhando a lua. Concordei, e conversamos por mais de três horas sobre passagens da sua vida e o seu envolvimento com alguém “do crime”. Ela fala com nostalgia do “tempo da relação”. Relembra “as curtições”, o “dinheiro farto”, os mimos, “era só eu pedir, qualquer coisa, uma pizza, um vestido, uma joia, um celular novo. Era sem miséria. Não faltava nada. Eu me sentia uma rainha, a patroa”. Ela diz que no começo é muito bom, mas que o dinheiro “fácil” acaba acomodando, e o sujeito não quer mais trabalhar, vai ficando naquela vida perigosa. E que, “a mulher quando só quer aventura, curte demais aquela vida de patroa, mas com um filho e rolando o sentimento, a gata quer um casamento, uma vida a dois, um futuro, aí começam os desentendimentos”.

Tanto as falas de Nice como os relatos de outros entrevistados sugerem que o crime é visto, ainda, por muitos dos envolvidos, como uma opção de trabalho, e, na maioria das vezes, uma opção passageira, que deve ser largada tão logo seja possível. Isso, se o envolvido alimentar alguma visão de futuro; ou seja, se pensar a vida numa perspectiva de longevidade. A vida pensada segundo uma noção de intensidade parece mais aceita para os adolescentes, os “novinhos”. Quando, porém, o tempo vai passando e os laços sociais vão emaranhando o sujeito: filhos, esposa, família, então se espera (e se cobra) dele que se volte para a perspectiva da longevidade. Nesse instante, se cria um ponto de bifurcação que pede decisões difíceis, opções conflitantes e aparentemente inconciliáveis. O envolvido já pode ter internalizado completamente o jeito de viver referenciado no crime, não se dispor, ou não mais conseguir optar pelo modo de vida convencional pautado pela perspectiva da longevidade, do rito “natural” da vida (DIÓGENES, 1998). Segundo Nice, no entanto, também acontece de o indivíduo optar por mudar de vida. E “se não tiver devendo, nem colecionar inimigos e B.O demais com os outro do crime, ele pode sair numa boa. Só num pode se envolver com facção rival e nem voltar pros corre. Senão, morre rapidin”.

---

<sup>107</sup> Trata-se de uma parte da praia cercada pelo empresário Luciano Cavalcante que instalou uma cancela e botou um vigilante controlando o acesso ao local.

<sup>108</sup> Fumar um cigarro de maconha.

Dessa maneira, o crime, no Ceará, parece ainda pensado, por muitos, como trabalho. A ética do trabalhador (HOLANDA, 1995) permanece viva no meio e mantém a sua importância como ferramenta analítica relacionada a esse fenômeno. Quanto à “vida loka”, representante popular e simbólica do *ethos* do crime, apresenta-se, geralmente, como uma fase da trajetória do indivíduo, fase que, se espera, deve ser abandonada, ou superada, diante da estabilização financeira e de uma maior socialização. Não obstante, a ética do aventureiro (IDEM) mantém-se presente como resistência às moralidades hegemônicas convizinhas da perspectiva da longevidade, dificultando a superação da fase “vida loka” e contribuindo para consolidá-la como opção de vida. Deve-se ter em conta, todavia, o fato de que a vida vivida em intensidade, num cenário de crime, pressupõe uma densidade desviante que tende a potencializar os riscos e abreviar a sobrevivência do agente, diminuindo o tempo disponível para escolhas e mudanças.

O imperativo da escolha fala alto, mas não é tudo. E nem é fácil. Parece haver bem mais nas margens dessa estrada bifurcada que pede decisões complicadas e opções conflitantes e de conciliação difícil. Os valores da aventura e do trabalho convivem, nem sempre amistosamente, nos corações e mentes de jovens como Jailson:

Eu juntei oito mil reais, com os assaltos e com o tráfico, enterrei tudo no quintal dentro de um saco. Um dia eu chamei o meu irmão e disse, vamos sair fora daqui, recomeçar a vida noutro canto com esse dinheiro, ele concordou. Mas aí eu pensei, esse dinheiro é sujo, não quero não. Desenterrei o dinheiro, botei numa bacia, junto com um bocado de papel higiênico e toquei fogo. Quando tava queimando eu ainda quis se arrepender, mas resisti, deixei tudo queimar. Depois falei pra minha mulher o que eu tinha feito e ela disse que também não queria aquele dinheiro amaldiçoado, não. [JAILSON, 17 anos].

Jailson, perdeu o irmão, assassinado pelo crime em Itapajé. Voltou para Paraipaba de onde haviam saído juntos, para, segundo ele, mudar de vida. As duas cidades são controladas por facções rivais, e os irmãos eram envolvidos. Jailson diz que foram “escravizados” pela facção de Itapajé e que ele e o irmão foram obrigados a cometer vários delitos para o crime local. No começo de 2018, o seu irmão foi assassinado com balas em cápsulas pintadas de vermelho que, segundo Jailson, teriam sido pintadas por ele mesmo para serem usadas numa arma do irmão, a mando de facionários locais. “Depois eles pediram a arma emprestada e só voltei a ver as cápsulas no local do assassinato”, conta.

Jailson tem uma “alma atormentada”, vive às voltas com o crime e afirma desejar uma “vida de trabalhador”. O seu imaginário é povoado por sonhos de consumo e ele não

cansa de contar as suas aventuras, brigas com a polícia, enfrentamento com rivais, ostentações, farras e experiências sexuais com várias mulheres. No meio das falas, porém, lembra-se do filho e diz querer arrumar um emprego e mudar de vida. Os valores parecem duelar na mente de Jailson e os seus desejos encontram sempre as expectativas dos outros pelo caminho.

Eu gosto dessa vida, não vou negar, mas tenho filho, mulher, tem meu avô, e eles sofrem por eu viver assim. Também já deu o que tinha que dar, perdi meu irmão. Mas os cara<sup>109</sup> ainda me consideram. Se eu quiser voltar é razim. [JAILSON, 17 anos].

A “intensidade” é o que cativa o espírito de Jailson, e se fosse apenas por ele, esse seria o caminho. Afinal, as perdas não parecem ter sido suficientes para demovê-lo da opção por esse modo de viver; no entanto, a “longevidade” se apresenta e cobra a sua parte, há um filho, um futuro pedindo atenção, uma “normalidade” sendo exigida. No final, a ética do “aventureiro” encontra-se em confronto com a moral instituída na sociedade, e a mente e o coração de Jailson funcionam, neste contexto, como o *front*, o campo onde acontece esse conflito, em que a classificação qualitativa do modo de vida a ser adotado ainda se encontra em aberto, indefinida diante de pelo menos duas possibilidades conflitantes, mas não, obrigatoriamente, supressivas, pois, a ética do “aventureiro” e a ética do “trabalhador”, fiadoras, respectivamente, da “intensidade” e da “longevidade”, não são excludentes entre si (HOLANDA, 1995). Dá para viver nessa confusão.

### 4.3 Damas e vagabundos ou o caso das “Sugar Baby” da Periferia

Os relacionamentos *sugar*<sup>110</sup> são uma tendência que pode ser explicada como relações em que uma pessoa mais velha (homem ou mulher) e em melhores condições econômicas e sociais (*Sugar daddy*<sup>111</sup> se for homem, ou *Sugar Mommy*<sup>112</sup>, sendo mulher) concorda em compensar financeiramente (seja em dinheiro e / ou presentes), também na forma de outros capitais econômicos e simbólicos, alguém mais jovem e com menos

<sup>109</sup> A facção predominante em Paraipaba.

<sup>110</sup> Segundo o Oxford English Dictionary (2017), o termo “açúcar” é gíria frequentemente adotada na forma de um modificador com o intuito de “adoçar” algo, e como eufemismo para dinheiro (DALY, 2017).

<sup>111</sup> “Pai de açúcar” em tradução livre.

<sup>112</sup> “Mãe de açúcar” em tradução livre.

recursos que ela (*Sugar Baby*<sup>113</sup>), em troca de uma certa companhia (DALY, 2017). Este tipo de relacionamento tem recebido bastante atenção, por pesquisadores que estudam a sua proliferação em países africanos como África do Sul (BROUARD; CREWE, 2013), Quênia (LUKE, 2005) e Zimbábwe (WYROD et al. 2011). Nota-se que muitos desses estudos, em contextos africanos, associam os relacionamentos *sugar* a temas como a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, como HIV<sup>114</sup>/AIDS<sup>115</sup>, mas não deixam de avançar em outras dimensões do fenômeno como em questões de gênero, intergeracionais, de cultura, e do impacto nas famílias e na economia dos lugares onde se desenvolvem.

Para Daly (2017), a mídia foca nos aspectos mais lascivos dos relacionamentos *sugar*, não servindo como fonte adequada para a compreensão do fenômeno. Apesar desse sensacionalismo que tem cercado o tema, cita evidências empíricas de que ele está se tornando mais difundido, e menciona trabalhos no Reino Unido (BARNS, 2016; BULLEN, 2017), Austrália (BARRACLOUGH, 2017) e Estados Unidos Americanos/EUA (SELLINGER-MORRIS, 2016), como fontes documentais desse avanço.

Segundo Mixon (2019), para resolver problemas financeiros relacionados com o aumento da mensalidade da faculdade, estudantes universitárias nos EUA estão se envolvendo com formas de financiamento de capital humano, tais como, “arranjos românticos potencialmente lucrativos com homens mais velhos, os *sugar daddies*”.

O fenômeno também é estudado, no cenário do Canadá, por Daly (2017), que se resente de haver pouca pesquisa acadêmica sobre o tema naquele País. Baseando-se em análise textual e entrevistas qualitativas em profundidade, ela tenta “ir além das representações midiáticas sensacionalistas”, para examinar as experiências de relacionamentos *sugar* “como articuladas por uma série de *sugar babies*”. Termina por mostrar esses relacionamentos “[...] como um fenômeno complexo em que diferentes, e muitas vezes tradicionais, formas de poder de gênero são mobilizadas, negociadas e retrabalhadas em um contexto completamente moderno e ainda em desenvolvimento”.

---

<sup>113</sup> Bebê de açúcar em tradução livre.

<sup>114</sup> Sigla em inglês para o vírus da imunodeficiência humana. Causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida/ AIDS.

<sup>115</sup> Sigla em inglês para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, doença sexualmente transmitida, globalmente difundida e com grande incidência nos países africanos.

Estudando o fenômeno *Sugar daddy* dentro de uma instituição de ensino superior na África do Sul, Gobind e Du Plessis (2015) encontraram a seguinte vinculação de motivos para que jovens se envolvam em relacionamentos *sugar*: 68,8% afirmam que foram motivados por segurança financeira, 70,5% por dinheiro e 56,7 por acesso a bens e consumo. 48,2% dos entrevistados concordaram que muitas moças se envolvem com *sugar daddies* motivadas pelo dinheiro e presentes. Estilo de vida aparece como motivação para 45,4% dos entrevistados, e exposição à novas experiências, para 30,5%. Perguntados se a pobreza foi determinante para o envolvimento neste tipo de relação, 31,8% dos pesquisados, concordou.

Em termos de Brasil, algumas pesquisas abordam os relacionamentos *sugar*, em várias das suas dimensões, como o é o caso de Rodrigues (2018), que se debruça sobre “o *ethos Sugar* e a racionalidade empreendedora” do que chama de um “pote de açúcar”, para apontar que a retórica *sugar* incorporaria certo tipo de racionalidade econômica neoliberal, “[...] cujas liberdades empresariais se tornam condição para o bem-estar social nos valores da cultura cristã, típico da própria racionalidade da vida religiosa moderna em seu imbricamento com o espírito do capitalismo” (RODRIGUES e PATRIOTA, 2018. p.1). Essa abordagem, de certo modo, dialoga com as opções teóricas e analíticas do meu estudo, no entanto, isso se dá com suporte na sua relativização à luz do pensamento de Holanda (1995) e das nuances e contradições reveladas pelo campo.

As práticas de comunicação e de consumo em um dos maiores portais virtuais voltado para os relacionamentos *sugar*, o “Meu patrocínio”, são analisadas por Girardello (2016), com base em reflexões sobre aspectos da “[...] midiatização e capitalização dos sujeitos na contemporaneidade”, para constatar o que ela apresenta como sendo “[...] a transformação do âmbito afetivo em termos contratuais e corporativos”, o que exemplificaria “[...] como a sociedade de consumidores se espetacularizou ainda mais na era digital contemporânea e alterou as formas de relação interpessoais”. (GIRARDELLO, 2016. p. 14).

Esse tema, por mais inusitado que me parecesse, até aquele momento, em relação ao objeto da minha pesquisa, viria, certa data, a encontrá-lo em pleno campo, num desses *insights* que apenas são possíveis se o pesquisador estiver receptivo para conexões imprevistas (MILLS, 2009), e terminou por aportar elementos novos ao estudo, clareando algumas áreas escuras da pesquisa.

Fazia calor numas dessas noites tropicais ao lado do Atlântico, na periferia da Capital cearense, mais especificamente, no Polo de Lazer do Conjunto Ceará. Esse local, notadamente, tem apresentado, em comparação com outras áreas de Fortaleza, um tipo diferente de realidade criminosa, algo como o que Paiva (2015.p.355) ouviu dos moradores de Tabatinga/AM ao estudar o crime na tríplice fronteira amazônica. Os frequentadores assíduos do polo de lazer, pelo menos a maioria dos que foram alcançados por esta pesquisa, também acham que quando a bala aparece, ela “tem nome e endereço certo”. E que, neste lugar, com raras exceções, “só morre quem tem que morrer”.

No Polo de Lazer do Conjunto Ceará também tem facção. O que se diz nas ruas é que o lugar é uma área do CV. É o que se diz, porque não é o que se vê, ou o que se sente no cotidiano do local. Não tem armas à mostra, nem manifestação pública dessa, ou de qualquer outra facção. Pequenos furtos e roubos acontecem aos comércios da área, feitos por “noiados” do *crack*, sem que os “donos” do território interfiram. Os vendedores de drogas não atuam armados, os “flanelinhas” exploram os estacionamentos sem “pagar pedágio”, e quase não se sente a atual realidade da guerra de facções, a não ser por execuções que já se deram nesse local e que na maioria dos casos não estavam relacionadas com o fluxo próprio do espaço.

Grande parte dos bandidos daqui não é de *playboys*, eles não são da elite, ou de classe média alta; também não são favelados. São jovens filhos de funcionários públicos, profissionais autônomos e ou comerciantes locais e do entorno. Alguns desses frequentam ou frequentaram a faculdade, se expressam bem e se socializam com os demais frequentadores e com os comerciantes do Polo. Não perderam os laços com pessoas, instituições e valores considerados legítimos socialmente, mantendo certa regularidade nas suas relações sociais.

Na noite cálida, da “Capital da periferia”<sup>116</sup>, numa roda de amigos, nos confraternizávamos e falávamos dos acontecimentos cotidianos como forma de compartilharmos um pouco da vida comunitária que nos une, mas que os afazeres profissionais, acadêmicos e familiares nos tomam pouco a pouco. Os finais de noite têm nos servido de refúgio para uma sociabilidade resistente e criativa que nos municia de afetividades, e de relatos sobre a sociedade (BECKER, 2009), o que, no meu caso

---

<sup>116</sup> Alguns moradores chamam assim o Conjunto Ceará, devido à sua localização, cercado por comunidades menos estruturadas e favelas que dependem em boa parte dos serviços sociais, culturais, econômicos e públicos que o bairro oferece.

particular, cada vez mais, tem colaborado para que mantenha um permanente rearranjo do meu arquivo, como ensina Charles Wright Mills; ou seja, tendo em mente os vários problemas em que estou trabalhando ativamente, mas tentando também ser passivamente receptivo a conexões imprevistas e não planejadas (MILLS, 2009. p. 42).

Estar receptivo foi fundamental para captar e aproveitar a oportunidade que viria a seguir. Uma comerciante que trabalha na noite do Polo de Lazer do Conjunto Ceará, em um quiosque que vende bebidas e petiscos, comentando sobre o comportamento de um rapaz, demonstrou indignação com a sua postura *nonsense*, e relatou que ele havia se interessado por uma garota que frequenta o seu quiosque, e havia lhe pedido que o apresentasse à moça. Ao proceder à apresentação, a amiga tomou o cuidado de consultar a garota sobre se ela teria interesse em conhecer o rapaz. E obteve uma resposta negativa. Diante da recusa, avisou ao mesmo que o contato havia falhado. Mas, o rapaz, no entanto, não se deu por vencido, e argumentou que no dia seguinte receberia o seu salário, pedindo que a amiga retornasse com essa informação para tentar convencer a garota. A menina reagiu com um palavrão e a amiga compartilha da sua indignação. E isso a levou a desabafar na nossa conversa entre amigos.

Os pessoal pensa que as meninas se prostituem, que elas saem com os caras e vão transar. Mas nem é. Elas entram nos carros, os caras levam elas pro Oxente<sup>117</sup> pagam bebida boa, elas jantam comida cara, fazem *Selfies* e publicam no *Facebook* e *Instagram* e depois eles trazem elas de volta para o bar do *reggae*<sup>118</sup>. [COMERCIANTE DO POLO DE LAZER DO CONJUNTO CEARÁ, 2017].

A fala acima me despertou para uma conexão inesperada e para a identificação de novos elementos relacionados com o meu objeto de estudo. É uma situação parecida com o que descreve (BECKER, 2016) quando fala de novas coisas que podem variar em modos que afetarão o resultado, ou novos passos em um processo que se acreditava compreender, até que se produz uma consequência diferente da que se esperava. Acontece que, durante a observação participante, havia notado um grande fluxo de passeios e “rolês” envolvendo garotas que frequentam o Polo de Lazer do Conjunto Ceará e garotos associados ao movimento do tráfico de drogas na região; e geralmente com destino a circuitos (MAGNANI, 2007) que compreendem lugares como o Oxente Bar e a

---

<sup>117</sup> Bar “estilo boteco” com produtos mais caros e sofisticados do que os encontrados no polo de lazer e que é mais frequentado por consumidores com maior poder aquisitivo.

<sup>118</sup> Bar especializado no estilo *reggae* que funciona como ponto de encontro para jovens no polo de lazer do Conjunto Ceará.

“Fazendinha”<sup>119</sup>. E, não raramente, tenho ouvido de frequentadores do local a associação entre esses “rolês” e a prostituição. Então, perguntei à amiga se “os caras”, aos quais ela se referia eram esses garotos. Ela confirmou que sim. De fato, eles têm a condição de bancar gostos mais sofisticados e consumo mais caro para as meninas, falamos. Ela então relatou:

Você pode ver que eles num tem nada. Num tem carro bom, num tem moto boa, num tem casa própria. Eles vende mesmo só pra ter dinheiro pra comer “piu-piu”<sup>120</sup>, pra alugar uma casa de praia no fim de semana, levar as meninas, pagar bebida e droga. Depois voltam “lisos” e vão vender de novo. E em muitas vezes num rola nem sexo. As meninas vão e voltam sem transar. Eles bancam tudo só pra ter as meninas bonitas do lado deles, pra exibir pros outros cara, bater foto e botar no *Instagram*, ficar desfilando no carro com elas. Só rola sexo se pintar o clima, se a menina ficar a fim, mas não é obrigado ter não. [COMERCIANTE DO POLO DE LAZER DO CONJUNTO CEARÁ, 2017].

Esses relatos proporcionaram à pesquisa uma nova possibilidade, algo até então não levado em conta, não considerado relevante, a possibilidade de examinar a relação entre novos tipos de intimidades adotados por jovens da periferia e possíveis conexões desses comportamentos com as peculiaridades da violência e maneiras de fazer o crime no Ceará. Interessou-me analisar se essas intimidades, de alguma forma, estariam relacionadas com valores que pudessem incidir sobre as questões referentes a desvios, violência, ao crime e ao envolvimento com as facções. E me veio à lembrança uma reportagem que tinha visto há alguns dias. A matéria tratava dos relacionamentos *sugar*, cada vez mais comuns em regiões como América do Norte e África e também por aqui.

Esses relacionamentos, baseados na assimetria financeira, se apresentam como algo mais do que uma troca de favores afetivos e ou sexuais, por dinheiro. Os adeptos ressaltam que também estão envolvidas, trocas de experiência inter-geracional, orientação dos mais jovens pelos mais velhos e até mentoria profissional. São vários os sítios na *internet*, surgidos principalmente desde o ano de 2016, que oferecem suporte virtual para redes de relacionamento *sugar* no Brasil. Entre eles, se destacam o “QuerMeBancar”; o “MeuMilionario” e o “Meupatrocinio”. Esse último é o pioneiro no País.

O estilo de vida *sugar baby*, segundo o sítio “MeuPatrocinio”, baseia-se na busca por um relacionamento onde “tudo é combinado, sem mal-entendidos”, onde tanto o *sugar baby* como o *sugar daddy* ou *sugar mommy* sabem o que querem e conversam

<sup>119</sup> Espaço que promove festas com *funk*, próximo ao Parque do Vaqueiro.

<sup>120</sup> Gíria para o órgão sexual feminino.

abertamente sobre os acordos preestabelecidos, sem se sentirem culpados pelos seus desejos e intenções. O sítio “QuerMeBancar” anuncia que “[...] sucesso, ambição e atração podem ser a base de um grande relacionamento”, tratando de “[...] sentimentos que oferecem maiores oportunidades na sua vida e podem acabar com o estresse financeiro que uma vida moderna traz nos dias de hoje”. Note-se que, apesar da explícita relação financeira permeando e condicionando os relacionamentos do tipo *sugar*, os seus adeptos e defensores insistem que não se trata de prostituição; que nem sempre o sexo está envolvido e que este não é condicionante para esse tipo de relação.

Muita gente pode julgar mal essa história, mas eu já digo que não sou prostituta, sou uma *sugar baby*! Isso quer dizer que me relaciono com homens mais velhos que bancam o meu estilo de vida, algo que eu não conseguiria sozinha. Sim, existe interesse em sair com ele, mas isso não quer dizer que vendo meu corpo. Na verdade, o que busco mesmo são relacionamentos, e isso quer dizer que só faço o que tenho vontade, nenhum dos *sugar daddies* - os meus patrocinadores -, pode exigir nada de mim. E, convenhamos, relacionamento por interesse sempre existiu, né? Agora só está mais aberto e com um apelido. [ANDREZZA, 22 anos].

Segundo Shefer e Strebel, (2012), as pesquisas atuais sobre relacionamentos intergeracionais e transacionais mostram que “[...] embora a necessidade econômica seja reconhecida como um grande motivador para o envolvimento em relacionamentos sexuais em troca de benefícios materiais”, os estudos apontam “[...] outros fatores que contribuem para essas relações, por exemplo, aspirações em direção ao consumismo da classe média, bem como investimentos emocionais”.

Em virtude da identificação de algumas aproximações e até similitudes, como a assimetria econômica como base da relação, os mimos, presentes e acesso ao consumo como permuta por companhia, a perspectiva de sentimentos oferecendo maiores oportunidades na vida e até podendo, se não, acabar, pelo menos diminuir o estresse financeiro da vida moderna, passei a considerar a possibilidade de estar diante de algo como uma versão, adaptada para a periferia, do estilo *sugar* de relacionamento, na qual, o patrocinador, o “*sugar daddy*”/ *sugar mommy*, em vez de empresários, homens e mulheres ricos e bem-sucedidos, poderiam ser representados pelo jovem “patrão” do movimento do tráfico de drogas, bancando os gostos e gastos das “novinhas” da periferia com o dinheiro arrecadado pelas suas atividades empreendedoras não convencionais. Cabe lembrar que a poesia urbana do *RAP* capta e difunde certas representações de

relações que têm o poder aquisitivo e o consumismo como elementos determinantes, grafando tais registros na cultura popular.

As mina sabe o que é bom, *whisky* importando, carro conversível, combustível aditivado, um plano infalível, um bandido do lado, férias no caribe, um belo bronzeado, dormir no edredom. As mina sabe o que é bom, meia-luz, neon, marca de batom, saia e moletom, no *Black* bombom, ouvindo *Teflon Don*, *Rick Ross* no som, caixa de bombom, taça de *Chandon*, *LuxeDH Louis Vuitton*, casa no Leblon, as mina sabe o que é bom, passeio de iate apreciando o salmon, nos melhores da cidade. Se precisar, contacte. Meus amigos não maltrate. Presente de irmão é dezoito quilates. [DON PIXOTE; NATHY MC, 2018].

Talvez haja eu deparado aquele *know-how* social, esses pedacinhos de conhecimento que fazem com que as coisas saiam como se quer, um “jeitinho” (BECKER, 2016. p. 29-30) para vivenciar, de uma outra maneira, o estilo *sugar* de viver. Isso seria bem compatível com o nosso jeito “cordial” de levar a vida. Decerto, diferenças, e até bem marcantes, existem e destacam-se no cotejo entre as duas perspectivas. A ausência de uma combinação antecipada entre “*sugar daddy*”/ *sugar mommy* e *sugar baby* - que pudesse assegurar um relacionamento onde “[...] tudo é combinado, sem mal-entendidos” - pode ser uma dessas discrepâncias. Talvez, na periferia, as partes não estejam conversando abertamente sobre os acordos preestabelecidos, e estejam mantendo as coisas mais ou menos claras, subentendidas. Essas foram questões subitamente acrescentadas no contexto da pesquisa, tornando-a uma daquelas “tarefas sem fim” relacionadas com as mudanças e combinações possíveis - trazidas pelo movimento ininterrupto do mundo - e que não param de se multiplicar (IDEM, 2016. p.35).

Um estudo direcionado para a investigação sobre as *Peculiaridades da Violência no Ceará: aventuras e maneiras de fazer o crime*, e que não tinha previsto analisar novos arranjos de intimidades, depara expressões de comportamentos e relações interpessoais que se baseiam em assimetria econômica e vantagens possibilitadas pelos recursos que podem ter no crime a sua fonte. Uma nova complicação se apresenta para um objeto que já se acreditava mais ou menos delimitado e entendido, e com um campo empírico já praticamente definido. Tudo isso, a partir de uma conversa entre amigos, de um caso particular ocorrido em um pequeno quiosque da periferia, numa noite quente do mês de maio. Bom! Pois, me esforço para me tornar aquele tipo de pesquisador que segue o modelo de “buscar complicações” sem se desesperar, recebendo com satisfação todas as variações que o mundo me oferece, tratando de identificar e apreender tudo aquilo que está envolvido em uma situação que contribui para o resultado que deseja compreender

(BECKER, 2016. p.36). E, dessa forma, essas outras possibilidades de abordagem e variáveis são bem-vindas. Compartilho com Howard Becker o seu profundo interesse por esses “pequenos descobrimentos” que nos despertam ideias que talvez nunca teríamos, ideias que não se apresentam de imediato como dignas de atenção.

De pequenos casos, aparentemente sem relevância, se pode chegar a caminhos e conclusões que têm o poder de complicar e modificar o objeto estudado. E não se deve desesperar diante dessas mudanças, mas, abraça-las e seguir para a “tarefa sem fim” que cabe ao cientista social (BECKER, 2016). Com efeito, abracei o desafio de estender um pouco mais as averiguações no campo, englobando questões que, de início, pareciam, no mínimo, bastante periféricas em relação ao objeto estudado, mas que se mostraram, no final, complementares e expressivas para o conhecimento de um nível novo, em que se estão manifestando relativizações éticas que contribuem para a existência de um jeito de viver que se articula e sobrevive entre noções morais conflitantes, abrindo caminho para posturas desviantes que desafiam a moral hegemônica.

Mulheres Jovens conseguem bens materiais por meio de homens mais velhos, os percebendo como “melhores recursos” do que homens mais jovens. Os ganhos relatados não se limitam aos benefícios materiais, mas são também ligados ao *status* – para as duas partes – além do acesso a outras coisas, como álcool e drogas, dizem Shefer e Strebel (2012). Isto aproxima ainda mais a noção de relacionamentos *sugar*, com o que acontece nas periferias do Ceará entre “patrões” e “novinhas”.

Conheci Mariene, em um dia ensolarado de domingo, às margens da Lagoa da “Cana Brava”, entre a Cidade de Paraipaba e a praia de Lagoinha. Ela estava acompanhando um interlocutor que havia marcado para conversar comigo neste local. Ali, entre goles de cerveja, ela começou a revelar detalhes da sua vida. Convenci-me de que a sua história poderia contribuir com a pesquisa e combinei de encontrá-la uma semana depois, para conversarmos. Marcamos na Lagoa das Almécegas. Ela disse que gostaria de passar uma tarde no “lado dos ricos”<sup>121</sup>. Assim fizemos. “Pra sair comigo tem que ter dinheiro pra me bancar, pra pagar comida e bebida”. A declaração de Mariene representa “a ponta do iceberg” do estilo de vida dessa ex-companheira de um traficante.

---

<sup>121</sup> Localizada na reserva “Pedrinhas” em Paraipaba, a lagoa é popularmente conhecida por ter estruturas diferentes em duas das suas margens, de um lado, a “lagoa dos pobres” com barracas improvisadas de comidas e bebidas e preços populares, como principal atração o banho nas suas águas. Na outra margem, há uma grande estrutura voltada para o turismo, com passeios de barco, restaurante, loja de *souvenirs* e preços mais elevados, esse é “o lado dos ricos”.

Ao ser perguntada sobre quais tipos de comidas e de bebidas ela se referia, respondeu: “cachaça, vinho (São Braz<sup>122</sup>), cerveja. E as comida é um churrasco (espetinho), um lanche, essas coisas”. As comidas e bebidas citadas por Mariene como condicionantes para “um encontro” são exemplos populares e relativamente baratos de consumo. Ela também ressaltou a importância de uma moto ou carro para transportá-la de uma festa para outra. Sobre se faria sexo com alguém que garantisse essas condições, ela diz: “claro, se for interessante pode rolar sim, faz parte. Mas se o *boy* não se garante em dar o mínimo de condição pra gata, aí não rola é nada”. Quanto ao tipo de companhia que ela tem conseguido para as baladas, ela revela: “Sempre aparece os ‘pagão’<sup>123</sup>, aquele ali mesmo (apontando para um senhor que passa em um carro, buzina e acena para ela) ontem pagô uns quatro baldes<sup>124</sup> de cerveja pra nós (ela, a tia e a prima) e com ele nem precisa rolar nada (maiores intimidades ou sexo), fica feliz só em ver a mesa cheia de mulher. E nós se aproveita, faz a festa”; no entanto, a sua preferência é por um tipo de “pagão” com um poder aquisitivo mais alto (o senhor que pagou os “baldes de cerveja”, segundo ela, é um agricultor local).

Bom mesmo é quando a gente sai com os traficante, aí é pra voar as bandas. Muita bebida, comida, e pra quem gosta, droga a perder de vista. A gente vai pro escondidinho<sup>125</sup>, bebe até não aguentar mais e depois entra nos carro ou sobe nas moto e vai lá pro posto<sup>126</sup> pra comer macarrão e pratinhos. E se ainda aguentar, vai pra beira da praia até amanhecer o dia. Aí pode rolar tudo quanto é sacanagem. Mas as vez num acontece nada, a gente fica conversando ouvindo música (funk e forró na sua maioria com temática sexual) até o sol nascer, na volta passa pela lagoa e depois vem dormir que num vale nada”. [MARIENE, 19 anos].

A intimidade, nesse caso, aparece nitidamente enviesada por via de relações econômicas assimétricas, em que a companhia e o sexo são condicionadas por um poder aquisitivo superior ao de Mariene, que, desempregada e sem nenhuma ocupação produtiva atualmente, recebe algum dinheiro do pai do seu filho, um traficante que se encontra preso, que vez ou outra envia alguma coisa, mas “nem sempre”, como enfatiza.

---

<sup>122</sup> Composto alcoólico da fábrica de bebidas “São Braz” popularmente conhecido como “vinho São Braz”, que por seu preço acessível é amplamente consumido pelas juventudes da periferia. A própria fábrica não o identifica como vinho.

<sup>123</sup> Pagadores, pessoas dispostas a gastar com ela.

<sup>124</sup> Referente à prática dos bares de juntarem várias cervejas em um balde com gelo.

<sup>125</sup> Clube popular na periferia da cidade, no bairro Cacimão, área que concentra a maior parte das ocorrências de conflitos entre facções e mortes de jovens em Paraipaba.

<sup>126</sup> Posto de gasolina na entrada da cidade (Distrito D2) onde se concentram vários jovens nas madrugadas dos finais de semana (principalmente aos sábados).

E conta com os recursos do “bolsa-família”<sup>127</sup> para custear as despesas de uma casa que tem ainda o seu pai, também desempregado e a sua mãe nessa mesma condição. Mariene, que afirma que não se prostituiria jamais (acha imoral), não vê problema nenhum nesse tipo de relação economicamente assimétrica e diz que assim é bem melhor do que quando vivia casada e em uma relação monogâmica e estável. A diferença entre as intimidades - trocadas por presentes e mimos e algumas outras vantagens - vividas por Mariene, em relação à prostituição, aparece de modo claro nas suas percepções e declarações, ela não tem dúvidas a esse respeito. Até mesmo porque aplica juízos morais diferentes para cada uma dessas práticas.

Daly (2017) trata da visão histórica da reformulação do conceito de “mulher mantida”, sugerindo na visão de Nelson (1993), o entendimento de uma “mulher mantida” como alguém sustentada em um estilo de vida confortável ou luxuoso por um homem rico, ficando à disposição para seu prazer sexual, com o homem assumindo às suas dívidas e cuidando da sua manutenção, mesmo sem obrigações legais a respeito disto, adotando uma postura semelhante à que teria em relação a uma esposa. Assim, uma “mulher mantida” não seria uma prostituta. A diferença estaria no fato de que, distinto de uma relação de prostituição, haveria uma relação emocional e social, e não somente um comércio de sexo. Outra diferença teria a ver com a duração da relação, pois o *status* que a “mantida” ostenta sinaliza uma relação de duração indefinida, diferente das relações de prostituição, pagas e explícitas.

Separar, foi o melhor que eu fiz. Era bom, tinha de tudo, mas num tinha liberdade. Eu sou nova ainda, quero curtir, viver a vida, experimentar coisas boa. Hoje eu ‘pego’ quem eu quiser, não sou obrigada a nada, ninguém nunca quis me pegar a força ou me obrigar a fazer o que eu num quero. Quando eu tava casada ele me obrigou a dar pra ele, dizendo que era a minha obrigação de mulher. Hoje, num falta homi querendo fazer as minha vontade,. Também olha a lapa de nega, olha essa bunda, essas coxa, e num sou feia não, né? Quero dizer, de cara, que do resto nem se discute. (risos) Que homi num quer aparecer com uma mulher dessas numa festa, mata os outro tudin de inveja, e ainda pode rolar uns prazer que a gata aqui sabe fazer direitin. Mas mulher bonita é luxo, né Don? Né pra quem quer não, é pra quem pode. E os menino das facção é quem tá podendo mais, né? [MARIENE, 19 anos].

Enquanto julga a prostituição como “imoral”, Mariene associa à liberdade as relações assimétricas que vive. Giddens (1993. p.10) escreve que, durante muito tempo, os ideais do amor romântico afetaram mais as aspirações das mulheres do que dos

<sup>127</sup> Programa de transferência de renda do Governo Federal que atende famílias cuja renda não extrapole o valor de R\$ 170,00 por pessoa.

homens, embora os homens também tenham recebido a sua influência. Para ele, o *ethos* do amor romântico impactou duplamente sobre a situação feminina, ajudando, por um lado, a colocar as mulheres “no seu lugar”: o lar. E, por outro lado, o amor romântico pode ter firmado um compromisso ativo e radical com o machismo da sociedade moderna. A emergência da “sexualidade plástica” – nome que ele dá para um tipo de sexualidade liberta das necessidades de reprodução, descentralizada, que pode ser caracterizada como um traço da personalidade e, devido a isso, intrinsecamente vinculada ao eu, e que tem seu início relacionado com a tendência que começou no final do século XVIII, à “limitação rigorosa da dimensão da família” – é crucial para a reivindicação da mulher ao prazer sexual e para a liberação da sexualidade da regra do falo, “[...] da importância jactanciosa da experiência sexual masculina”. Será isso que Mariene sente ao se libertar do casamento?

Não parece ser o amor romântico o determinante nas intimidades economicamente assimétricas, tanto de Mariene, como das garotas do Polo de Lazer do Conjunto Ceará, nas suas “saídas” boêmias com os meninos do crime, e em suas falas, o sentimento percebido é de uma intimidade menos coercitiva. Embora possa parecer que o poder econômico cumpra esse papel coercitivo e opressor nessas relações, não é assim que é entendido pelas garotas, que se veem numa relação de troca consensual e equilibrada com duas moedas lastreadas no prazer: dinheiro (ou vantagens) e sexo.

Um olhar mais atento e aprofundado, todavia, sobre essas relações, tende a fazer “acender a luz amarela”, alertando para a possibilidade de estarmos diante de formas de violência simbólica e de gênero. É que “[...] a violência simbólica institui-se por meio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominador (logo, à dominação), já que o dominado “não dispõe para pensá-lo ou pensar a si próprio, ou melhor, para pensar sua relação com ele, senão de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum” e esta é nada mais, nada menos do que “a forma incorporada da relação de dominação” que mostra esta relação “como natural; ou, em outros termos, que os esquemas que ele mobiliza para se perceber e se avaliar ou para perceber e avaliar o dominador” são, na verdade, “o produto da incorporação de classificações, assim naturalizadas”, das quais o ser social do dominado termina por ser o produto (SAFFIOTI, 2001. P.118).

Shefer e Strebel (2012) atentam para o fato de que, “[...] dentro do projeto maior do patriarcado e sua complexa interseção com mercantilização neoliberal”, trocar sexo

por dinheiro, bens de consumo e outras vantagens, pode ser compreendido como prática universal nas relações heterossexuais normativas; e que, havendo poucos relatos de relacionamentos em que “mulheres troquem dinheiro pelo seu próprio desejo sexual”, ou pelas relações sexuais intergeracionais, ou mesmo transacionais envolvendo lésbicas e gays, isso evidencia a continuidade da modelagem patriarcal das práticas sexuais.

No mais, o poeta brasileiro Renato Russo, em *La Maison Dieu*, cantou: “sexo compra dinheiro e companhia, mas nunca amor e amizade”. Novamente não parece ser o amor, muito menos o de tipo romântico, o que está se querendo comprar, de um lado ou do outro dessas intimidades economicamente assimétricas. Quanto à amizade, Indira, moradora do bairro Bela Vista, em Itapajé-CE, discorda de Renato Russo: “Amizade sim, é o que fica. Já fiz grandes amigos, gente pros momentos bons e no pior. E é nego que nunca me comeu, nem beijou, nadica de nada, só nas farra, no bar da Sandrinha<sup>128</sup>. E é amigo agora”. Já Mariene, ao falar “da época do casamento” e da vida que leva atualmente, lembra que seu antigo marido chegou a obrigá-la a fazer sexo com ele, alegando ser a sua obrigação de “mulher dele”. E que, agora, ninguém lhe força a nada. “Alguns têm declarado que a intimidade pode ser opressiva”, diz Giddens (1993). Para ele, quando o controle sexual dos homens sobre as mulheres começa a falhar, se vê o quanto é compulsiva a sexualidade masculina, e que o declínio desse controle causa “[...] um fluxo crescente da violência masculina sobre as mulheres”. (GIDDENS, 1993. p.11).

Mariene fala que o seu ex-marido, atualmente cumprindo pena, avisou que enquanto ele viver, ela não terá um relacionamento fixo com homem nenhum. “No mundo da criminalidade, a ideia fundante de macho violento se centra na mesma crença arraigada do masculino como o espaço da iniciativa, do poder e da imposição da vontade”, diz Minayo (2005). Sendo assim, o envolvimento de criminosos locais em relacionamentos “inovadores”, como os de tipo “sugar”, pode não representar muita coisa além de alguma espécie de atualização da tradição machista e patriarcal, que fez surgir e mantém bem nutrido o estereótipo do “macho” cearense no universo da criminalidade e na sociedade como um todo, novamente se equilibrando entre a ética que irrompe contra as formas de intimidades tradicionalmente aceitas pela moral constituída, e a reafirmação de aspectos desta mesma “moral do macho violento”, como expressão da “[...]virilidade que se

---

<sup>128</sup> Bar da Sandrinha - bar afastado do centro de Itapajé, ficando no início da cidade, a uns dois quilômetros “mato a dentro” nas margens da BR 222. Local de paredões e festas a varar as madrugadas. Visto como local de uso de drogas, prostituição e crime, é bastante discriminado e evitado pelos setores mais conservadores do Município.

apodera do corpo, dos desejos, dos projetos, dos negócios e da vida do outro (MINAYO, 2005, p.24).

A intimidade pode ser realmente opressiva, se for tratada como uma exigência de relação emocional constante. Sendo considerada nos termos de uma negociação transacional de vínculos pessoais, entre iguais, “[...] ela surge sob uma luz completamente diferente. A intimidade implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública”. (GIDDENS, 1993. p.11).

Superficialmente, apesar de se apresentarem como relações mercantilizadas em que a força do dinheiro pode vir a subjugar o poder de negociação de quem tem apenas o corpo e a companhia para comerciar, as relações “*sugar*” podem parecer, tanto aos olhos de quem a elas adere, como na própria perspectiva de Anthony Giddens, mais compatíveis com a democracia (liberal) da esfera pública, do que as tradicionais relações patriarcais de imposição e controle mais rígido e mais explícito sobre a sexualidade feminina. Algumas questões tratadas aqui, todavia, sugerem a necessidade de um aprofundamento maior, pois a presença de elementos atualizados e ressignificados da “cultura do macho”, perpassando, ora camuflados, ora evidentes, essas novas intimidades, denunciam que, ao menos nesse caso, o “novo” pode não ser tão novo assim e tratar-se de mais uma peculiar recorrência de um tipo histórico de violência que se atualiza, ressignifica e se mantém como parte das maneiras próprias de se fazer o crime no Ceará.

A tal “sexualidade plástica” pode estar contida no universo das intimidades economicamente assimétricas, que têm os integrantes de facções e agentes do crime como os “*sugar daddy*” que viabilizam “as condições” - do churrasquinho a bebidas e pratos mais sofisticados em “botecos” mais “bem frequentados” e caros, passando pelo “vinho São Braz” e pelas noitadas no “bar da Sandrinha” e no “escondidinho” – para as “*sugar baby*”, em periferias cada vez mais atravessadas por miscigenações éticas que contestam a moral hegemônica e os comportamentos dela advindos, e viabilizam, em meio a tantas contradições e corrosão (às vezes silenciosa) de paradigmas e tabus, elementos de um jeito de viver que tolera e acolhe o desvio, em dimensões também miscigenadas que contêm sempre um quê de desobediência civil, de rebeldia, de resistência, de liberdade, de “*vendetta* social”, e de crime, desafiando os nossos valores e noções cristalizadas de “certo” e “errado”.

Uma das mais importantes peculiaridades da violência local, identificadas por esta pesquisa no seu campo empírico, me parece ser essa ambiguidade, essa dificuldade oferecida à razão e à sensibilidade, de classificá-la, de fixá-la indubitavelmente em um dos polos - monocromáticos, segregados - do “mal” ou do “bem”. Entre o preto e o branco, o crime adota maneiras de fazer que o possibilitam tingir-se de cinza, embora, mantenha as mãos sempre manchadas pela cor do sangue dos cearenses.

Pensar as singularidades desviantes que perpassam as formas de fazer e viver o crime no Ceará, na perspectiva da identificação de uma maneira de viver própria de quem transgride a moralidade instituída e aventura-se nos vários campos da existência, inovando e experimentando, a despeito das regras sociais vigentes, é considerar que a questão cultural goza de centralidade em relação às modalidades de fazer o crime nesse lugar. Há uma cultura, um jeito de viver, que encontra e, ao mesmo tempo, fornece base para um rizoma de desvios morais e que aparenta manter raízes no curso histórico da sociedade forjada pelas opções e contingências “civilizatórias” a que foi submetida, avançando, na Modernidade, na adoção de transgressões criativas que podem se apresentar na forma de antigos, novos e ou ressignificados tipos de violências e crimes.

## 5 FRAGMENTAÇÕES NO CRIME CEARENSE

Diferente das realidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, e até mesmo de outros estados onde o panorama se encontra mais definido e ou consolidado com uma, duas ou três facções, estabelecidas em áreas geográficas há tempos capturadas e com normatizações bem instituídas, ao ponto de se atingir um nível considerável de institucionalização das práticas e procederes das facções e do crime, no Ceará, a realidade, como expressei, é distinta. Mesmo tendo histórico de envolvimento em grupos e coletivos criminais, e disputas violentas por território, que remontam à colonização, por essas terras muita coisa ainda é novidade, e persistem certa euforia e muitos arroubos violentos e espetaculosos que, em tese, são contraproducentes para o mercado do crime.

### 5.1 Crueldade como “Representação-espetáculo”<sup>129</sup>, disputas entre facções e delas com o Estado

Os cara tão tudo doido, piraram com essa coisa de facção. Onde já se viu rapar (raspar) o cabelo da cumade porque ela pintou na cor da facção inimiga. Isso num é correr pelo certo não, véi. Isso tem que parar. Tão de vacilo, se passano. [DEZÃO, 19 anos].

Certos tipos de violência comprometem as atividades prioritárias do crime (AMORIM, 1993)<sup>130</sup>. Segundo Dezão, violência demais atrapalha as vendas de drogas e tumultua as áreas ocupadas. Então, por que a violência só aumenta e ganha os noticiários e as redes sociais de maneira ininterrupta? Parte da explicação poderia estar relacionada com o fato de que, em um cenário fragmentado, com quatro facções principais disputando o mando e o poder, fica difícil manter a discrição. Essa explicação, porém, não resolve outra característica dessa violência, que é a crueldade exacerbada e o caráter espetacular das ações, por vezes divulgadas em fotos e vídeos pelas redes sociais. Se não se quer chamar a atenção das autoridades, para que o comércio do crime possa se desenvolver sem muitos empecilhos, por que se causa tanta comoção e se visibiliza tanto modalidades chocantes de violência?

Este é um ponto que me parece relevante para esta pesquisa. Afinal, a letalidade de todas as facções<sup>131</sup> é algo constantemente noticiado pela imprensa e presente em vários

<sup>129</sup> Ver FOUCAULT (2007).

<sup>130</sup> Sobre isto, ver AMORIM (1993).

<sup>131</sup> Sobre a letalidade das facções, ver MANSO (2018).

estudos, além do que muitos dos meus interlocutores geram, com base nas suas falas, a impressão de que a vida, em muitos casos, possa ser considerada “moeda corrente” no mercado das drogas e do crime. Pode-se com ela, se saldar dívidas e acertar contas de rixas, traições e desafetos. Como, da mesma forma, dizem que a vida tem funcionado, na economia do crime, como o elemento que garante as fidelidades e quase tudo, no mercado criminal.

Sobre isso, levanto uma hipótese: considerando-se que boa parte do respeito e fidelidade na atividade criminal é assegurada pelo medo e pela obediência às regras preestabelecidas (AMORIM 1993; FELTRAN, 2018; MANSO e DIAS, 2018), para garantir a liderança no fragmentado mundo do crime no Ceará, a facção necessita se mostrar mais perigosa e temível do que as rivais. E, no atual momento da violência, se o indicador de periculosidade se resumisse à sua capacidade e disposição de matar, terminaríamos em algo parecido com um “empate técnico”. Com efeito, as facções modernas do crime estariam tentando encontrar algo a mais para escalonar a sua periculosidade. Assim, entraria em cena a capacidade de causar medo, dor e sofrimento para muito além da vulgaridade de uma “simples” morte, o que viria com a adoção da tortura, do vilipêndio e do suplício (FOUCAULT, 2007), como elementos qualificadores do potencial aterrorizante das facções em guerra.

Como parte da hipótese, aponto que as configurações modernas do “suplício”, adotadas pelas facções criminosas, têm caráter eminentemente instrumental, cumprindo o papel de propaganda retumbante da periculosidade e letalidade dos grupos que as adotam, funcionando como peça para dissuasão frente aos inimigos, mas, também, como elemento de estímulo à adesão pelo fascínio ou pelo medo que tais pavores despertam nos corações e mentes de jovens aspirantes ao mundo do crime. Instalando-se, em decorrência disto, um “concurso de horrores”, uma competição, aberta e pública, de qual facção “barbariza” mais.

A questão de fundo é: a qual facção se deve temer mais, se submeter mais, jurar e assegurar maior fidelidade? Talvez a resposta seja: àquela que mais assusta, que é capaz de causar o tipo de morte, ou “pré-morte”<sup>132</sup>, mais dolorosa e aterrorizante. Essa espetacularização exacerbada da violência manifesta-se como peculiaridade de um cenário

---

<sup>132</sup> As torturas, amputação de partes do corpo, incineração, e todas as violências sofridas pela vítima antes de ser eliminada. Cada vez mais esses atos têm sido registrados e divulgados como um rito que pode funcionar como propaganda e elemento para dissuasão, em favor da facção que os pratica.

fragmentado e em consolidação, no qual confluem uma tradição histórica de violência e uma conformação nova de facções e disputas sangrentas por território.

A hipótese pode não se confirmar, porém, e estarmos diante é de uma reciprocidade construída na “selvageria” do *front*, em que as facções vão escalonando a sua periculosidade e aprofundando a sua crueldade de acordo com a intensificação da guerra, seguindo a máxima contida na citação, feita por Foucault (2007, p.70), da fala de Lachèze, integrante da Assembleia Constituinte, durante a Revolução Francesa, em que ele diz: “[...] acostumado a ver correr sangue, o povo aprende rápido que só pode se vingar com sangue”.

Outro aspecto é que, tal qual na economia do castigo, aplicada ao corpo dos condenados, no século XVIII, quando o corpo era supliciado, esquartejado, amputado, “marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto”, as facções criminosas modernas, também, buscam o castigo como “representação-espetáculo”, mas, não mais como “arauto da proclamação da justiça e da sua legitimação” (FOUCAULT, 2007, pp. 12-13). Muito pelo contrário, o novo suplício apresenta-se vinculado a uma negação da legitimidade da justiça formal e do próprio monopólio do uso da violência física e simbólica por parte do Estado, que, neste cenário, tem desconsiderada a sua exclusividade quanto “[...] relação de dominação de homens sobre homens apoiada no meio da coação considerada legítima” (WEBER, 2000).

O crime, por meio das facções, passa a dividir com o Estado essa prerrogativa, associando-se de vez ao *continuum* que articula poder e violência, tendo “poder” como “[...] a probabilidade de impor uma vontade, de fazer com que os outros façam o que se deseja”. (WEBER, 1992, p. 526). Ou seja, os níveis e formas que o crime tem assumido atualmente também podem ser entendidos na perspectiva de uma fragmentação do poder discricionário do uso da força, facultado ao Estado moderno e solapado pela ação dos faccionários. Saber o quanto o Estado já perdeu dessa exclusividade e quais as consequências disso para a sociedade e para a própria manutenção do “contrato social” é uma questão que se mostra, para mim, como relevante, e estimulante para estudos futuros.

Não é só a hegemonia física e belicosa que está em disputa, mas, também, a cultura, a maneira de fazer crime, os valores, motivações, significados e representações. Há um conjunto amplo de coerções incidindo sobre “esquemas de percepções e apreciações” que produzem os seres sociais faccionários da atualidade. O crime é um “campo”, na acepção de Bourdieu, tomado por jogos contextuais, disputas cotidianas

hierarquizantes e a presença de variados investidores e interesses (BOURDIEU, 1998). Essas forças e esquemas, em desequilíbrio, refletem-se nos agentes físicos (por elas influenciados e delas influenciadores) que concorrem para impor a sua vontade e fazer com que os outros façam o que desejam, nos territórios disputados, gerando um cenário conflitante e fragmentado.

A fragmentação do conjunto do crime no Ceará denota uma ausência de liderança unificada, piramidal, do fenômeno. São pedaços de mando e poder, “sesmarias<sup>133</sup> criminais” criadas e assumidas pelas facções, rivais e em conflito, como “direito” de explorar territórios e neles impor o seu mando e liderança. O feixe de contradições que enlaça essas atividades é bastante espesso. Reporta-se a fragmentações territoriais e culturais, origens distintas das práticas e legados criminais, maneiras mais ou menos diferentes de atuar, e até mesmo valores éticos diferenciados, derivados da forma como essas tradições foram engendradas na sociedade e no próprio crime, e evidenciados pela entrada, no território cearense, de tradições diferentes, vindas tanto do Sudeste como de outras regiões do País.

O fragmentado cenário de facções do crime no Ceará divide-se em siglas, territórios, modalidades e representações simbólicas, modelos da gestão e condução do crime, códigos e origens históricas e sociológicas. As múltiplas identidades dos agentes envolvidos na criminalidade local, contudo, tendem a confluir para uma unicidade catalizadora dos pontos em comum que ligam as trajetórias sociais desses agentes, algo como o que Castells (2003) nominou de “identidade de resistência”, aquela gerada por agentes sociais que acumulam um conjunto de desvantagens e déficit de poder diante dos outros, construindo, por meio de esquemas identificativos, trincheiras de resistência e sobrevivência, com base em princípios e fundamentos diferentes e até antagônicos aos que oferecem base para as instituições e normas estatais (CASTELLS, 2003, apud ANDRÊ, 2009. P. 96). E essa característica não deve ser negligenciada, pois a ela está relacionada a percepção do crime como consequência, como efeito direto do tipo de “civilização” imposta, e da sociedade por ela constituída no caminhar da história. Os níveis, estarrecedores, de violência e “barbárie” alcançados pelo crime no Ceará,

---

<sup>133</sup> Referente a “Sesmaria”, antiga medida agrária correspondente à sexta parte do terreno. Fragmentos de terra cedidos como lotes para a exploração de colonos, pelos donos das capitânicas hereditárias, durante a colonização brasileira. As sesmarias foram adotadas, no Brasil, em 1536 e extintas em 1822 durante os movimentos de independência em relação a Portugal.

malgrado as similitudes com a situação em outras regiões, revela peculiaridades que podem ser relacionadas com a jornada “civilizatória” própria da sociedade cearense. A expansão da violência que trato é, em certo nível, “alimentada” pelo consumo individual e pelo poder pessoal, mas também por formas de dominação que estabilizam a sua reprodução, revelando um mecanismo de “acumulação social” dessa sociabilidade violenta (MISSE, 1997. p.6), aponta esta pesquisa.

Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem. (BERTOLD BRECHT).

Os jovens das favelas e periferias de Fortaleza, nos anos 1990, buscaram, pela violência e a organização em gangues, ocupar os espaços públicos e ganhar visibilidade na Cidade (DIÓGENES, 1998). Nos dias atuais, manifestações culturais e de sociabilidade dos jovens periféricos, como eventos de *reggae*, *saraus* e batalhas de MC, são atacadas e dispersadas pela Polícia Militar (PM) sem nenhuma justificativa que não seja o preconceito ou uma máxima perversa que orienta uma visão sobre segurança pública, de que a cidade estará mais segura se os pobres estiverem confinados em suas casas e barracos, em certos horários, em determinadas áreas de “risco”. Retroagindo um pouco mais na história, existe tratamento parecido em relação aos pobres, desempregados e despossuídos do Ceará colonial, tratados como “ralé” (FARIAS 2004), perseguidos e enxotados dos “espaços da sociedade”.

A “guetização” forçada das juventudes da periferia, empurradas para o confinamento em áreas urbanas com pouca ou nenhuma infraestrutura, sem acesso a atividades esportivas, artísticas e culturais, sem políticas públicas, emprego ou perspectiva, tratadas exclusivamente como questão de polícia e problema de segurança, funciona como margens que estão comprimindo um rio volumoso que tende a irromper-se arrastando tudo ao seu alcance. As facções de agora, como as gangues de outrora, podem ser vistas como “suspiros”, “sangradouros” que podem preceder enxurradas ainda mais letais.

A sociabilidade violenta, produzida, estocada e reproduzida por formas de dominação recorrentes, forja boa parte da matéria prima para o crime cearense, criando as condições sociais que inspiram mágoas, revoltas e revanches. Qual sociabilidade; quais opções de engajamento coletivo; que vias de exercício de cidadania, autonomia e identidades, estão sendo oferecidos aos jovens das favelas e periferias do Estado? Que

opções eles têm, além dos coletivos criminais com suas “bandeiras” e lutas por “paz, justiça e liberdade”?

## 5.2 A faccionalização do crime e a integração dos jovens em coletivos criminais

Num final de noite, e na companhia de dois maços de cigarro de palha, uma garrafa de *Grand Old Parr*<sup>134</sup> e uma fogueira, Carlão, com olhos fixos no movimento de carros que desafiavam os riscos e subiam a ladeira com lâmpadas internas acesas e faróis baixos, para buscar maconha, cocaína ou *crack*, se pôs a me “bater a real”<sup>135</sup> sobre a sua vida e as suas escolhas. Convicto nas suas percepções e falas, tem ao seu lado a namorada que aparenta ser mais nova do que ele e veste roupas pouco adequadas para o frio que parece descer, furioso, a montanha e se alojar entre as moradias simples da cidade, no “pé da serra”. Ao gesticular, ele deixa aparecer cicatrizes nos braços e mãos, marcas que ganhou em um dos muitos confrontos com os “pirangueiros” ou “pilantras”, que é como se refere aos inimigos da facção rival. Do outro lado da rua, um motel improvisado com colchões, sem cama e um único banheiro no final do corredor. Neste lugar, se oferta, ao custo de dez reais por duas horas de uso do espaço, a possibilidade de programas com garotas que, em sua maioria, perambulam pelas ruas, e às vezes ao longo da BR 222, nas madrugadas, e chegam acompanhadas de parceiros em carros ou motos, para trocar prazeres por acesso a drogas e por alguns poucos trocados. É neste cenário, de frente para o motel, e distante uns 20 metros do ponto de vendas, que, impossibilitado de gravar ou anotar, escuto e me esforço para memorizar ao máximo o relato de Carlão:

Isso aqui, não é bem o que queria não, tá interado? Mas a vida fez isso com o nêgo. Acho que foi a sociedade, entende? Eu sei que eu sou errado, sou do crime e tal, mas se tivessem me dado a mão, tinha sido diferente, entende? [Carlão, 16].

Perguntado sobre que tipo de ajuda poderia ter recebido, que mudasse a sua trajetória e evitasse o seu envolvimento com o crime, Carlão não sabe responder, esboça um riso, balança a cabeça negativamente e diz: “sei lá”! Apesar de não saber o que a sociedade poderia ter feito para melhorar a sua sorte, não a isenta de responsabilidades pelo destino que tem. Embora termine por creditar à sua essência a maior parte da culpa:

---

<sup>134</sup> Marca de uísque.

<sup>135</sup> O mesmo que falar sinceramente, dizer a verdade.

“nêgo é sangue ruim mermo, sempre fui”. Werneck, (2013) demonstra a flexibilidade com que os atores “lançam mão” da agência “[...] não a partir do fato de ela ser uma característica intrínseca deles ou da estrutura, mas sim de acordo com as condições específicas da situação”. Aqui, Carlão usa dessa “flexibilidade” para, num momento, identificar a sociedade como responsável externo pelas suas ações, e em seguida, responsabilizar a si mesmo pelas mesmas ações e consequências.

Toma uma dose de uísque, beija a namorada, olha demoradamente para o fogo que consome um tronco grosso de árvore e algumas partes do que deve ter sido uma mesa de madeira, e pondera: “[...] acho que se eu tivesse tido a chance de ser um cidadão, com emprego normal e tal, eu não tinha o que tenho. O crime me deu tudo e me fez o homem que sou”. Ao apontar a sociedade como responsável pela sua inserção no mundo do crime, Carlão, na verdade, indica a insuficiência do modo de vida que tem na ética do “trabalhador” o seu principal fiador e que representa a moral vigente, para suprir as suas demandas pessoais e sociais. Quando assume a culpa pela sua situação, afirmando que sempre foi “sangue ruim”, ele o faz sem esboçar a intenção de romper com o jeito de viver que se baseia na ética do “aventureiro”, sob o qual ele vive e orienta as suas ações. Afinal, pois, reconhece nesse último maiores possibilidades de atendimento das suas necessidades, apesar de considerá-lo coisa de gente de “sangue ruim”. No cálculo racional que usa para classificar, qualitativamente, a sua forma de viver, a “aventura” tem se mostrado mais vantajosa do que o “trabalho”.

Este caso apresenta o *accountability* como atividade gramaticalmente orientada pelas demandas situacionais de Carlão, com base em “metafísicas morais”, que guiam e sustentam distintas modalidades de efetivação, sendo elas, “justificações” ou “desculpas”. No caso específico aqui relatado, trata-se de “desculpas”, ou daqueles *accountsem* que “[...] alguém admite que o ato em questão seja ruim, errado ou inapropriado, mas nega ter plena responsabilidade sobre ele”. (WERNECK, 2013. p. 709).

Essa postura pode ser encontrada em muitas das falas e comportamentos dos interlocutores desta pesquisa, podendo mesmo ser pensada como uma característica recorrente em se tratando dos adeptos da forma de viver que tem o crime como referência e se relacionam com a ética do “aventureiro”, vivendo com base em “metafísicas morais” conflitantes com a moral hegemônica da sociedade, e que, ao precisarem, as “justificam”, aceitando a responsabilidade pelos seus atos, mas renegando a qualificação pejorativa associada a eles. Assim, se torna possível integrar-se a coletivos criminais e ainda

acomodar as inquietações advindas da coexistência, na sua agência, de éticas conflitantes, por meio da mobilização de dispositivos, índices de agências, “justificação” e “desculpas”, “actância” capaz de resolver o paradoxo “trabalhador/aventureiro” que perpassa e enviesa as maneiras como esses indivíduos fazem crime.

Carlão diz que começou a cometer delitos “[...] ainda pivete, com uns 11, eu acho, roubos nos mercantil e na feira”. Para o crime organizado, entrou no ano passado (2017); “[...] eles no começo não queriam deixar eu entrar, diziam que era muito moleque, mas com as guerra, precisaram de mais gente, aí eu entrei”. Vender drogas, segundo Carlão, não vale mais a pena, “não dá nada, muito pouco, e é muito arriscado, polícia no pé e risco de morrer na mão dos pilantra”. Ele acha que só vale a pena se for “repassar”, vender a droga em maior quantidade para outros venderem “no varejo”. Considera, porém, que, atualmente, não teria condições, não tem dinheiro para investir. “Tinha que fazer várias missões aí, subir a serra, catar umas grana pra depois se jogar”. Carlão se refere a fazer assaltos nas estradas da serra, contra a população da zona rural do Município. Atualmente é constante esse tipo de ação, tanto por parte de criminosos locais como feitas por bandidos de outras cidades que vêm de moto e assaltam os agricultores na região montanhosa, que é isolada e de acesso difícil, além de não atendida adequadamente pela polícia.

Um primo, morto há quatro meses, teria apresentado Carlão ao crime organizado. Ele diz que inicialmente se interessou pela possibilidade de “pegar nas armas”, ter dinheiro e “ganhar mulher”, mas que, quando entrou, viu que “a coisa é muito mais maior”. Apesar do descontentamento com os ganhos, e a revolta com a sociedade que teria lhe botado nessa situação, Carlão não parece disposto a deixar o seu atual jeito de viver. Também não consegue expressar o que entende como “o muito mais maior” que viu no crime; mas fala que, junto com os “irmãos”, ele tem força, pode muito mais do que os “zé povin”<sup>136</sup> da cidade. E, levantando a voz, enquanto “dichava”<sup>137</sup> na mão da namorada, uma porção de maconha, se vangloria de ser o único da família que tem moto, casa própria, e “tudo do bom e do melhor dentro de casa”. A conversa com Carlão aconteceu no final de 2017. No início de 2019, soube que ele havia sido morto.

---

<sup>136</sup> Mesmo que pessoa comum, sem importância, “zé ninguém”.

<sup>137</sup> Preparar a maconha para a formação do cigarro (“baseado”), amassando pedacinhos da droga, triturando com a mão ou com um instrumento próprio chamado “dichavador”.

Não foi a primeira vez que ouvi de alguém envolvido com a venda de drogas, que não vale mais a pena vender “no varejo”, na ponta, direto ao consumidor. Já tinha ouvido essa opinião de um interlocutor em Fortaleza e também de alguém que atua no conjunto Nova Metrópole, no Município de Caucaia. Pelo menos em um dos casos, ouvi que a culpa por essa situação seria do controle rígido do monopólio do fornecimento pelas facções e da pulverização dos pontos de venda, com muita gente atuando, o que estaria saturando o mercado. Em nenhum dos casos, porém, escutei que, ante a inviabilidade seria melhor desistir, sair do crime. Muito pelo contrário, o que visavam era a um nível a mais na “carreira”, passar a ser fornecedores, atuar no “atacado”, intensificar a participação no tráfico. Penso que isto tanto pode denotar uma já consolidada adesão a um modo de vida que se baseia no crime, como pode evidenciar a ausência de oportunidades de ocupações profissionais lícitas, ante o declínio da comercialização ilegal de drogas no “varejo”; ou ainda, pode significar as duas coisas.

Denota-se de tudo isso que a faccionalização do crime acena para jovens das periferias com oportunidades de melhoria de vida, possibilidades de ganhos materiais e acesso ao consumo e prazeres, sinalizando perspectivas às quais esses jovens não acreditam ser possível para si no “mundo do trabalho”, na vida “normal” dos “cidadãos”. O crime faccionalizado, no entanto, não tem conseguido entregar, a contento, o que promete. Ante, porém, a falta de uma reação positiva da sociedade, de propostas de resgate e inserção social dos jovens envolvidos com as facções, gerando possibilidades reais que possam atraí-los para fora da vida criminal, e mantê-los longe desses grupos, o que acontece é o efeito contrário a isso: perante a perda das vantagens oferecidas, eles não se decepcionam ou desistem, pelo contrário, eles aprofundam ainda mais a sua participação, buscando formas mais lucrativas e de maior integração com o crime.

## 6 CRIME COMO ESTILO DE VIDA

Estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade [GIDDENS, 2002, p.79].

A interpretação do envolvimento de jovens com o crime quanto ação social – pois o crime, “[...] é também uma maneira de fazer o cotidiano e a cidade por meio da ação coletiva de pessoas envolvidas de maneiras diferentes em coletivos reconhecidos, socialmente, como facções” (PAIVA, 2019, no prelo) - compreendida como conduta humana dotada de sentido, visando ao sentido dessa ação e tentando explicá-la causalmente em seus desenvolvimentos e efeitos (WEBER 1991), me permitiu partir do pressuposto de que a situação de violência e crime pode ser analisada desde um contexto de causalidade que envolve os níveis de estratificação da sociedade e a pouca mobilidade social oferecida pelos mecanismos formais por ela legitimados, para examinar o surgimento - entre jovens de estratos sociais menos elevados - de um estilo de vida que persegue valores e padrões de consumo estandardizados por um meio social empenhado em mantê-los interditos para esses segmentos.

### 6.1 Estratificação, poder e crime

A categoria weberiana “estamento” refere-se a um tipo de sociedade em que elementos socioculturais, como tradição, linhagem, vassalagem, honra e prestígio, estão presentes na orientação das relações e das classificações dos seus membros. Este tipo de sociedade seria efetivado por grupos de *status* determinados por uma estimativa específica da honra, se estratificando pela usurpação dessa honraria, ditando regras em relação ao estilo de vida dos integrantes de um mesmo ciclo. A estratificação do estamento tem a ver com o monopólio de bens e oportunidades materiais e ideais, fazendo com que a propriedade se configure numa regularidade que influencia as classificações estamentais e garante restrições ao relacionamento social (WEBER, 1974, p.220).

Se observado com suporte nas suas relações sociais internas, o estilo de vida do crime, percebido entre os jovens estudados, denota semelhanças com aqueles derivados de uma comunidade estamental. Nele encontra-se a tradição, expressa no respeito e consideração que figuras mais antigas, com maior número de processos e anos de pena para cumprir, têm diante dos criminosos mais novos e iniciantes, seja nos presídios ou

nas ruas. Também está a linhagem, com bandidos afiliados a determinadas famílias criminosas consagradas, gozando de certa deferência no meio. Basta ver o que significa, para o mundo do crime, o sobrenome “Camacho” referente ao considerado chefe do PCC, Marcos Willians Herbas Camacho; ou a linhagem do traficante Fernandinho Beira-mar, visto como líder do Comando Vermelho. São nomes que carregam simbolicamente o peso de estirpes criminosas que despertam respeito e temor, com alta carga coercitiva ou mobilizadora, no universo criminal. A vassalagem dos bandidos de “patentes” menores em relação aos seus chefes e “patrões” que os dispõem em “feudos” criminais pelas comunidades, não deixa muito a desejar se comparada com a vassalagem do feudalismo. E elementos como honra e prestígio estão presentes como indicadores qualitativos das classificações do modo de vida desses jovens envolvidos com a criminalidade, desempenhando papel diante das regras ditadas para o estilo de vida adotado por eles.

Para Weber (1974. p.226), “[...] estamentos se estratificam de acordo com os princípios de seu consumo de bens, representado por estilos de vida especiais. No crime, não é por meio das relações com a produção que se faz a estratificação social entre os seus membros. Os estratos se definem pelo consumo e pelo acesso a bens. De joias, como correntes de ouro e prata, anéis e brincos de brilhante, carros luxuosos, casas de veraneio a roupas de marcas, é feito o “topo” do estilo de vida de quem aderiu ao universo criminal. Assim, o crime imita internamente a sociedade estratificada que discrimina e exclui, exatamente, aqueles que a ele aderiram buscando alternativa para esta exclusão.

Seguindo esta lógica, outra categoria de estratificação impacta sobre esses jovens, e está relacionada com o tipo de oportunidades e componente causal específico, que eles comungam entre si, e que é representado por “[...] interesses de cunho econômico da posse de bens, das oportunidades de renda, das condições do mercado de produtos e do mercado de trabalho. Ou seja, a “classe”<sup>138</sup> (LEMOS, 2012. p. 119-120). “Classe” é abordada neste momento em relação a reflexões que dizem respeito ao uso de análises sobre estratificação, aplicáveis a estudos de estilos de vida e de consumo. Não procuro aprofundar o conceito ou comprometer as discussões aqui realizadas, com algo mais do que os restritos aspectos que considero necessário abordar acerca do tema, para o bom desenvolvimento do meu estudo.

---

<sup>138</sup> Compreendida nos termos weberianos como “[...] uma socialização de interesse em razão da situação em que se encontram indivíduos que julgam ter uma posição exterior e um destino comum, porque dispõem ou não do poder sobre os bens econômicos”. (LEMOS, 2012).

Os modelos de classe desenvolvidos por Marx e Weber são duas das teorias com maior influência. Marx define classe em termos de relações de trabalho, ou seja, a propriedade dos meios de produção estabelece uma relação de exploração. O modelo de classe de Marx, portanto, pode ser visto como modelo produtivista, em que outras áreas da vida, incluindo o consumo, são determinadas pela propriedade dos meios de produção. Baseado nesse mecanismo, a sociedade capitalista como um todo se divide cada vez mais em duas grandes classes hostis: a burguesia e o proletariado (Marx, 1848). Assim, Marx não identifica uma "classe média" ou "classes intermediárias" dentro da sociedade, que exercem algum controle sobre os meios de produção, mas são excluídas do controle sobre o capital monetário. Diferentemente de Marx, Weber argumenta que os mecanismos do mercado são responsáveis pela estratificação social e classifica as pessoas de acordo com seus recursos e seu acesso aos recursos para a obtenção de bem-estar no mercado (Sorensen, 1994). Weber não acredita que, classe ou riqueza econômica seja, o fator principal da estratificação social. Antes, sugere um modelo de estratificação que combina classe com *status* (reputação e estima) e poder (poder político). Essa abordagem multidimensional é mais eficiente como definição da classe média. A classe média consiste de pessoas que têm alguma propriedade, mas pouca formação (o "pequeno-burguês", como donos de pequenas lojas e pequenos empreendedores) e de pessoas que possuem pouco, mas que podem exigir altos salários em virtude de sua formação e qualificação (os "intelectuais e especialistas") (Saunders, 1990: 22). Weber, portanto, sugere uma noção importante, segundo a qual a estratificação social não depende unicamente do capital econômico, mas também do capital cultural e do estilo de vida. [DI, 2012. p.206].

Economicamente falando, os jovens engajados nos coletivos criminais não são, predominantemente, trabalhadores formais, não são operários, não cumprem horário, tampouco batem ponto ou recebem salários regulares. Também não são profissionais liberais, executivos ou administradores de empresas, nem são proprietários de indústrias, bancos, terras ou qualquer empreendimento comercial tradicional. É preciso estudar um pouco mais para poder classificar precisamente a condição social dessas pessoas. Para Mills (1979), a classe trabalhadora tem caráter heterogêneo, e existem lugares intermediários das classes polares do proletariado e da burguesia.

Pensando com Weber (1974), qualquer reflexão sobre estratificação social pede, de princípio, que se atente para a noção de poder, considerando poder como “[...] a possibilidade de que um homem, ou um grupo de homens, realize sua vontade própria numa ação comunitária até mesmo contra a resistência de outros que participam da ação”. (WEBER, 1974, p.211).

No caso do Ceará, adotando-se essa visão, nota-se que uma quantidade grande de pessoas vivem sob a imposição das vontades próprias das camadas sociais mais privilegiadas. Essas camadas subjugadas sofrem a exclusão e a opressão derivadas dessas vontades. Segregadas em favelas e periferias, têm, muitas vezes, a sua mobilidade urbana controlada e reprimida pelas forças policiais que impõem limites de circulação e ocupação

dos espaços da cidade, expulsando jovens periféricos de praças e logradouros públicos e os obrigando a limitar-se a lugares predefinidos e permitidos. Durante esta pesquisa, pude acompanhar diversas ações deste tipo, quando, em nome da segurança pública, a Polícia Militar expulsou jovens do Polo de Lazer do Conjunto Ceará e da praça do Santa Cecília (no grande Bom Jardim).

Outras duas vezes, presenciei o Batalhão Policial Militar Ambiental (BPMA) obrigar os comerciantes do Polo de Lazer do Conjunto Ceará a encerrarem as suas atividades, recolhendo mesas, cadeiras e equipamentos de som desses estabelecimentos e expulsando os seus clientes. Também estive presente na ocasião em que o mesmo BPMA dispersou com um tiro para cima uma multidão de aproximadamente mil jovens que se divertiam, pacificamente, no polo de lazer. Relatos de ações semelhantes, por várias praças de Fortaleza e outras cidades do Estado, ouvi de vários jovens, em uma das reuniões ordinárias do Fórum Cearense de Hip Hop (FCH<sub>2</sub>).

Em todos os casos, a alegação principal das forças policiais é que a cidade de Fortaleza está muito violenta, em razão disso, é preciso evitar aglomerações onde os criminosos, em especial o tráfico de drogas, possam atuar. E assim se procede um tipo de “toque de recolher” que restringe a mobilidade dos estratos não privilegiados da sociedade em nome da segurança pública e do conforto e sensação de segurança dos segmentos mais abastados, que continuam utilizando os espaços públicos sem restrições impostas pelo Estado.

Penso que, sendo objeto do controle e da imposição de vontades dos estratos socialmente dominantes - que os veem como ameaça, inconvenientes ou como indesejados nos locais onde exercem os seus gostos e estilos de vida próprios da sua posição distintiva - quantidades cada vez maiores desses excluídos passam a articular o que acreditam ser opções de poder que possam “virar o jogo” a seu favor.

Estes sofrimentos sociais são experiências coletivas e geradoras de reação. Por isso, acredito que existe algo de insurgente no fenômeno das facções, mas, também, profundas conexões com as modalidades de dominação que impõem o governo dos mais pobres para geração de variadas maneiras de cooperação, atualizando discriminações, desigualdades e injustiças em larga escala. (PAIVA, 2019 p.32).

Muitos dos sujeitos com os quais conversei nesta pesquisa, optaram pelo crime como instrumento de poder. Acreditam que o ingresso em facções criminosas resolva algumas das questões que a eles afligem. Apesar, no entanto, de adquirir armas e dinheiro,

continuam restritos a determinados espaços geográficos e, ainda mais, visados e controlados pelas forças repressoras, não melhorando, e até agravando, o seu isolamento e exclusão. Passam a também, no entanto, conseguir impor as suas vontades a outros segmentos da comunidade e da própria sociedade, como no caso das restrições de circulação por determinados bairros, comunidades, e até ruas, que as facções ditam para moradores de áreas por elas controladas. O poder gerado pelo crime consegue, em certo nível, impor a vontade desses segmentos à sociedade, e até ao Estado. Basta ver os resultados por eles obtidos com as ondas de ataques que promovem contra prédios públicos, empresas e infraestrutura, quando têm algum interesse ameaçado ou contrariado.

Antes (do ingresso na facção), o nêgo num era nada, um zé ninguém, mas agora o jogo virô. Vagabundo respeita, as cumade se oferece, e até empresário “paga pau”<sup>139</sup>. Pra fazer qualquer coisa nas área tem que perguntar pro nêgo. Nós agora é poderoso, o bagui<sup>140</sup> virô. Até os cana pensa duas vez antes de chegar esculachando<sup>141</sup>, prefere se arregar<sup>142</sup> pela ceda. [JP, 16 anos].

A imbricação de estratificação social e poder cria um complexo arranjo sociocultural capaz de oferecer novas possibilidades analíticas para os fenômenos da violência e do crime no Ceará, revelando peculiaridades e maneiras de fazer que só são passíveis de efetiva apreensão se considerados tais elementos no devido contexto histórico e social em que se desenvolvem. Por este meio, é possível examinar certas particularidades, tanto no plano interno, estudando as relações sociais que se dão no interior dos coletivos criminais e entre eles, em seus sentidos e consequências, como ainda, as relações do crime com a sociedade, tendo poder e estratificação como marcadores para essa abordagem.

Enquanto, internamente, o crime assume características de uma comunidade estamental, externamente, os seus integrantes estão submetidos a uma cruel estratificação em classes. Essa situação reúne elementos duplicados de opressão e exploração, a acosar os jovens que optaram pela “aventura” e não pelo “trabalho”, externamente, a sociedade aplica contra eles a opressão e exploração de classes, com a repressão por parte do Estado que os trata sempre na perspectiva policial e punitivista, e com a negação, pela sociedade,

---

<sup>139</sup> Algo como: considera, admira, respeita.

<sup>140</sup> O mesmo que: a situação mudou.

<sup>141</sup> Reprimindo, batendo, tratando de forma rude.

<sup>142</sup> Receber propina, favores, se submeter.

de oportunidades de acesso lícito a renda, trabalho e bens materiais e culturais. Essas oportunidades, pois, estão destinadas a classes mais bem estabelecidas, às quais, essas pessoas, em sua maioria, não pertencem. Ao mesmo tempo em que, internamente, esses jovens são levados à vassalagem diante dos “chefões”, “barões”, “senhores” e “patrões”, atuam sob ameaças e terror, e são expostos a cruéis formas de sujeição, castigos, torturas e mortes, sofrendo múltiplas modalidades de opressão social.

## 6.2 Viver do crime, viver o crime

A despeito da permanente opressão e de todas as consequências materiais e simbólicas que possam derivar dessa situação, milhares de jovens ingressam nas trincheiras do crime, aderindo a um estilo de vida que quebra “[...] o entendimento mútuo da coerência do esquema de estratificação que faz com que o sentido de tais princípios seja comungado pela coletividade envolvida neste arranjo estrutural” (LEMOS, 2012. p.116). De inopino, os gostos e o estilo de vida de jovens adeptos do crime não cabem mais nos limites predefinidos da sua condição social, e transbordam, passando a, em certo nível, se insurgir contra a burocratização geral de todos os espaços da vida social, contra a existência insípida a que as pessoas são submetidas pelas rotinas das instituições que se apoderam dos seus destinos individuais, sufocando as suas potencialidades criativas, arruinando as suas possibilidades de sucesso, essas mesmas desgraças que Mills (1979) apresenta em tom desencantado - sintonizando-se com a tradição weberiana - ao falar da nova classe média dos Estados Unidos.

As relações *sugar* se contrapondo às formas tradicionais de envolvimento afetivo, possibilitando a experimentação de novos “arranjos de intimidades”, como relações que envolvem assimetria econômica sustentada pelo dinheiro ganho nas atividades criminais e usado para viabilizar esses relacionamentos entre os “patrões” do crime e as “novinhas”, onde os “patrões” podem alcançar *status* de benfeitores, de agentes de mudança na perspectiva de existência das meninas, e ao mesmo tempo ostentar padrões de consumo e bem-estar (o mesmo vale para as garotas) que simbolizam um estilo de vida hedonista, aventureiro e atraente para outros jovens. Essas relações, pelo menos em alguns casos, podem cumprir o papel de empoderamento das meninas e a possibilidade de relações mais livres da normatização patriarcal convencional, mesmo que não rompa totalmente com esta, e estejam sujeitas a serem vistas como uma atualização, uma modernização dela.

Relacionamentos do tipo *sugar* são parte significativa do estilo de vida adotado pelos jovens ouvidos e analisados por esta pesquisa, e compõem o jeito cearense de fazer crime.

De acordo com esse estilo de vida, o capitalismo é exercido fora das regras da *doxa* e da moral predominante, com empreendimentos informais e clandestinos (as “firmas” do crime organizado) que não se submetem às mesmas leis e regras das empresas do mercado, imitam os seus organogramas, organizam planos - altamente insalubres - de cargos e carreiras, faturam muito dinheiro e competem como alternativas de trabalho, emprego e renda. Esse “patrão” exerce as suas funções administrativas e de mando entre a gestão moderna e tecnológica dos mercados contemporâneos e a cobrança da “talha”<sup>143</sup> aos feudos urbanos que controla pela força das armas.

Adotar o crime como estilo de vida é colocar a intensidade no centro do cálculo racional e da classificação qualitativa da existência, em detrimento do predomínio da noção de longevidade. Viver assim pode ser entendido também como praticar ações com potencial para “temperar” uma “vida insossa”, produzida pelo efeito das rotinas das instituições nos destinos dos indivíduos, que almejam, com essa reação, assumir seu controle. São indícios, apontamentos de uma insurgência que tenta efetivar potências criativas e encontrar possibilidades de sucesso, num estilo de vida que tem a violência e o crime como referência, e que aceita pagar, por essa chance de mudança, até mesmo o preço de múltiplas opressões.

Associados à emergência, manutenção e expressão desse estilo de vida, estão se desenvolvendo sistemas de desvios distintivos como retradução simbólica de diferenças relacionadas com as condições de existência dos seus signatários. Ao analisar os seus gostos e expressões, este estudo percebeu um conjunto de preferências que expressam determinada unidade distintiva. São vestimentas, adereços, linguagens e *héxis* corporal (BOURDIEU, 1983). As falas carregadas de gírias, a maioria comuns aos jovens pesquisados, independentemente de local de moradia e atuação, ou de coletivo criminal ao qual pertençam, expressões como “tá interado?”, para perguntar se alguém está ciente de algo, se é conhecedor de determinado assunto ou situação; o termo “pirangueiro” ou “pilantra” como adjetivação depreciativa do inimigo, e uma infinidade de outras expressões compartilhadas por todos eles.

As vestimentas e adereços, “roupas de marcas”, correntes e cordões de ouro e prata, muitos adotam símbolos cristãos e de santos, como são Jorge, nos pingentes;

---

<sup>143</sup> Taxa cobrada pelos senhores feudais aos camponeses.

perfumes das grifes mais caras; corpos tatuados, sobrancelhas marcadas com riscos que podem fazer alusão aos grupos aos quais pertençam, como duas listras para o CV, três para a GDE; a frequência em festas em lugares afastados, do tipo *rave* e “sociais”; referências religiosas como a constante reivindicação do nome de Deus ou de Jesus, e o hábito de se benzer ao sair para a “missão”; as expressões faciais sérias na presença de terceiros e o ar mais descontraído, com os músculos faciais menos tensos quando estão longe de estranhos e somente entre si e pessoas confiáveis; o olhar fixo e penetrante, quando buscam intimidar e se impor, e o olhar errante que evita os seus olhos quando não querem muita aproximação ou não confiam em você, são características que encontrei em muitos dos jovens pesquisados, independentemente de local de moradia e atuação e/ou de coletivo criminal a que pertencessem.

Ainda sobre gestos e expressões corporais, notei que, ao serem abordados durante a pesquisa, os mais bem-posicionados nas hierarquias internas do crime, se sentavam mais à vontade, com pernas abertas e corpo disposto a ocupar o maior espaço possível ao seu redor, “se espalhando” pelo ambiente, ou cruzavam uma perna sobre a outra, mantendo a cabeça erguida e te olhando de cima para baixo. Nas conversas comigo, procuravam escutar mais do que falar - isso atrapalhava um pouco a interlocução e eu tinha que me esforçar para levá-los ao diálogo - pareciam se comunicar muito com o olhar uns com outros. Já os de menor relevância, os iniciantes ou “aviões”<sup>144</sup>, aqueles que atuam mais na ponta, nas ruas, muitas vezes, apenas se acocoravam em algum lugar, sentavam mais encolhidos, ao conversar comigo mantinham a cabeça quase sempre baixa, só falavam quando perguntados e ainda pouco. Sua postura nas ruas, porém, em meio à comunidade, era sempre altiva, confiante, arrogante, até. Caminhavam gingando, olhavam firme e “passando alguma superioridade”, muitos repetiam o gesto de cruzar os braços mantendo as mãos sob as axilas, enquanto observavam o movimento ou quando adotavam postura intimidadora. Muito populares com as mulheres do local, estavam quase sempre acompanhados. E, nos casos em que assumiam relacionamentos fixos, era comum perceber que tentavam agradar, fazendo praticamente todos os gostos das suas companheiras, e demonstrando carinho, por meio de afagos, beijos e carícias feitas em público. Nas garupas de motos, ou no banco do carona dos seus carros, as meninas se exibiam, por vezes em roupas minúsculas, em outras ocasiões com roupas de grife como a *Fill Sete*, a que mais encontrei nas minhas incursões ao campo.

---

<sup>144</sup> Vendedores de drogas no varejo, entregadores do tráfico.

Em todas essas situações, a aparição do garoto ao lado da mulher bonita, vestida com “roupas de marcas”, ou em trajes que evidenciassem o seu corpo e a sua sensualidade, parecia funcionar como símbolo de *status* e consumo. Não por acaso, sempre que enumeram as vantagens de estar no crime, os garotos citam as mulheres em meio a vários itens de consumo que almejam, como, por exemplo, “carro, casa na praia e mulheres” ou “mulher, moto e viagens”. E, para as garotas, desfilar com os meninos do crime, principalmente com os “patrões”, aparentava causar o mesmo efeito.

A gata é cêra, né, gostosa pra caralho, presença. Vai se meter com “pé rapado”<sup>145</sup>? Xinim<sup>146</sup> de luxo custa caro (gargalhada), é pra quem pode, né não? Quer posar de patrão, tem que abrir a mão, senão num gera. E as inimiga pira. Sabe quanto custa pra manter este cabelo, estas unhas, estas coxas? [TATIANA, 19 anos].

No tocante aos gostos artísticos, praticamente todos os jovens que colaboraram neste estudo ouviam *funk*, do tipo “putaria” e do tipo “proibidão”, e *RAP* nacional de vários estilos, onde o grupo Racionais MCS recebe tratamento sempre especial, como preferência. Tais estilos musicais se repetem nos sons dos carros dos “patrões” e nas festas que estes promovem e frequentam. O uso de bebidas segue padrões de consumismo distantes da realidade econômica dos segmentos sociais dos quais esses garotos são oriundos. Ao menos em duas oportunidades, presenciei o consumo de *Whisky Chivas Regal*, 12 anos, importado, cuja garrafa custa em torno de oitocentos reais. Em várias outras ocasiões, inclusive durante festas *open bar*, os vi tomar vinhos diversos de preços não populares, e outras marcas de uísque com valores sempre mais elevados do que cem reais a garrafa.

Nesse estilo de vida, tudo parece intenso, o uso de drogas e bebidas é exagerado, as relações sexuais desregradadas, as emoções à flor da pele, os veículos, guiados quase sempre em alta velocidade, o dinheiro tem que entrar em grande quantidade e sair da mesma forma. Os valores cultuados nesse meio são diferentes dos encontrados entre os trabalhadores. As ocupações convencionais que tomam oito horas do tempo de um funcionário e pagam um salário regular no final do mês, são vistas como perda de tempo, coisa de otário, de “zé povim”. Já os valores mais sintonizados com os gostos das camadas médias da sociedade, como a valorização da escolaridade, do saber formal e dos títulos acadêmicos, não parecem fazer parte dos projetos de vida dos envolvidos com o crime.

<sup>145</sup> Sujeito pobre, com poucas condições econômicas.

<sup>146</sup> Gíria para órgão sexual feminino.

Com algumas exceções, eles não se ressentem de ter abandonado a escola e nem pensam em voltar para ela. Também não se vê o gosto pela arte mais elaborada como o teatro, a música erudita, literatura ou artes plásticas. O jovem do crime compartilha com as camadas médias e com os abastados da sociedade o gosto pelos bens de consumo caros, almejam os carros luxuosos, as casas de veraneio, as mansões, o padrão de consumo relativo aos bens materiais.

O estilo de vida desse segmento tem se consolidado, “sampleando”<sup>147</sup> partes dos gostos de outros estratos sociais, misturando aos gostos gerados pelas suas condições objetivas de vida, adotando valores e éticas que se conformam em “arranjos morais” contraditórios, mas sustentáveis, que lhes ajudam a atribuir sentido para as suas ações. Esses *samplers*<sup>148</sup> se dão tanto no plano material, quando acontece a tentativa por parte dos setores não privilegiados de alcançar os padrões de consumo dos sujeitos mais elitizados da sociedade, como também na dimensão simbólica, quando alguns gostos, representações e símbolos de posição social passam a ser compartilhados entre essas distintas camadas. Ante a pouca mobilidade oferecida por essa sociedade desigual, que nega, para a maior parte da população, o acesso a mecanismos formais e legitimados de inclusão e ascensão, como educação e escolaridade, elevação da renda pelo trabalho, emprego e negócios lícitos, desenvolvimento intelectual e ampliação do capital cultural<sup>149</sup>, terminou por se desenvolver, entre os excluídos, um estilo de vida voltado para alcançar (ou imitar) o *status* dos segmentos mais elitizados.

Uma das grandes problemáticas desse modo de viver reside, principalmente, no fato de que, em virtude da escassez de mecanismos legitimados de “escalada social”, o elemento escolhido para alcançar essa mudança de *status* tenha sido o crime. O estudo indica que a promessa de enriquecimento rápido e a possibilidade de obtenção de itens materiais e simbólicos somente alcançáveis, até então, pelos estratos mais bem-posicionados, têm feito de atividades ilícitas e criminais opções consideráveis, e até preferenciais, de ocupação para milhares de jovens cearenses de baixa, ou nenhuma, renda.

---

<sup>147</sup> Relativo a “colar” um trecho de uma obra musical na outra, para corroborar o seu sentido.

<sup>148</sup> O mesmo que sampleagens, cópias, recortes, de partes de obras que são inclusas em outras.

<sup>149</sup> Algo como os recursos, competências e desejos disponíveis e mobilizáveis em se tratando de cultura dominante ou legítima. Para mais informações, consultar Bourdieu e Passeron (1964).

### 6.3 Coisa nossa

Em se tratando de maneiras de fazer crime, os jovens entrevistados e observados na pesquisa adotam comportamentos que, se examinados historicamente, lembram práticas antigas e recorrentes. São traços culturais, a exemplo do machismo e da “cultura do macho” que, associada às noções de honra e vingança, com raízes em práticas como o assassinato, espancamento ou castração de homens que deflorassem ou abusassem de mulheres virgens, ou ainda o assassinato, principalmente de mulheres que se envolvessem em adultério, violências conhecidas como crimes “de honra”, se mantém ao longo da história da nossa sociedade, e se reconfiguram na total ojeriza ao talarico<sup>150</sup> que corriqueiramente não recebe clemência alguma no universo criminal; nas práticas de promover a humilhação pública de mulheres adúlteras raspando-lhes todo o cabelo; e nos atuais crimes de feminicídio, em que o machismo costuma misturar sexo com honra e fazer jorrar sangue feminino.

Reconhecer e incorporar à discussão essas relações históricas entre as atuais posturas e comportamentos de jovens criminosos e práticas do passado significa, no contexto desta obra, corrigir rumos relativamente à tradição de teorias e pesquisas que buscam examinar a ação social, relegando a historicidade de ações coletivas - tanto a herança das formas em que elas acontecem, como os seus resultados para os grupos sociais (GALINDO, 2015).

Outra dimensão do jeito cearense de fazer crime, detectada entre os indivíduos pesquisados, é a tendência à valentia, numa perspectiva de escolha valorativa feita por agentes que demonstram inclinação por uma vida de aventuras e se mostram crentes na legitimidade de um estilo de vida que se baseia na violência, flertando constantemente com a morte e com o risco (OLIVEIRA, 2018). Essa valoração se traduz em expressões como “cabra macho”, “cabra da peste”, “sangue no olho”, “sujeito homem”, “o nêgo é doido mermo”, “pé na porta”, “os moleque é doido”, “vida loka” ou “bichão”, que aparecem em muitas falas dos interlocutores de todos os coletivos criminais. Há sempre uma disposição para o combate, o confronto é procurado e o clima de guerra é

---

<sup>150</sup> Talarico é um substantivo masculino que descreve um homem que se envolve de forma imprópria com a mulher de um amigo. Também conhecido popularmente como “fura olho”.

permanente. Mostrar-se valente e destemido parece ser condição *sine qua non* para a ascensão e o respeito dos iguais nesse meio.

Se cair pra dento, volta de ré, alemão se cria aqui não. O nêgo é sangue no olho. Se tô nessa, tô até o fim pelos irmãos. Gosto é da guerra, vê pirangueiro perder os dedo e implorar pra viver. Depois pode vir cobrar, o crime é coisa de homi, só fica quem aguenta, eu penso assim, tá interado? [NETO CABEÇA, 21 anos].

Para Oliveira (2018), um componente essencial da ética da valentia é a capacidade de matar alguém. Diz ele: “De certo modo, aquele que vislumbra a própria morte tem mais condições de vislumbrar a morte do outro”. Ou seja, por ter pouco apreço pela própria vida, estando disposto a arriscá-la, não deve ter muito apreço pela vida alheia. Então, o valente é alguém disposto a morrer, mas principalmente, disposto a matar. O valente, como o aventureiro, “[...] confia, de algum modo, em sua própria força. Antes de tudo, porém, confia em sua própria sorte; no fundo, ele se fia em uma singular união não diferenciada entre ambos”. (SIMMEL, 2005, p. 176).

No campo, conversei com jovens que demonstram admiração pela postura de enfrentamento que o crime tem mantido em relação ao Estado, visto como bem mais forte do que ele; se dizem inspirados por essa “guerra” e dispostos a se engajar nas facções em razão de ter “espírito aventureiro”. Alguns são bastante novos e afeitos a ousadias e extravagâncias, gostam do contato com as armas e de excessos que tratam como “ostentação”, muita bebida, vida sexual extremamente ativa, consumo exagerado de drogas e um gosto pela adrenalina que, não raro, buscam liberar em confrontos contra rivais e crimes como assaltos a mão armada, acertos de conta e outras “missões” perigosas.

Uma característica marcante do estilo de vida adotado pelos jovens que tiveram o seu comportamento estudado neste trabalho é a mudança da perspectiva da “longevidade” para a “intensidade”, na análise e classificação qualitativa do seu modo de vida. Essa mudança pode ser percebida no seu imaginário, nas suas representações, e em suas perspectivas. Eles procuram viver o momento presente e tirar dele o maior número de vantagens possíveis, tanto do ponto de vista material, como subjetivo. Calculam o custo-benefício das ações em prazeres, vivências, experiências e ganhos materiais rápidos, que chegam ligeiro e assim se vão, são gastos na mesma velocidade, restando o acúmulo das experiências sensoriais, sociais e culturais que este tipo de vida possibilita.

Um traço peculiar dessa maneira de viver é que a motivação para participar de atividades criminosas não vem exclusivamente de ganhos materiais, econômicas ou de dinheiro. Importante é salientar que, mesmo antes da presença das facções criminosas modernas e do tráfico de drogas e crime organizado, como elementos econômicos com a relevância que apresentam na atualidade, grupos desviantes e criminosos cearenses já se envolviam em disputas territoriais violentas e guerras sangrentas. Muitos dos entrevistados falam da importância do crime para as suas vidas no quesito sobrevivência, pagar as contas e almejar melhorias de vida. Não obstante, são vários os relatos que dizem que não é só pelo dinheiro que resolveram entrar e se manter nessas atividades, desde o acesso a bens de consumo, relacionamentos sexuais, poder, respeito, reconhecimento, visibilidade, justiça, rebeldia, até *vendetta* social, aparecem como motivos.

São jovens que atribuem ao que fazem o sentido do “Banditismo Social”, da justiça pelo crime, do acerto de contas com uma sociedade injusta, cruel, que os persegue e que pode destruí-los quando estão sozinhos, quanto indivíduos, pobres e favelados, e que não tem a mesma força contra as facções, contra esses mesmos indivíduos, se organizados em coletivos. Gostam de se ver com o poder de afrontar o Estado, o entendem como o inimigo principal, o que justifica, se for para derrotá-lo, inclusive alianças pontuais e/ou estratégicas entre rivais em guerra. Fazem, por meio das suas falas e das músicas *funk*, vídeos e redes sociais, discursos que podem ser entendidos como político-ideológicos, pregando a união entre oprimidos e injustiçados, a independência diante do governo, a defesa armada da ideologia adotada e uma atitude de buscar, de modo planejada, a melhoria das condições de vida.

Vários enxergam o crime como uma opção (transitória) de trabalho, de alto risco, relacionada com uma fase da vida que pode ser superada, inclusive, e principalmente, pela conquista da estabilidade financeira e pela maior socialização e a responsabilização do indivíduo. Faz parte deste estilo de vida se arriscar, buscar ficar rico ou viver grandes emoções, para depois tentar retornar à vida normal de “cidadão”, de trabalhador. É algo que soa tão “natural” para eles, como se fosse um jovem trabalhador dizendo que iria tentar a sorte em um garimpo no norte do País, entre doenças tropicais, ameaça de feras selvagens, bandoleiros e demais riscos que a atividade ofereça, mas que, depois de ganhar dinheiro suficiente, voltaria para retomar a vida junto com a sua família. “Garimpar” no crime é atividade bem arriscada, e há até mesmo quem afirme que o “ouro” encontrado

pela maioria não passe de “ouro de tolo<sup>151</sup>”. Mesmo assim, esse risco é visto como inerente a esse jeito de viver e como um componente da vida de aventuras que o crime oferece.

O crime, como estilo de vida, empresta forma material para as narrativas particulares de autoidentidade dos indivíduos que o abraçam. Afinal, que modo mais eficaz de demonstrar a sua valentia do que enfrentar a “mão pesada” do Estado com toda a sua superioridade numérica e aparato bélico e institucional? A lealdade histórica do cearense pode ser levada a termos quando veste e não “rasga”, nem que morra, a camisa de determinada facção; ou quando, nem sob tortura se entrega os nomes de comparsas e locais de pontos de drogas e ocultação de armas. A “macheza” é expressa em combate, no enfrentamento armado com “pilantras”, “vermes” e “alemães”, ou ainda nas noites de luxúria nas festas regadas a drogas e todos os demais prazeres que o dinheiro do tráfico possa e queira comprar.

A figura do faccionário foi desenhada, com base nos relatos reunidos pela pesquisa, como a encarnação de várias subjetividades que representam culturalmente o macho cearense. Nesse contexto, o crime catalisa marcas sociais e culturais para oferecer identidades para os seus adeptos. Tanto aquela identidade, social e historicamente construída pelo acúmulo de experiências violentas que são produzidas e reproduzidas ao longo do devir da sociedade, e que geram a representação do homem cearense como o “cabra macho”, destemido, leal, honrado e vingativo, como a autoconstruída, produto da maneira como o garoto da periferia se vê - corajoso, esperto, sobrevivente contra todas as condições adversas, injustiçado e perseguido, incompreendido e invisibilizado, subestimado pela sociedade e pronto para “dar o troco”, um guerreiro sempre disposto ao combate.

O nêgo bota o pé fora de casa, já tem verme de viatura e tudo em cima do nêgo, nan, emprego num tem, todos desconfia do nêgo, pelas tatuage, pelo nêgo morar na favela, se eu for pedir trabalho ninguém dá nada pelo nêgo, num acredita no potencial. No crime não, o moleque aqui é considerado e todos tem que passar a respeitar. No crime o sujeito faz o nome, é só num amarelar, ser pé na porta, ser homem de verdade, botar pra fu\* nos arrombado. [JOSIAS, 16 anos].

O estudo assinala a produção dessas identidades como um fator a se considerar para uma melhor análise dos fenômenos do crime e da violência no Ceará, para se

---

<sup>151</sup> Trata-se da pirita, material cuja cor e brilho lembra muito o ouro, mas que não tem o mesmo valor comercial e nem as mesmas propriedades físico-químicas. Pela aparência, pode enganar garimpeiros inexperientes.

entender a visão que os membros dos coletivos criminais têm de si próprios e das relações com a sociedade, e a percepção que esta mesma sociedade tem desses jovens. Essas representações são instituidoras de relações complexas, refletem condições materiais, sociais e culturais que contribuem para desigualdades, conflitos e ódios, que, uma vez catalisados pelo movimento dos coletivos criminais, se incorporam nas identidades feitas sob medida para produzir e reproduzir maneiras próprias de fazer violências e crimes.

A pesquisa indica que a importância do indivíduo se ancora na marca da facção, é essa condição, de associado a um coletivo criminal, que lhe fornece o *status* necessário para se impor na comunidade em que vive ou atua, ou na própria comunidade do crime. Este agente, na maioria das vezes, não tinha, até então, nenhuma outra qualidade que tivesse sido suficiente para empoderá-lo no meio social a que pertence. Além do mais, a identidade de criminoso tem força para suplantar quaisquer outras que a maioria dos jovens tenham ostentado. Esta é a condição de muitos adeptos do estilo de vida do crime. Um bom jogador de futebol, um cantor, um pintor, uma referência comunitária, ao aderir ao crime, tem a sua identidade substituída, aos olhos da sociedade, e em muitos casos, aos seus olhos, pela identidade de criminoso.

Pode acontecer que o garoto preto, pobre e favelado, até então invisível para todos, se associe a determinado coletivo criminal, e passe a ser visto, temido e até bajulado, pelas mesmas pessoas que o ignoravam. Agora, ele não é mais um “zé ninguém”, a sua nova identidade lhe confere relevância e celebridade, e com isso reconfigura as suas relações sociais e pessoais, ao mesmo tempo em que o insere na mira da sociedade e do Estado como alvo, como sujeito a ser caçado e até abatido. A identidade fornecida pelo crime é ambígua, com potencial para elevar a autoestima a níveis impensáveis, e reposicionar socialmente o indivíduo em categorias e *status* antes inalcançáveis; ao mesmo tempo em que o reduz à condição de pária, de não cidadão, o estigmatiza, marcando definitivamente a sua trajetória e limitando a sua mobilidade social.

Conforme Paiva (2019, p. 18, no prelo), o surgimento da GDE possibilitou, também, um discurso identitário, com pessoas vinculadas ao crime no Ceará se impondo diante de grupos considerados estrangeiros. Neste aspecto, a identidade em questão pode resultar da catalisação de características e traços culturais de um povo e de uma região, por um coletivo específico de pessoas e para uma determinada atividade, no caso, o crime. Elementos de autoafirmação e independência podem ser reivindicados na construção da identidade da GDE. É possível que os Guardiões do Estado guardem a tradição criminal

do local, as maneiras de fazer crime próprias dessa região, as características de coragem, masculinidade, lealdade e honra, presentes nas manifestações da violência ao longo da nossa história, ou apenas construam uma narrativa xenófoba. De qualquer modo, as possibilidades estão abertas e a criação da GDE, acontecendo em contraposição às facções de fora, certamente contribui, em alguma proporção, para uma identidade criminal própria do Ceará.

Parece haver uma cultura em construção, práticas rotinizadas, “[...] rotinas incorporadas em hábitos de vestir, de comer, de agir, e lugares preferidos de encontrar os outros. Essas rotinas seguidas estão reflexivamente abertas à mudança à luz da natureza móvel da auto-identidade” (GIDDENS, 2002, p. 80), o que faz desse estilo de vida, e do próprio crime, uma obra em aberto, com possibilidades de alterações, reconfigurações, rupturas e aquisições que se dão no curso da história, na trilha do fluxo da vida cotidiana, como se deu até então, dos primeiros acontecimentos da colonização, até os dias de hoje. Para maior e melhor compreensão desses pontos, acredito ser imprescindível a utilização, pela Sociologia, de abordagens que privilegiam cada vez mais os aspectos culturais do fenômeno.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apontou, com amparo na imersão nas realidades vividas por jovens envolvidos com a criminalidade, análise das suas falas e representações, dos sentidos por eles atribuídos às suas ações, e pelo exame de fragmentos do fluxo histórico da sociedade cearense, que o crime, quanto produto de circunstâncias sócio-históricas legadas e transmitidas do passado e também responsáveis pela “produção e reprodução” do social desempenha papel na formação de identidades, nas percepções e elaborações sobre o mundo e na agência desses jovens, funcionando como um estilo de vida, que ora desafia e outras vezes corrobora o *status quo*; e que ele tem ainda convertido “discurso oculto” em “discurso público”, agregado elementos de infrapolítica à sua economia simbólica, articulando ruptura e continuidade, alterando o sistema de classificação do mundo social e se mostrando como “eventos de significação”.

Estudando o espaçotemporal, no tocante ao devir da sociedade cearense, a pesquisa buscou compreender os vínculos e causalidades da violência e do crime, nas suas dimensões culturais e simbólicas, corroborando a noção de que o dia a dia incorpora e também pereniza as instituições da atualidade. Não se trata, porém, de reduzir a análise do fenômeno a uma percepção limitada de causa e efeito. Entendo que o assunto pede uma abordagem muito mais complexa e diversificada.

As manifestações da ética do “aventureiro” e do “trabalhador”, consoante aparecem nas falas dos entrevistados e ouvidos pela pesquisa, imbricadas entre si, às vezes confrontando o sistema social e outras vezes o reforçando, de acordo com as conveniências dos agentes, quando articuladas com o exame do devir da sociedade, foram importantes recursos analíticos para apreender os traços indicativos de peculiaridades do crime no Ceará, onde jovens que aderem a atividades criminais vivem dilemas ético-morais derivados dessa opção.

Esses tipos ideais colaboram - ao permitir uma leitura das relações entre as características psicossociais do cearense e as experiências criminais nativas - para uma abordagem mais cultural do fenômeno, detectando a demanda do crime, por um novo tipo de agente, que seja aventureiro, que viva intensamente, que oriente a sua vida por éticas conflitantes, consiga relativizar o valor da vida humana e se entregue a um estilo de vida baseado na coragem, valentia, honra e vingança, com disposição para a violência e para o enfrentamento, que sinta necessidade de afirmação da virilidade. Ele é produto da mítica

que associa o cearense à bravura e ao sofrimento, à lealdade e à resignação, traços que ajudam na sua adesão ao crime e a suportar a dureza da disciplina violenta que este impõe.

O consumismo – com características raivosas, carregando elementos de vingança e de triunfo de quem, mesmo contra barreiras e preconceitos, atingiu padrões de consumo iguais aos dos seguimentos elitizados - é uma das principais motivações desse novo agente que o crime demanda e forja, e que tem no hedonismo a justificação para uma existência intensa e ao mesmo tempo efêmera. Uma vida na qual, a festa não para, só termina quando a própria existência chega ao fim. Afinal, nessa vida baseada na intensidade, não há o futuro, somente o presente. Por isso, tudo deve ser vivido aqui e agora, de modo intenso e pleno, os prazeres devem ser excessivos e sentidos em quantidade, a vida há de ter velocidade e muitos sabores, no âmbito de uma “economia de sensações”.

Ao tomar o fluxo histórico da sociedade cearense como referência para estudar os cenários atuais do crime no Estado, situa-se a dimensão espaçotemporal da vida social como centro da análise sociológica das maneiras de fazer crime, o compreendendo como mediado pelas circunstâncias estruturais em que acontece, dentro de um *continuum* que envolve “produção e reprodução” e “constituição e reconstituição” do social.

Neste trabalho, a acumulação social da violência foi estudada nas suas raízes históricas, na relação com a pobreza duradoura, a repressão aos pobres, a exclusão de grandes contingentes da população e a sua “guetização” forçada por uma repressão que produz sentimento de indignação e de impotência, fermentando o ódio de classes contra o que se percebe como uma tirania, ou quase tirania, que segrega, humilha e oprime as populações das favelas e periferias do Ceará, ensejando discursos ocultos que se convertem, pela ação do crime, em discursos públicos e elementos de infrapolítica.

O aspecto cultural está no centro das análises, nas acomodações e rupturas morais possibilitadas pelos revezamentos e combinações de éticas distintas e contraditórias, manipuladas segundo as conveniências dos agentes que substituem a lógica da longevidade pela máxima da intensidade, adotando a segunda como parâmetro para qualidade de vida. A pesquisa demanda compreender as bases culturais sobre as quais as configurações da violência e do crime atuais têm se assentado, revelando certa singularidade histórica que numa perspectiva cultural fomenta um estilo de vida que tem o crime como referência principal.

Essa maneira de viver orienta-se por um *ethos* derivado de uma “mestiçagem” que entrelaça dois complexos históricos criadores de conceitos culturais com capacidade para estruturar estilos de vida em *ethos* próprios. Neste caso, o estilo de vida recebe a influência de elementos da ética da aventura, da ética do trabalho, da “cultura do macho”, da noção de longevidade, e da razão da intensidade, como parâmetros para medir qualidade de vida. Essa mistura pode causar algum desconforto, quando os adeptos desse jeito de viver são confrontados pelo maniqueísmo simplificador da moral hegemônica, enquanto estão seduzidos pela ética do aventureiro. Atormentados por uma sobreposição de valores, desenvolvem um estilo de vida baseado em um *ethos* híbrido, que, mesmo contraditório, se torna sustentável em razão do perfil psicossocial do cearense que, como o brasileiro médio, é capaz de conviver com valores conflitantes, sem maiores dificuldades.

As condições sociais objetivas desfavoráveis relacionadas com desigualdades e estratificações sociais fazem com que jovens vejam no crime possibilidades de aventuras e mobilidade social que podem ser alcançadas por fora do “mundo do trabalho” capitalista convencional. Essas condições objetivas produzidas e reproduzidas no curso do tempo, são conjugadas com elementos culturais, favorecendo o desenvolvimento do crime. É que a negação de possibilidades, dignas e dignificantes, de sobrevivência para grandes contingentes populacionais, aliada à escassez de expectativas de mobilidade social e superação da exclusão e da estratificação, toma aos jovens a esperança, os levando a não acreditar nas promessas e soluções oficiais.

É nesse âmbito que a criminalidade se viabiliza. Em virtude da exclusão e do abandono - pelo Estado e sociedade - de amplos setores da população à própria sorte, o crime logra assumir características de luta social, incorpora reivindicações de melhorias, denuncia a opressão, oferece emprego e renda, bem como acena com a possibilidade de mobilidade social para estratos impedidos, pela lógica dominante, de alcançá-los pelas vias instituídas.

Como o sistema não se altera, as condições desfavoráveis não cedem, e as vidas não melhoram, os agentes passam a problematizar lugares morais que se encontravam naturalizados no interior de uma ordem moral hegemônica. As vias tradicionalmente oferecidas pela sociedade não respondem, satisfatoriamente, às demandas desses setores da população. As regras burocráticas que regem as oportunidades são cada vez mais percebidas como “viciadas”, hipócritas, demagógicas, desonestas e injustas, voltadas para

favorecer classes privilegiadas e prejudicar os menos favorecidos. Com efeito, requisitos defendidos como basilares para o sucesso e a conquista de melhores *status* e condições de vida, como honestidade, gosto pelo trabalho e adesão aos valores dele derivados, e a aceitação das regras morais coercitivas, passam a ser questionados e relativizados por quem não enxerga neles nenhuma possibilidade de ganho ou vantagem.

Ante a obsolescência das regras socialmente validadas, jovens passam a orientar-se por normas novas, aquelas nas quais possam enxergar possibilidades melhores de ganhos e conquistas. Inicia-se uma escalada rumo à ascensão, às margens da sociedade e das suas regras injustas. O “empreendedorismo marginal” exercido no comércio de produtos e serviços criminais, como venda de substâncias proibidas; tráfico de drogas, contrabando, e tráfico de pessoas; assassinatos; sequestros; roubos a banco; construção de túneis para fugas ou roubos; venda e aluguel de armas; ou prostituição, passa a ser considerado como opção de renda e inclusão produtiva. O crime como alternativa de negócios, inclusão e prosperidade econômica e social se mostra como alternativa para indivíduos preteridos pelo sistema econômico e produtivo instituído. Essa representação tem muito de ilusória. Poucos serão aqueles a progredir na criminalidade, pouquíssimos atingirão o topo, a maioria ficará pelo caminho, perderá a liberdade e, muito provavelmente, a vida, antes de usufruir do que o “canto da sereia” do crime anuncia e cada vez menos consegue entregar. Mesmo assim, essa é ainda a melhor oferta de oportunidades a que esses segmentos já tiveram acesso.

Para resistir às forças de coerção da sociedade e inaugurar rotas de escalada social, esses agentes precisam de outras referências éticas e de modos de viver que sejam compatíveis com as suas escolhas. Não conseguem, no entanto, se desvencilhar por completo das referências morais impostas, terminando por constituir um estilo de vida que copia partes dos gostos de outros segmentos sociais, misturando-os aos gostos gerados pelas suas condições objetivas de existência, adotando valores e éticas que se agrupam em arranjos morais contraditórios, porém, sustentáveis em virtude das suas características psicossociais; estilo de vida que leva em conta elementos, tanto de ruptura, como de ressignificação, dos valores predominantes na ordem social contra a qual se rebelam.

Essa modalidade de viver é marcada pela urgência, pelo imediatismo das experiências do “agora” que dessacraliza o rito “natural” da vida, representado na noção da longevidade. A lógica da intensidade inaugura, inclusive, inovadores arranjos de

intimidades destoantes da moral dominante e que mantêm relações com o universo do crime, tal qual os relacionamentos *sugar*, quanto expressões de reconfigurações culturais e sociais, as quais se pode ler tanto numa perspectiva de ruptura como numa óptica de colaboração e confirmação do *establishment*, dependendo de qual variável se priorize na análise.

Examino as práticas criminais no seu caráter material, nas suas configurações mais violentas, quando fazem uso da crueldade como “representação-espetáculo” dirigida à facção rival e/ou ao Estado, como dispositivo para dissuasão. Esse dispositivo se presta, ainda, ao disciplinamento interno e à comunicação da sua periculosidade. É uma espécie de reedição do suplício, agora como expediente de guerra e propaganda, dando vida a um “concurso de horrores” em que facções disputam o *podium* da maldade, dilacerando e amputando membros, e cortando as cabeças dos inimigos, como fazia o “guerreiro branco”, Martin Soares Moreno, há alguns séculos, nas margens do Atlântico, num Ceará que, proporcionalmente, pode ser até mais sangrento do que o atual. São essas reincidências, recriações de tipos e maneiras de violência e crime, que são analisadas nos seus aspectos histórico-sociológicos para ajudar na compreensão das maneiras como se manifestam atualmente.

Resulta dessa pesquisa a percepção de que, fragmentado em territórios, em tradições, em mandos e comandos, o crime no Ceará exprime um caráter ainda indefinido em termos de organização e consolidação cultural, derivando daí certa euforia, exageros que chegam a prejudicar os negócios por atrair atenção e polícia para as áreas de comercialização. O predomínio da vontade de guerra, do bélico, em detrimento do mercado, é outro elemento complicador que faz a violência se aguçar no Estado e marca uma das peculiaridades do crime cearense.

O acesso ao dinheiro, possibilitado pelo “empreendedorismo marginal” do crime, aproxima pelo consumo os gostos dos jovens periféricos aos de setores mais privilegiados da sociedade, no tocante aos bens materiais, mantendo a interdição a bens relacionados com o capital cultural. Isto possibilita uma aproximação, em razão das fronteiras sociais criadas por desigualdades historicamente constituídas, para revelar que estas clivagens não cedem, mesmo quando acontecem aproximações de estilo. As marcas das injustiças e desigualdades sociais permanecem, não se apagam ou amenizam com o compartilhamento de gostos entre estratos diferentes. E essas aproximações podem, inclusive, ressaltar as diferenças, reforçar as mágoas e alimentar o ódio de classes.

Toda essa "miríade" de variáveis, dispositivos, eventos, sentidos, acontecimentos históricos e interpretações das realidades acessadas conduziram o estudo para concluir, não em definitivo - pois a complexidade do tema e a própria natureza das Ciências Sociais não permitem – que, entre os jovens pesquisados, o crime, nas suas maneiras próprias de fazer, expressa como principal peculiaridade a qualidade de poder ser entendido como um estilo de vida, definido por gostos e escolhas valorativas derivados da condição social dos seus adeptos e da apropriação de elementos culturais de outros estratos sociais; estilo de vida composto e recomposto por elementos de produção e reprodução do social, que se liga a antigas instituições por meio de tradições e ressignificações.

Outro aspecto por mim destacado é que o estilo de vida de quem escolheu o crime como instrumento para alterar o seu *status* social também confere identidades a quem adere a ele. São identidades que possibilitam visibilidade, relevância e celebridade; identidades que acolhem as características psicossociais historicamente herdadas e as articula com o resultado cultural da objetividade a que os indivíduos se encontram submetidos. Sendo produzidas sob valores contraditórios, produzem efeitos do mesmo tipo. Se visibilizam e conferem importância, também tornam alvo da sociedade, relegam à condição de párias e os tornam inimigos públicos, passíveis de serem caçados e até eliminados. O efeito, contudo, vai além da autoafirmação da sua identidade, colaborando com a formação de uma identidade comum aos "envolvidos", uma identidade de resistência, que os impulsiona no enfrentamento com a sociedade que os antagoniza, e confere significados às suas lutas e aos desafios que fazem ao Estado, emprestando "verniz social" às suas práticas desviantes e criminais.

Se não se mostram, porque necessariamente não são, generalizáveis, as conclusões deste estudo representam uma amostra consistente do "estado da arte" da violência e crime em comunidades do Ceará, apontando que as diversas peculiaridades das suas maneiras próprias de fazer se coadunam num estilo de vida atraente para grandes contingentes de jovens. No mais, essas conclusões podem funcionar como ponto de partida para novas "aventuras sociológicas" que aprofundem o tema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, André. **Visíveis pela violência! A fragmentação subjetiva do espaço metropolitano**. Tese doutorado em Geografia. Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista/UNESP. 2009. 313 f.
- AMORIM, Carlos. **Comando Vermelho**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.
- AMORIM, Daniela; GONÇALVES, José. A Racionalidade na Ação do Criminoso: Uma Abordagem Sociológica a partir da Teoria da Escolha Racional. In ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, v. 6, n. 6, 2010. Presidente Prudente. **Anais**. p. 21-76.
- AQUINO, Jânia. **Príncipes e castelos de areia: performance e liminaridade no universo dos grandes roubos**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2009. 230 f.
- AZEREDO, Vânia. Nietzsche e a perspectiva de uma nova ética. **ethic@: An international Journal for Moral Philosophy**, Florianópolis. v. 8, n. 1, p. 85-101, 2009.
- BARNS, S. **Student, 20, gets rich, older men to fund her VERY extravagant lifestyle**. 2016. Disponível em <https://www.thesun.co.uk/living/1659692/student-20-gets-rich-older-men-to-fund-her-very-extravagant-lifestyle-but-slams-claims-shes-a-gold-digger/>, acessado em 22 de maio de 2019.
- BARRACLOUGH, C. **100,000 Aussie students have signed up to become Sugar Babies**. Disponível em <http://www.news.com.au/lifestyle/relationships/dating/sugar-babies-100000-aussie-students-have-signed-up-to-find-a-sugar-daddy/news-story/b2874068fc3df08d20b8e7dae88ac9c4>, acessado em 12 de abril de 2019.
- BARREIRA, César. **Muertes violentas y escenarios urbanos: inseguridad, miedo y crueldade**. In Paradoxos da Segurança Cidadã. Porto Alegre: Editorial Tomo, 2016.
- . **Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/NuAP, 1998.
- BARROS, João et al. “Pacificação” Nas Periferias: Discursos Sobre As Violências e o Cotidiano de Juventudes em Fortaleza. **Revista de Psicologia**, v. 9, n. 1. p. 117-128. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1991.
- BECKER, Howard. **Mozart, el asesinato y los límites del sentido común: Cómo construir teoría a partir de casos**. Siglo Vientiuno Editores: Buenos Aires, 2016.
- . **Falando da Sociedade**. Ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

———. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Zahar, 2008.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado**: imanência e transcendência no PCC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. 2009. 196 f.

———. 2008. “A ética evangélica e o espírito do crime”. In **Anais da 26ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**: dilema da (des) igualdade na diversidade. Porto Seguro: ABA (1 CD-ROM). 2008.

BODART, Cristiano. **Tipo Ideal de Max Weber**. Blog Café com Sociologia. 2010. Disponível em: <http://cafecomsociologia.com/2010/11/tipo-ideal-de-max-weber.html>, acessado em: 15 de março de 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. SP: Perspectiva, 2009.

———. “**Violência simbólica e lutas políticas**”. In *Meditações Pascalianas*. Oeiras: Celta, 1998.

———. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

———; SAINT-MARTIN, Monique. *Goûts de classe et styles de vie*. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 5, p. 2-81, 1976.

BROUARD, Pierre; CREWE, Mary. Sweetening the deal? Sugar daddies, sugar mummies, sugar babies and HIV in contemporary South Africa. **Agenda**, v. 26, n. 4, p. 48-56, 2012.

BULLEN, J. “**Sugar baby**” reveals hidden dangers behind £1,000-a-month sex and dating career. Disponível em <http://www.mirror.co.uk/news/uk-news/men-think-youre-pet-sugar-9919714>, acessado em 10 de maio de 2019.

CABRAL, João. “**A Filosofia da História e a astúcia da Razão em Hegel**”. Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-filosofia-historia-astucia-razao-hegel.htm>>. Acesso em 07 de abril de 2018.

CANO, Ignácio. “**Os donos do morro**”: Uma análise exploratória do impacto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) no Rio de Janeiro. São Paulo/ Rio de Janeiro, FBSP/LAV-Uerj. 2012.

CARVALHO, Adriana. “A Teoria Weberiana na Invenção do Brasil: uma análise de Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda.” **Revista Intratextos**. v.3, n.1, p. 80-92. 2011.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

CAVALCANTE, Ricardo. **VIDAS BREVES**: investigação acerca dos assassinatos de adolescentes em Fortaleza. Dissertação de mestrado acadêmico em política públicas e sociedade-MAPPS. Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará. Universidade Estadual do Ceará/UECE. Fortaleza, 2011. 161 f.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano - Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COLLINS, Randall. **Quatro tradições sociológicas**. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2009.

COSTA, Álvaro. **Tipos ideais em Raízes do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. 124 f.

DALY, Elaine. **Sugar Babies and Sugar Daddies: An Exploration of Sugar Dating on Canadian Campuses**. Tese de Doutorado. Carleton University. Ottawa, 2017. 118 f.

DIAS, Camila. Consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista e a nova configuração do poder no universo prisional. In I SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA & POLITICA. UFPR, 2009. Curitiba, **Anais**.

DICIONÁRIO AURÉLIO DE PORTUGUÊS ONLINE. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/>, acessado em 25 de fevereiro de 2018.

DIOGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento hip hop. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 1998. 381 f.

DUBET, François. **La Galère** : Jeunes en survie, Paris: Points, 1987.

DURKHEIM, Émile. **Divisão do trabalho social e Direito**. In Sociologia & Direito: textos básicos para a disciplina de Sociologia Jurídica. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

\_\_\_\_\_. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

\_\_\_\_\_. **Da divisão do trabalho social; As regras do método Sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa. Seleção de textos de José Arthur Giannotti** – 2. ed. São Paulo: abril Cultural, 1983.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador 2**. Zahar, 1993.

ESCOSTEGUY, Ana. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista Famecos**, v. 1, n. 9, p. 87-97, 1998.

FARIAS, Airton. **História da Sociedade Cearense**. Fortaleza: Edições Livro Técnico. 2004.

FELTRAN, Gabriel. **Irmãos: Uma história do PCC**. Editora Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **Fronteiras de Tensão**: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. Tese. Doutorado em Ciências Sociais - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP. 2008. 363 f.

FOUCAULT, Michel. **“Soberania e disciplina”**. In: *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal. 2007.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1987.

FUGANTI, Luiz. Responsabilidade Ética e Irresponsabilidade Moral. **Revista Brasileira de Ciências Criminais/RBCCrim**. Ano. 22, n.109. p. 61-74. Julho/agosto 2014.

GIL, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Where the action is**. Em E. Goffman (Org.), *Interaction ritual* (pp. 149-270). Middlesex, England: Penguin Books. 1967.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Unesp, 1993.

GIRARDELLO, Luiza. Sugar Daddies & Sugar Babies: Uma análise sobre o capital social na plataforma online Meu patrocínio. In 2º EENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO, COMUNICON. 2016. CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO. **Anais**. 2016. p. 1-15.

GOBIND, Jenni; DU PLESSIS, Graham. Sugar daddy: the student attraction. **Gender and Behaviour**, v. 13, n. 2, p. 6720-6729, 2015.

GRILLO, Carolina; HIRATA, Daniel. Sintonia e amizade entre patrões e donos de morro - Perspectivas comparativas entre o comércio varejista de drogas em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**. v. 29, n. 2. p. 75-97. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Editora Lamparina, 2014.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre a desconstrução do popular**. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 246-263.

\_\_\_\_\_. **The centrality of culture:** notes on the cultural revolutions of our time. In THOMPSON, Kenneth (ed.). Media and cultural regulation. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997.

HEGEL, Georg. **A razão na História.** Uma introdução geral à Filosofia da História. São Paulo: Editora Moraes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Introdução à História da Filosofia.** Coleção "Os Pensadores". São Paulo: Nova Cultural, 1989.

HIRATA, Daniel. "Gangsta" rap: possibilidades analíticas e tipo social." **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia.** n. 38. p. 62-67. 2015.

HISRICH, Robert; PETERS, Michael; SHEPHERD, Dean. **Empreendedorismo-9.** AMGH Editora, 2014.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos.** 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

JUNIOR, Clodomir. **Violência, Cidadania e Medo:** Vivências Urbanas em Fortaleza. Fortaleza: UFC, 2008.

LALANDA, Piedade. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. **Análise social,** p. 871-883, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **A Sociologia de Marx.** Rio de Janeiro: Forense, 1968.

LEITE, Márcia. Da "metáfora da guerra" ao projeto de "pacificação": favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Segurança Pública,** v. 6. p. 374-389. 2012.

LEMOS, Marcelo. Estratificação Social na Teoria de Max Weber: Considerações Em Torno do Tema. **Revista Iluminart,** v. 1, n. 9. p.113-127. 2012.

LESSING, Benjamin. As facções cariocas em perspectiva comparativa. **Novos estudos CEBRAP,** n. 80. p. 43-62. 2008.

LOPES, Alden. Entre Bandidos e Rebeldes: o Cangaco sob a Perspectiva da Teoria das Técnicas de Neutralização. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Franca.** Franca. v.11, n.2, dez. p.11-30. 2016.

LUKE, Nancy. Confronting the'sugar daddy'stereotype: age and economic asymmetries and risky sexual behavior in urban Kenya. **International family planning perspectives.** p. 6-14. 2005.

MACEDO, Iolanda. A linguagem musical Rap: expressão local de um fenômeno mundial. **Tempos Históricos,** v. 15, n. 1, p. 261-288. 2011.

- MAGNANI, Guilherme; SOUZA, Bruna. **Jovens na Metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.
- MALVASI, Artur. **Interfaces da vida loka**: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em [http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/malvasi\\_jovens\\_trafico\\_drogas\\_sp\\_tese\\_2012.pdf](http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/malvasi_jovens_trafico_drogas_sp_tese_2012.pdf), acessado em 10 de janeiro de 2019.
- \_\_\_\_\_. Entre a Frieza, o Cálculo e a “Vida Loka”: violência e sofrimento no trajeto de um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. **Saúde Soc.** São Paulo, v.20, n.1, p.156-170, 2011.
- MANSO, Bruno; DIAS, Camila. **A Guerra**: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil. Editora Todavia SA, 2018.
- MARQUES, Adalton. **“Proceder”**: “o certo pelo certo” no mundo prisional. Monografia (Graduação em Sociologia e Política). Escola de Sociologia e Política de São Paulo. 2006.
- MARQUES, Ana Claudia. **Intrigas e questões**: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco. Relume Dumará, 2002.
- MATOS, Clodomir. **Violência, cidadania e medo: vivências urbanas em Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. 137 f.
- MATTOS, Carla. “Uma etnografia da expansão do mundo do crime no Rio de Janeiro”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, Vol. 31, no 91, pp. 1-15. 2016.
- MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MELLO, Frederico. **Guerreiros do Sol**: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: A Girafa, 2004.
- MERTON. Robert K. **Teoria y Estructura Sociales**. Mexico: FCE, 2004.
- \_\_\_\_\_. **“Estrutura Social e Anomia”**, in R. Merton Sociologia. Teoria e Estrutura, São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.
- MILLS, C. W. **Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- MINAYO, Maria. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 23-26, 2005.
- \_\_\_\_\_. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. X, n. 1, p. 7-18, 1994.

MISSE, Michel. **Crime urbano, sociabilidade violenta e ordem legítima. Comentários sobre as hipóteses de Machado da Silva.** Mimeo. Rio de Janeiro, 1997.

MIXON, Franklin. Sugar daddy u: human capital investment and the university-based supply of ‘romantic arrangements’. **Applied Economics**, v. 51, n. 9, p. 956-971, 2019.

NELSON, E. D. Sugar daddies: “Keeping” a mistress and the gentleman's code. **Qualitative Sociology**, v. 16, n. 1, p. 43-68, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zarathustra.** 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Além do bem e do Mal ou Prelúdio de Uma Filosofia do Futuro.** São Paulo: Hemus Livraria, Distribuidora e Editora S.A. 2001.

\_\_\_\_\_. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral.** In Os pensadores. Nietzsche. Obras Incompletas, p. 43-52, 1979.

NOVAIS, Maysa. Do Chão da Fábrica à Fábrica Carcerária. **Revista de Criminologias e Políticas Criminais**, v. 2, n. 2, p. 117-130, 2016.

OLIVEIRA, Eliézer. Apontamentos para uma sociologia da valentia. **Sociologias.** Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 336-362, 2016.

PAIVA, Eduardo. **Dar nome ao novo:** uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagens e o mundo do trabalho). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PAIVA, Luiz. **Contingências da violência em um território estigmatizado.** Campinas: Pontes, 2014.

\_\_\_\_\_. Nas margens do Estado-nação: as falas da violência na tríplice fronteira amazônica. **Revista TOMO**, 2015. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/4651>, acessado em 30 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. **“Aqui não tem gangue, tem facção”:** As transformações sociais do crime em Fortaleza. 2018, no prelo.

\_\_\_\_\_. As dinâmicas do mercado ilegal de cocaína na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2018, no prelo.

\_\_\_\_\_. Muertos en la ciudad: el escenario de los asesinatos de jóvenes em Fortaleza. Paradoxos da Segurança Cidadã. **Editorial Tomo.** Porto Alegre. p.371-394, 2016.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

PIRES, Artur. **“A Vida do Crime é Louca”**: As Relações Criminais Em Um Complexo de Favelas. Dissertação. Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. 2018. 298 f.

PSI. **O Abrigo**. Direção: Max Calligaris. S02. E1. São Paulo: Home Box Office/HBO, 2015. Disponível em: <https://br.hbomax.tv/serie/Psi-02-Eps-01/501401/TTL603427>

RAPSÓDIA. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2018. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/Rapsodia>, acessado em 19 de março, 2019.

RICARDO, Sérgio. **Perseguição**. MPB. In Filme Deus e o Diabo na Terra do Sol. 1964.

RICOEUR, Paul. **Ética y moral**. In Doce textos fundamentales de la Ética del siglo XX, p. 241-255. 2002.

RINGER, Fritz. **Metodologia de Max Weber**: A Unificação das Ciências Culturais e Sociais. Edusp: 2004.

RODRIGUES, Emanuelle; PATRIOTA, Karla. O ethos Sugar e a racionalidade empreendedora de um “pote de açúcar”. **Virtual11**, São Paulo. p.1-15. 2018.

RONDON, Edson; FREIRE, Francisco. Monopólio Legítimo da Força como Processo Civilizador: Weber e Elias em Perspectiva. In XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR. 10, 11, 12 e 13 de novembro. 2009. Recife. **Anais**. p.1-8.

RUI, Maria. **A Sociologia Compreensiva de Weber e a Sua Relação Com o Direito**. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/a-sociologia-compreensiva-de-weber-e-a-sua-relacao-com-o-direito/60331/>, acessado em 15 de março de 2017.

SÁ, Leonardo; AQUINO, Jânia. “Guerra das facções” no Ceará (2013-2018): Socialidade Armada e Disposição Viril para Matar ou Morrer. In: 42º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2018, Caxambu, MG. **Anais**. p. 1-30.

SABADELL, Ana. **Manual de sociologia jurídica: introdução a uma leitura externa do direito**. 4. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos pagu**, n. 16, p. 115-136, 2001.

SALDANHA, Ana. **Menoridade Penal em Face as Escolas Sociológicas do Crime**. 2008. Disponível em: <http://sisnet.aduaneiras.com.br/lex/doutrinas/arquivos/face.pdf>, acessado em 08 de abril de 2018.

SALES, Ana. **Da Violência ao Amor**: Economias Sexuais entre “Crimes” e “Resgates” em Fortaleza. Tese. Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2018. 448 f.

SANTOS, José; Barreira, César. **Paradoxos da Segurança Cidadã**. Porto Alegre: Editorial Tomo, 2016.

SARAIVA, Karla; VEIGA, Alfredo. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 2, p. 187-201, 2009.

SELINGER-Morris, S. **Thank you, Daddy: The rise of “sugar” relationships**. Retrieved March 20, 2017, disponível em <http://www.abc.net.au/news/2016-09-10/inside-the-world-of-sugar-relationships/782258>, acessado em 20 de maio de 2019.

SHECAIRA, Sérgio. **Criminologia**. São Paulo: Editora RT, 2004.

SHEFER, Tamara; STREBEL, Anna. Deconstructing the ‘sugar daddy’: A critical review of the constructions of men in intergenerational sexual relationships in South Africa. **Agenda**, v. 26, n. 4, p. 57-63, 2012.

SCOTT, James. **A dominação e a arte da resistência**: discursos ocultos. Lisboa: Letra Livre, 2013.

SILVA, Eufrida. Corpo e violência em Michel Foucault: VIGIAR E PUNIR. **Sistema Penal & Violência**, v. 3, n. 2, p.112-118. 2011.

SPINK, Mary, et al. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 18, n. 1, p. 26-38, 2005.

STOREY, John. Popular culture as mass culture. Inventing popular culture. Oxford: **Blackwell Publishing**, p. 16-31. 2003.

TAVARES, Elisângela. O Aumento da Criminalidade no Brasil: Uma Relação Direta com o IDH Brasileiro. **SYNTHESIS| Revista Digital FAPAM**, v. 7, n. 7, p. 229-239, 2016.

TRISTÃO, Marise. O Medo e a Violência no Rio de Janeiro: A Construção dos Sujeitos no Ordenamento da Cidade. **CES Revista**, v. 32, n. 2. p. 195-220. 2018.

UNICEF. **Trajetórias interrompidas**: homicídios na adolescência em Fortaleza e em Seis municípios do Ceará. Fortaleza, 2017. Disponível em [https://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_36316.html](https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_36316.html), acessado em 08 de abril de 2018

VEREDA. **Dicionário online Michaelis**, 14 de março, 2019. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=QwOVZ>, acessado em 15 de março de 2019.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília, 3. ed. Editora UnB, 2000.

———. **A objetividade do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 1999.

———. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1997.

———. **Metodologia das ciências sociais**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

———. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1979.

WHYTE, William. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

WYROD, Robert et al. Beyond sugar daddies: intergenerational sex and AIDS in urban Zimbabwe. **AIDS and Behavior**, v. 15, n. 6, p. 1275-1282, 2011.

ZALUAR, Alba. **Da revolta ao Crime S/A**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

———. **Condomínio do Diabo**. Revan - UFRJ. Rio de Janeiro, 1994.

———. **A Máquina e a Revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZENI, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 225-241, 2004.

\*\*\*

### Matérias de Jornais e Revistas

A CONTA da "pacificação" chegou. *O Povo*. 2017. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2017/10/a-conta-da-pacificacao-chegou.html>, acessado em 29 de março de 2018.

ACÇÃO da GDE novamente amedronta e faz refém a população de Fortaleza. *Portal da AICE*. 2018. Disponível em <https://www.al.ce.gov.br/index.php/todas-noticias/item/71588-acao-da-gde-novamente-amedronta-e-faz-refem-a-populacao-de-fortaleza>, acessado em 22 de março de 2019.

ACÇÃO DA GDE novamente amedronta e faz refém a população de Fortaleza. *Diário do Nordeste*. 2018. Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/seguranca/acao-da-gde-novamente-amedronta-e-faz-refem-a-populacao-de-fortaleza-1.1886684>, acessado em 21 de março de 2019.

ALESSI, Gil. Sobral, a cidade da “passeata do crime” e da “lei da perna manca”. *El País*. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/politica/1471636285\\_536064.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/19/politica/1471636285_536064.html), acessado em 29 de março de 2018.

ALMEIDA; XEREZ. Ceará chega à marca de 5 mil assassinatos em 2017. *Portal G1*. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/ceara-chega-a-marca-de-5-mil-assassinatos-em-2017.ghtml>, acessado em 29 de março de 2018.

ANDRADE, Crislayne. Realismo fantástico no Brasil. *Portal Concursos no Brasil*. 2018. Disponível em <https://www.concursosnobrasil.com.br/escola/literatura/realismo-fantastico-no-brasil.html>, acessado em 20 de março de 2018.

BARBOSA, Lucas. estatuto-gde. *Tribuna do Ceará*. 2017. Disponível em <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/segurancapublica/com-estatuto-e-arrecadacao-mensal-maior-facao-do-ceara-desafia-controle-do-estado/attachment/estatuto-gde/>, acessado em 30/04/2018.

BERTHO, Helena. "Saio com homens que banquem meus gostos caros, mas não faço sexo". *Portal UOL*. 2017. Disponível em <https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/05/19/saio-com-homens-que-banquem-meus-gostos-caros-mas-nao-faco-sexo.htm>, acessado em 27 de maio de 2017.

BORGES, Gabriel. Imigrantes de países violentos ou em guerra civil falam sobre o medo que sentem ao andar nas ruas em Fortaleza. *Tribuna do Ceará*. 2018. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/segurancapublica/em-4-anos-de-guerra-nunca-senti-medo-como-em-fortaleza-relata-imigrante-sirio/amp/>, acessado em 30 de março de 2018.

CADEIA PÚBLICA de Itapajé vira palco da 2ª chacina no CE em apenas 3 dias. *Diário do Nordeste*. 2018. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/cadeia-publica-de-itapaje-vira-palco-da-2-chacina-no-ce-em-apenas-3-dias-1.1887153>, acessado em 29 de março de 2018.

CARNEIRO, Júlia. Três anos de UPPs no Rio: Entenda os avanços e desafios do programa. *Portal BBC Brasil*. 2011. Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111219\\_qa\\_upps\\_jc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111219_qa_upps_jc), acessado em 29 de março de 2018.

CHACINA EM MANSÃO da praia do Porto das Dunas deixa seis mortos. *Tribuna do Ceará*. 2017. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/segurancapublica/chacina-em-mansao-da-praia-do-porto-das-dunas-deixa-seis-mortos/>, acessado em 29 de março de 2018.

DECLERQ, Marie. Pesquisador explica a violência no Ceará: “Ao longo de 20 anos o Estado viu essas pessoas se matarem sem nunca interferir”. 2018. *Portal VICE*. Disponível em [https://www.vice.com/pt\\_br/article/bj5gz3/pesquisador-explica-a-violencia-no-ceara-ao-longo-de-20-anos-o-estado-viu-essas-pessoas-se-matarem-sem-nunca-interferir](https://www.vice.com/pt_br/article/bj5gz3/pesquisador-explica-a-violencia-no-ceara-ao-longo-de-20-anos-o-estado-viu-essas-pessoas-se-matarem-sem-nunca-interferir), acessado em 03 de abril de 2018.

DIÓGENES, Juliana. GDE é facção criminosa nova, atrai adolescentes e tem 'crueldade como marca', diz sociólogo. *Estadão*. 2018. Disponível em <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,gde-e-facao-criminosa-nova-atrai-adolescentes-e-tem-crueldade-como-marca-diz-sociologo,70002168237>, acessado em 30 de abril de 2018.

DOIS ANOS depois, Chacina da Grande Messejana está longe do desfecho. *O Povo*. 2017. Disponível em <https://www.opovo.com.br/jornal/cotidiano/2017/11/dois-anos-depois-chacina-da-grande-messejana-esta-longo-do-desfecho.html>, acessado em 26 de março de 2018.

FILGUEIRAS, Isabel. Carro-bomba é encontrado perto da Assembleia do Ceará. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 de abril de 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/04/1757757-carro-bomba-e-encontrado-perto-da-assembleia-do-ceara.shtml>, acessado em 27 de março de 2018.

GALLUCCI, Marina. Índice de confiança do consumidor mundial retrai. *Portal EmóBILE*. 2015. Disponível em: <http://www.emobile.com.br/site/varejo/nielsen-confianca-do-consumidor/>, acessado em 23 de março de 2018.

INVESTIGAÇÕES REVELAM presença do PCC no CE. *Portal UECE*. 2013. <http://www.uece.br/labvida/index.php/noticias/14-lista-de-noticias/541-investigacoes-revelam-presenca-do-pcc-no-ce>, acessado em 29 de março de 2018.

MADEIRO, Carlos. Estratégico para o tráfico, Ceará vira centro de distribuição de droga e esconde guerra de facções. *Portal UOL*. 2018. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2018/02/25/estrategico-para-o-traffic-ceara-vira-centro-de-distribuicao-de-drogas-e-esconde-guerra-de-faccoes.htm?cmpid=copiaecola>, acessado em 04 de abril de 2018.

MAIOR CHACINA da história do Ceará deixa 14 mortos no bairro Cajazeiras. *O POVO*. 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/01/maior-chacina-da-historia-do-ceara-deixa-dezoito-mortos.html>, acessado em 29 de março de 2018.

MELO, Emanoela. Guerra entre CV e GDE resultou na Chacina do Benfica. *Diário do Nordeste*. 2018. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/guerra-entre-cv-e-gde-resultou-na-chacina-do-benfica-1.1914478>, acessado em 29 de março de 2018.

PAIVA, Ricardo. Conheça os perfis das facções que atuam no Ceará. *O Povo*. 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/03/conheca-os-perfis-das-faccoes-que-atuam-no-ceara.html>, acessado em 29 de março de 2018.

PAIVA, Thiago. Como se distribuem as facções nos presídios cearenses. *O Povo*. 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/reportagem/2018/02/como-os-presidios-estao-loteados-pelas-faccoes.html>, acessado em 29 de abril de 2018.

POR QUE MORREM tantos jovens na capital mais perigosa do Brasil para adolescentes. *Portal UOL*. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2017/06/06/por-que-morrem-tantos-jovens-na-capital-mais-perigosa-do-brasil-para-adolescentes.htm>, acessado em 26 de março de 2018.

TAVARES, Roberta. Levantamento aponta presença de 120 membros do PCC no Ceará. *Tribuna do Ceará*. 2013. Disponível em:

<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/ceara/levantamento-aponta-presenca-de-120-membros-do-pcc-no-ceara/>, acessado em 29 de março de 2018.

\*\*\*

## Músicas

ATITUDE FEMININA. RAP/Hip Hop. **Enterro do neguinho**, In.: CD Rosas. Produção: Atitude Fonográfica. Distribuição: Marola Discos e Porte Ilegal. 1 CD. Faixa 03. 2006.

CONEXÃO GANGSTA CAUCAIA. **Do sertão à praia**. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=XGEqYWbs\\_-Q](https://www.youtube.com/watch?v=XGEqYWbs_-Q), acessado em 25 de fevereiro de 2018.

CORO MC; Carlos Galo. "**Desse Lado**". Rap/Hip Hop. Produção musical: Coro Mc. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5QG42BBY2Dc>, acessado em 29 de março de 2018.

DON, L. **Morra bem, viva rápido**. RAP/Hip Hop. Youtube. DIREÇÃO: João Seguro PRODUÇÃO: Mariana Rodrigues MONTAGEM: João P. Duarte. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jTPZ873QGko>, acessado em 26 de março de 2018.

DON PIXOTE; NATHY MC. **Jim Beam**. In. Álbum "Don Pixote". São Paulo: Bagua Records. 2016. 1CD. Faixa 08.

FELIPE, Ret. RAP/Hip Hop. **Chefe do Crime Perfeito**. In.: CD Revel. Fat MC Cidinho. Produção Neguim. BUUUM Trax. 1 CD. Faixa 01. 2015.

LEGIÃO, Urbana. CD Uma outra estação – **La Maison Dieu**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon. Renato Russo, 6,53min. 1997.

MC ORELHA. **Guardiões do Estado**. Funk. Youtube. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6pdSNwAEXls>, acessado em 30 de março de 2018.

RACIOCÍNIO BRUTAL. **Se não fosse o corre**. RAP/Hip Hop. 2015. Youtube. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=1&v=U6pE6ra-KAs](https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=U6pE6ra-KAs), acessado em 03 de abril de 2018.

RACIONAIS MC'S. RAP/Hip Hop. **Artigo 157**, In.: Álbum Nada como um Dia após o Outro Dia. Cosa Nostra. 1CD. Faixa 09. 2002.

\_\_\_\_\_.RAP/Hip Hop. **Negro Drama**, In.: Álbum Nada como um Dia após o Outro Dia. Cosa Nostra. 1CD. Faixa 05. 2002.

THIAGÃO e os Kamikazes do Gueto. **Dinheiro é pra gastar e voltar troco**. Disco Fim dos Dias. Independente. 1CD. Faixa 08. 2009.

TRIBO DA PERIFERIA. RAP/Hip Hop. **Sem Rótulo**. Álbum “4º Último”. Kamikaze.  
1 CD. Faixa 02. 2016.